



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
(PROEF)

JOÃO BATISTA COUTINHO NETTO

**OS INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE
UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
(PROEF)

JOÃO BATISTA COUTINHO NETTO

**OS INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE
UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Educação Física da
Universidade Federal de São Carlos, para
obtenção do título de mestre em Educação
Física

Área de Concentração: Educação Física Escolar

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yara Aparecida Couto

SÃO CARLOS – SP
2024



Coutinho Netto, João Batista

Os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física escolar: uma proposta de unidade didática para o ensino fundamental / João Batista Coutinho Netto -- 2024. 199f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Yara Aparecida Couto
Banca Examinadora: Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Gisele Maria Schwartz
Bibliografia

1. Educação Física escolar. 2. Educação para e pelo lazer. 3. Interesses culturais do lazer. I. Coutinho Netto, João Batista. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Joao Batista Coutinho Netto, realizada em 21/03/2024.

Comissão Julgadora:


Profa. Dra. Yara Aparecida Couito (UFSCar)


Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)


Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz (UNESP)



Dedico este trabalho à Santíssima Trindade que sois um só Deus, nas pessoas do Pai, meu criador, de Nosso Senhor Jesus Cristo, meu redentor, e do Espírito Santo, que me cobre cotidianamente de imerecidas graças. O dedico ainda à minha família amada, que me ajudou a carregar este fardo, acompanhando e sofrendo na própria pele tudo aquilo que mais ninguém testemunhou.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai de misericórdia pelo dom da vida, pelo sustento da minha existência no ser e por me cumulares de imerecidas graças, eu que sou teu servo infiel e indigno, que a vós suplico perdão por minhas faltas, dentre as quais, mesmo que por instantes, deslocá-Lo do centro da minha atenção e da minha motivação primeira e última.

Dou-Vos graças, Senhor, Pai Santo, Deus Eterno e Onnipotente, a Vós, que mesmo sem merecimento nenhum de minha parte, mas por completo efeito de Vossa infinita misericórdia, Vos dignastes saciar-me, sendo eu pecador, com a Tua graça santificante, e com o salvífico e redentor sacrifício de Vosso unigênito e amado filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dignai-Vos, Senhor, eu Vos suplico, conduzir-me a mim pecador, a esse inefável banquete onde, com o Vosso Filho e o Espírito Santo, Sois para os Vossos santos, luz verdadeira, gozo pleno e alegria eterna, cúmulo de delícias e felicidade perfeita.

Rendo graças à Virgem Santíssima, minha Rainha, Senhora e Mãe, por interceder desde o seu imaculado coração ao sacratíssimo e chagado coração de vosso amado filho, para que me tornes digno das promessas de Cristo.

Agradeço à minha família, por todo apoio extra despendido ao longo desses dois intensos anos em que minha atenção se dividia entre as diversas obrigações a que está submetido o pobre e atomizado homem moderno, tanto pior quando ainda sustente alguma vocação intelectual.

Agradeço a todo pagador de impostos que, sob pesado fardo e áspero jugo, sustenta, pelo suor do seu rosto e calos de suas mãos, iniciativas públicas, as quais, na maior parte das vezes, não costuma ter acesso.

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, de forma singular àqueles dos Polos de São Carlos e Rio Claro, pelas aulas ministradas e os conhecimentos compartilhados, alguns dos quais motivaram a pesquisa realizada neste trabalho.

Agradeço de forma especial à minha orientadora, a Professora Doutora Yara Aparecida Couto, a quem preservo em alta estima de longa data, desde a graduação, e



que sempre esteve pronta para acolher-me de maneira muito cuidadosa e interessada, deixo meu muito obrigado.

Agradeço também a Professora Doutora Gisele Maria Schwartz, que despendeu seu precioso tempo de maneira muito solícita e com a agudeza intelectual que a caracteriza, oferecendo suas contribuições, já notórias e públicas para o tema e para a área, também, de forma particular, para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço imensamente ao Professor Doutor Fábio Ricardo Mizuno Lemos, primeiramente pela responsabilidade direta na escolha do tema, quando da desafiadora mudança de rumos do projeto, muito em função da sua disciplina sobre os interesses culturais do lazer, ministrada durante o programa, mas sobretudo pelo apoio e carinho com todo o contexto em que essas mudanças aconteceram, obrigado por sua generosidade e empatia.

Agradeço à iniciativa Minha Impalpável Biblioteca, que graças ao seu acervo digital de livros raríssimos, possibilitou-me a conclusão dessa empreitada em função do acesso facilitado às obras escassas.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de algum modo contribuíram para a consecução desse objetivo, desde os alunos participantes, seus pais e responsáveis que confiaram em meu trabalho, à gestão da escola, por todo apoio e confiança, bem como a toda a rede municipal de ensino.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)



COUTINHO NETTO, J. B. **Os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física escolar: uma proposta de unidade didática para o ensino fundamental.** 2024. 199f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

RESUMO

Considerando a relevância da temática lazer assinalada pelo acúmulo de estudos nessa área, bem como a importância que o assunto pode assumir, por meio de seus valores e conteúdos culturais na interface com o ambiente escolar e ainda em consonância com o debate corrente sobre a garantia de direitos de acesso constitucionais às experiências deste âmbito, esta pesquisa teve por objetivo investigar as potencialidades pedagógicas da aplicação de uma Unidade Didática, constituída de 10 aulas, sobre os Interesses Culturais do Lazer nas aulas de Educação Física Escolar. A abordagem de cunho qualitativo, por meio da metodologia da pesquisa-ação, foi efetivada com todos os 18 alunos de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal do interior paulista. As notas de campo serviram como instrumento de coleta de dados e a posterior análise dos dados ocorreu por intermédio da análise de conteúdo. Os esforços de investigação revelaram duas categorias: A) Urgência de uma educação para o lazer; B) O lazer na escola e o lazer da escola. Os resultados apontaram o potencial do lazer como temática da Educação Física, não obstante a limitação curricular vigente acerca dos espaços, tempos, e ações pedagógicas voltados para as experiências deste âmbito no ambiente escolar; expressou ainda as deficitárias concepções discentes acerca do fenômeno do lazer, bem como das possibilidades legais de vivências deste contexto. A partir das análises alcançadas consideramos que, uma educação escolar que tenha como pretensão empregar o lazer – na vertente dos interesses culturais – como meio e com fim de seus processos, atualizará a formação de seres humanos conscientes de seus direitos e preparados para assumirem seus deveres para consigo mesmos e frente às suas responsabilidades sociais. Reafirmamos o lazer da escola, segundo uma perspectiva própria voltada para este ambiente, não como uma reprodução irrefletida do lazer de consumo, mas antes emancipatório, encontrando nas aulas de Educação Física espaço privilegiado de desenvolvimento, muito embora deva ser explorado em outras disciplinas e em ações diretas da gestão escolar. Reforçamos ainda nosso entendimento de que o lazer, conquanto sua característica transversal, que perpassa diversos conteúdos da Educação Física, reúne qualidades para assumir a condição de temática central, a



exemplo dos jogos, esportes, lutas etc., no escopo da Educação Física escolar, figurando em documentos curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular¹, como unidade de conhecimento, a partir da qual, habilidades e conteúdos possam ser desenvolvidos e ofertados aos alunos, visando a uma educação para o lazer, por meio da educação pelo lazer.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Educação para o Lazer, Educação pelo Lazer, Interesses Culturais do Lazer.

COUTINHO NETTO, J. B. **The cultural interests of leisure in school Physical Education classes: a proposal for a didactic unit for elementary school.** 2024. 199f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

ABSTRACT

Considering the relevance of the leisure theme highlighted by the accumulation of studies in this area, as well as the importance that the subject can assume, through its values and cultural content in the interface with the school environment and also in line with the current debate about the guarantee of constitutional access rights to experiences in this area, this research aimed to investigate the pedagogical potentialities of the application of a Didactic Unit, consisting of 10 classes, on the Cultural Interests of Leisure in School Physical Education classes. The qualitative approach, through the methodology of action research, was carried out with the 18 students of a 5th grade class of Elementary School, in a municipal school in the interior of São Paulo. Field notes served as a data collection instrument and the subsequent data analysis occurred through content analysis. The research efforts revealed two categories: A) Urgency of an education for leisure; B) Leisure in school and leisure of the school. The results pointed out the potential of leisure as a Physical Education theme, notwithstanding the current curricular limitation about spaces, times, and pedagogical actions aimed at experiences in this area in the school environment; it also expressed the deficient student conceptions about the phenomenon of leisure, as well as the legal possibilities of experiences in this context. From the analyses reached, we consider that a school

¹ Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento de abrangência nacional que define os parâmetros educacionais mínimos obrigatórios da Educação Básica brasileira.



education that intends to employ leisure - in the aspect of cultural interests - as a means and finality of its processes, will update the formation of human beings aware of their rights and prepared to assume their duties towards themselves and in the face of their social responsibilities. We reaffirm school leisure, according to a perspective of its own aimed at this environment, not as an unreflective reproduction of consumer leisure, but rather emancipatory, finding in Physical Education classes a privileged space for development, although it should be explored in other disciplines and in direct actions of school management. We also reinforce our understanding that leisure, given its transversal characteristic, which permeates various contents of Physical Education, gathers qualities to assume the condition of central theme, as an example of games, sports, fights etc., in the scope of School Physical Education, appearing in curricular documents, such as the Brazilian Common Core², as a unit of knowledge, from which skills and contents can be developed and offered to students, aiming at an education for leisure, through education by leisure.

Keywords: School Physical Education, Education for Leisure, Education through Leisure, Cultural Interests of Leisure.

COUTINHO NETTO, J. B. **Los intereses culturales del ocio en las clases de Educación Física escolar: una propuesta de unidad didáctica para la escuela primaria.** 2024. 199f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

RESUMEN

Considerando la relevancia del tema del ocio destacado por la acumulación de estudios en esta área, así como la importancia que el tema puede asumir, a través de sus valores y contenidos culturales en la interfaz con el entorno escolar y también en línea con el debate actual sobre la garantía de derechos de acceso constitucionales a experiencias en esta área, esta investigación tuvo como objetivo investigar las potencialidades pedagógicas de la aplicación de una Unidad Didáctica, compuesta por 10 clases, sobre los Intereses Culturales del Ocio en las clases de Educación Física Escolar. El enfoque

² Brazilian Common Core is the translation of the term “Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”, which designates the nationwide document responsible for indicating the basic educational parameters in Brazil



cuantitativo, a través de la metodología de la investigación-acción, se llevó a cabo con los 18 estudiantes de una clase de 5° grado de la Escuela Primaria, en una escuela municipal en el interior de São Paulo. Las notas de campo sirvieron como instrumento de recolección de datos y el posterior análisis de datos ocurrió a través del análisis de contenido. Los esfuerzos de investigación revelaron dos categorías: A) Urgencia de una educación para el ocio; B) Ocio en la escuela y ocio de la escolar. Los resultados señalaron el potencial del ocio como tema de Educación Física, a pesar de la limitación curricular actual sobre espacios, tiempos y acciones pedagógicas dirigidas a experiencias en esta área en el entorno escolar; también expresó las deficientes concepciones estudiantiles sobre el fenómeno del ocio, así como las posibilidades legales de experiencias en este contexto. A partir de los análisis alcanzados, consideramos que una educación escolar que pretende emplear el ocio - en el aspecto de los intereses culturales - como medio y fin de sus procesos, actualizará la formación de seres humanos conscientes de sus derechos y preparados para asumir sus deberes hacia sí mismos y ante sus responsabilidades sociales. Reafirmamos el ocio escolar, según una perspectiva propia dirigida a este entorno, no como una reproducción irreflexiva del ocio de consumo, sino más bien emancipadora, encontrando en las clases de Educación Física un espacio privilegiado para el desarrollo, aunque debería ser explorado en otras disciplinas y en acciones directas de la gestión escolar. También reforzamos nuestro entendimiento de que el ocio, dado su carácter transversal, que permea varios contenidos de Educación Física, reúne cualidades para asumir la condición de tema central, como ejemplo de juegos, deportes, peleas, etc., en el ámbito de la Educación Física Escolar, apareciendo en documentos curriculares, como la Base Nacional Común Curricular³, como una unidad de conocimiento, a partir de la cual se pueden desarrollar y ofrecer habilidades y contenidos a los estudiantes, con el objetivo de una educación para el ocio, a través de la educación por el ocio.

Palabras clave: Educación Física Escolar, Educación para el Ocio, Educación por el Ocio, Intereses Culturales del Ocio.

³ Base Nacional Común Curricular es la traducción del término ‘Base Nacional Comum Curricular (BNCC)’, que designa el documento de alcance nacional responsable de indicar los parámetros educativos básicos en Brasil



LISTA DE TABELAS

Quadro 1. Estrutura das aulas.....	51
Quadro 2. Unidade Didática – Os Interesses Culturais do Lazer nas Aulas de Educação Física Escolar.....	58
Quadro 3. Referência dos índices segundo relevância.....	76
Quadro 4. Unidades de codificação por similaridade temática.....	77
Quadro 5. Constituição das categorias de análise.....	78
Quadro 6. Nomes Fictícios.....	115



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo.....	72
Figura 2. Desenvolvimento de uma análise.....	75
Figura 3. Desenhando o conceito de lazer.....	118
Figura 4. Alunos desenhando.....	119
Figura 5. Aluna desenhando o que entende por lazer.....	120
Figura 6. Finalizando a primeira aula.....	125
Figura 7. Apresentação da Aula 2.....	126
Figura 8. Alunos confeccionando cartazes sobre os interesses culturais do lazer.....	128
Figura 9. Cartaz dos interesses virtuais do lazer.....	130
Figura 10. Cartaz interesses manuais do lazer.....	132
Figura 11. Cartazes confeccionados.....	132
Figura 12. Alunos reunidos para o futsal.....	135
Figura 13. Jogando futsal.....	135
Figura 14. Alunos dançando.....	137
Figura 15. Alunos dançando Forró.....	137
Figura 16. Aluna passeando de bicicleta.....	138
Figura 17. Alunos dançando em semicírculo.....	138
Figura 18. Vivência do Ultimate Frisbee.....	139
Figura 19. Roda de conversa.....	140
Figura 20. Alunos jogando ludo e Stop.....	141
Figura 21. Jogando Cara a cara.....	142
Figura 22. Jogando caiu, perdeu.....	142
Figura 23. Banco imobiliário.....	143
Figura 24. Jogo Cilada.....	144
Figura 25. Jogo Uno.....	144
Figura 26. Dominó.....	145
Figura 27. Jogo dos palitos.....	146
Figura 28. Sudoku e palavras cruzadas.....	146
Figura 29. Tetris em madeira.....	147
Figura 30. Jogo War.....	147
Figura 31. Piquenique.....	149



Figura 32. Roda de conversa da aula 5.....	151
Figura 33. Jogos de automobilismo e Skate.....	154
Figura 34. Conscientização.....	155
Figura 35. Google Earth.....	156
Figura 36. Jogos eletrônicos de mesa.....	156
Figura 37. Mesa digitalizadora.....	157
Figura 38. Joystick conectado ao celular via Wi-Fi.....	157
Figura 39. Jogo Super Mario no console Super Nintendo.....	158
Figura 40. Pac-Man adaptado com o corpo.....	158
Figura 41. Turma reunida para o passeio.....	160
Figura 42. Reunidos em frente à escola.....	161
Figura 43. Caminhando pelo bairro.....	162
Figura 44. Casarão antigo.....	163
Figura 45. Sobrado por terminar.....	163
Figura 46. Entrada da “ruinha”	164
Figura 47. Campinho.....	165
Figura 48. Ponte.....	166
Figura 49. Bebendo água na casa da vó.....	167
Figura 50. Retornando à escola.....	167
Figura 51. À sombra da árvore.....	168
Figura 52. Produção artística.....	170
Figura 53. Pintura à guache em cartolinas.....	171
Figura 54. Fotos artísticas: Lírio-da-paz e estojo do Flamengo.....	172
Figura 55. Fotos artísticas: Refeitório.....	173
Figura 56. Antúrio.....	174
Figura 57. Cróton.....	175
Figura 58. Árvore torta.....	176
Figura 59. Araucária, pinheiro.....	177
Figura 60. Árvore reta.....	178
Figura 61. Hall de entrada da escola.....	179
Figura 62. Mangueira.....	179
Figura 63. Céu acinzentado.....	180



Figura 64. Confeccionando armações de pipa.....	181
Figura 65. Interesses manuais do lazer.....	182
Figura 66. Molde para fazer armação.....	183
Figura 67. Encapando as pipas.....	184
Figura 68. Encapando as pipas, cores diversas.....	185
Figura 69. Pipas prontas.....	186
Figura 70. Seguindo em direção à praça.....	188
Figura 71. Reunidos para o festival de pipas.....	189
Figura 72. Empinando as primeiras pipas no festival.....	190
Figura 73. Pipa no ar, céu azul ao fundo.....	190
Figura 74. Pipa azul no céu.....	191
Figura 75. Pipas no gramado.....	192
Figura 76. Pipa amarela.....	192
Figura 77. Pipeira com sua pipa.....	193
Figura 78. Pipas entre nuvens.....	193
Figura 79. Despedida do projeto.....	194



LISTA DE ABREVIATURAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil
CELAR	Centros de Estudos de Lazer e Recreação
CO	Comentários do Observador
I	Índice
N	Nota de Campo
ProEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
Sesc	Serviço Social do Comércio
UD	Unidade Didática
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos



9.3	Item C – Carta de Autorização.....	112
9.4	Item D – Produto Educacional.....	113
9.5	Item E – Notas de Campo (Dados coletados).....	114
10	ANEXOS	195
10.1	Item A – Parecer Consubstanciado – CEP/UFSCar	195

1 INTRODUÇÃO

As dinâmicas da vida humana no contexto urbano vêm sofrendo constantes alterações nas últimas décadas em razão de uma confluência de fatores, de modo que, costumes, que outrora formavam parte do hábito de muitos brasileiros, sejam agora preteridos ou mesmo ignorados enquanto possibilidades humanas. Brincar na rua encerra um desses atos que já não produz o mesmo interesse infantojuvenil que despertava em outros tempos, permanecendo agora entre as tradições populares sujeitas a caírem no esquecimento.

Apesar de ter nascido em Vitória, no Espírito Santo, antes mesmo de completar um ano, minha família migrou-se para Santa Cruz das Palmeiras, pequeno município do interior paulista, no qual o povo pacato, o clima de segurança e as ruas pouco movimentadas, constituíam convite constante para que as crianças ocupassem esse espaço-tempo com toda sorte de brincadeiras que se pudesse conceber. Foi então que, prontamente assumi meu lugar nessa atmosfera de riqueza lúdica inigualável, sem conscientizar-me que tal atitude influenciaria sobremaneira importantes decisões futuras que eu haveria de tomar, já que no momento mesmo da vivência despreocupada, todas as minhas energias confluíam para o desfrute máximo das experiências que ali se oportunizavam.

Na medida em que o elemento lúdico se traduzia na lente, através da qual, o meu ser criança percebia o mundo, nessa fase, toda e qualquer atividade se convertia numa oportunidade de experimentar momentos do contexto do lazer, de tal modo que viver era, portanto, um eterno e prazeroso brincar.

Nesse sentido, alguns aspectos do fenômeno lazer, tais como aparecem na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quais sejam: caráter de fruição que uma determinada atividade pode assumir, ou ainda o espaço-tempo em que tais atividades serão consumadas, eram, para mim, algo espontâneo, irrefletido, assunto sobre o qual eu não meditava, simplesmente vivenciava.

Mesmo com aulas de Educação Física em que havia abandono do trabalho docente⁴, ou naquelas completamente esportivizadas⁵, o elemento lúdico garantia a

⁴ O abandono do trabalho docente refere-se à situação profissional em que o professor não demonstra grandes pretensões com suas práticas, limitando-se, em muitos casos, a administrar os materiais didáticos ou compensar o tédio – derivado de outras disciplinas – nos alunos, culminando na condição de não-aula.

atmosfera de lazer que permeava as ações dos contextos escolares por mim frequentados e vivenciados.

Não obstante, ao passar dos anos, com o fardo das responsabilidades começando a pesar sobre os ombros, a vida laboral emergindo a deixar para trás as brincadeiras na rua e com a percepção lúdica se esvaindo, o lazer passou a adquirir, na minha vida, um caráter dicotômico de ócio em contraposição às obrigações, fossem elas de ordem laboral ou acadêmica.

Entretanto, movido – entre outras razões – por uma tentativa de resistir à fuga, ou pelo menos arrefecimento da ludicidade no todo de pulsões que compunham minha existência, enveredei-me – atualizando as influências ruelas – pela senda da Educação Física.

No contexto da graduação, realizada na Universidade Federal de São Carlos, tive contato com uma perspectiva de lazer que transitava entre as colônias de férias em hotéis fazenda e condomínios de alto padrão, projetos de extensão realizados na universidade e projetos sociais que por vezes conferiam uma carga igualitarista forçosa à iniciativa.

Para quem cresceu na rua, identifiquei pouca espontaneidade, excesso de proposição, engessamento do processo criativo, tolhimento do espírito de liberdade que a ideia de lazer costumava me inspirar, além de uma formatação enlatada com feições comerciais, nessas experiências com as quais mantive contato. Em função disso, afastei-me da área por acreditar que essas expressões esgotavam as possibilidades de pensar o lazer.

Quando do exercício de formação contínua que tenho por hábito cultivar, por intermédio do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), tive contato com a perspectiva dos interesses culturais do lazer, nova luz foi lançada sobre esse tema, clareando meu entendimento e ampliando minha visão acerca de quão ricos e variados são as nuances que o fenômeno pode admitir.

Some-se a isso a alta demanda por tempo-espço de lazer, que meus alunos atualmente apresentam, devido à supressão da liberdade no contexto pandêmico, ao fato de lidarem com a influência do mundo virtual manifestado na utilização de aparatos eletrônicos de maneira desregrada, ao presenciar o pouco tempo de intervalo, do qual

⁵ Esportivização é a redução das aulas de Educação Física escolar a um espaço de treinamento esportivo, derivado da escolha do esporte como referência única para área.



gozavam, a dissipar-se por entre seus dedos com o agravante de que ainda têm de absorver uma Educação Física – mediante imposição de material didático – que não privilegia a autonomia criativa, e teremos a motivação que estimula esse trabalho de pesquisa.

Cabe ressaltar neste ponto, que a intenção de pesquisa inicial, com a qual ingressei no programa, não se referia à temática lazer. Entretanto, após as conversas com minha orientadora, identificamos a necessidade de correção de percurso, pois as dificuldades que se apresentariam diante do tema inicial, talvez fossem, naquela conjuntura, para nós, intransponíveis.

Perante a situação e movido pela disciplina sobre os interesses culturais do lazer, ministrada pelo Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos, bem como, por vários aspectos da minha trajetória na área, decidi, com o apoio de minha orientadora, Prof. Dra. Yara Ap. Couto, por essa nova temática, assumindo todas as consequências de uma mudança nessa altura do programa.

Nesse sentido, o presente estudo emerge da problemática relacionada à ocorrência de certa demanda reprimida no ambiente escolar, acerca dos espaços e tempos destinados às vivências do âmbito do lazer, identificadas a partir de estudos sobre os interesses culturais do lazer e em consonância com o debate corrente sobre a garantia aos seus direitos de acesso constitucionais.

Esperamos que este estudo possa reforçar algumas discussões desse escopo, dentre as quais mapeamos:

- Investigar as possibilidades de vivências do contexto do lazer dos alunos;
- Avaliar das possibilidades de desenvolvimento de atividades do âmbito do lazer no ambiente escolar, de modo geral;
- Verificar se as aulas de Educação Física podem ser um espaço-tempo propício para que vivências do contexto do lazer se manifestem;
- Investigar se brincar na rua é uma realidade presente na vida dos alunos;
- Questionar se os alunos gostariam de mais oportunidades para o exercício do tempo livre com atividades da esfera do lazer durante o período escolar;
- Identificar as compreensões acerca do lazer na perspectiva dos alunos e a importância atribuída ao fenômeno;
- Explorar se o lazer pode ser um dos conteúdos da Educação Física escolar;



- Analisar se a temática do lazer pode oferecer situações de aprendizagem que contemplem as habilidades e consolidem as competências previstas nos parâmetros didáticos.
- Avaliar se o lazer nas aulas de Educação Física escolar pode fortalecer a imagem de permissividade que as aulas de Educação Física, em certa medida, ainda cultivam.
- Investigar se, na perspectiva dos alunos, a temática do lazer remete ao descompromisso.

Enfatizamos, no entanto, que nossos esforços estarão concentrados em responder à questão central da pesquisa, a saber: quais as potencialidades pedagógicas advindas da elaboração, aplicação e avaliação de uma unidade didática sobre os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física escolar?

Entendemos por potencialidades pedagógicas a qualidade de duplo aspecto educativo que esse fenômeno pode encerrar, consolidando uma educação pelo lazer, bem como uma educação para o lazer. Esses termos serão mais bem desenvolvidos e aprofundados ao longo deste trabalho, contudo, em síntese, podem designar a utilização das vivências provenientes do âmbito do lazer como recursos na formação geral dos alunos, no primeiro caso, e no último, a ampliação e o aprofundamento da consciência, bem como a apropriação de todas as possibilidades e experiências que o lazer é capaz de proporcionar.

Ainda em relação às potencialidades pedagógicas, entendemos que o lazer encerra atributos que o qualificam para lograr *status* de tema principal, gerador de habilidades e conteúdos, nas aulas de Educação Física escolar, apesar de sua natureza transversal.

Deste modo, acreditamos que a temática do lazer na vertente dos interesses culturais pode compor a disciplina de Educação Física escolar enquanto promove diversos benefícios aos alunos, tais como: a apropriação de conhecimentos exclusivos dessa área, o fortalecimento da socialização, o enriquecimento cultural, garantindo-lhes sobretudo o direito de acesso aos espaços e tempos inerentes ao conteúdo do lazer, a conscientização acerca da importância de se reconhecer a diversidade e a pluralidade cultural do lazer, bem como de se promover o lazer como um direito social e um exercício de cidadania.

1.1 Objetivo

O objetivo da presente investigação consiste em analisar as potencialidades pedagógicas da aplicação de uma Unidade Didática sobre os Interesses Culturais do Lazer nas aulas de Educação Física Escolar.

2 EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO PARA O LAZER

Lazer é certamente um conceito que não apresenta um sentido unívoco tendo em vista que pode abranger uma série de fenômenos de diferentes ordens e com distintos significados. Nesse sentido, a complexidade face a variedade de características que o tema encerra, pode conduzir, aos que sobre o assunto se debruçarem, a conclusões ora divergentes, ora convergentes.

Se tomarmos uma definição lexicográfica a partir do dicionário Houaiss, por exemplo, a palavra lazer, designa “[...] o tempo que sobra do horário e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas”. No mesmo dicionário, agora por metonímia, a definição é apresentada como “[...] as atividades que se praticam nesse tempo”; ainda no Houaiss, a definição por extensão de sentido aponta o lazer como “[...] a cessação de uma atividade; descanso, repouso”; e por sinonímia, como “[...] folga e passatempo” (Houaiss, 2009, n.p.).

Segundo a definição etimológica verificada no Houaiss, o verbete “[...] tem sido ligado ao latim *licere* ‘ser lícito, ser permitido, ter valor’, através do arcaico *lezer*, ‘ócio, passatempo’” (Houaiss, 2009, n.p.).

A partir da etimologia da palavra lazer, outro termo com significados análogos, que em alguns países de língua latina cultivava ainda sua configuração atual, nos aparece na forma do ócio.

No mesmo dicionário, seu significado indica a “[...] cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar” ou ainda “[...] espaço de tempo em que se descansa; falta de ocupação; inação, ociosidade; falta de disposição física, preguiça, moleza mandriice, ociosidade, por derivação: trabalho leve, agradável”. Sua etimologia também advém do “[...] latim *otium*, lazer, repouso” (Houaiss, 2009, n.p.).



Conforme apontam as definições anteriores é possível identificar um sentido que evoca uma noção temporal atrelada tanto ao lazer quanto ao ócio, de modo que os fenômenos a eles relacionados, se consumiriam apenas em contraposição ao cumprimento de obrigações, sobretudo, laborais, tendo o ócio, inclusive, uma conotação pejorativa atrelada à falta de anseio pelo trabalho e/ou produção.

Não obstante os termos gregos e latinos remeterem às suas respectivas localizações geográficas e históricas, rastreando, de algum modo, suas origens, atrelando-as a espaços e tempos determinados, há uma vigorosa discussão em relação ao surgimento histórico do lazer. Conforme o esforço de sistematização promovido por Gomes (2003, 2004), destacam-se duas principais correntes: a que defende que o lazer expressa anseios intrínsecos ao ser humano e que, portanto esteve presente não apenas na antiguidade, mas desde os primórdios da civilização (De Grazia, 1966; Munné, 1980; Medeiros, 1975); enquanto outra que enfatiza o peso da urbano-industrialização na determinação do contexto histórico em que as características dessa conjuntura fomentaram o surgimento do fenômeno, porquanto eminentemente moderno (Dumazedier, 1974; Marcellino, 1983; Melo; Alves Junior, 2003).

Gomes (2003, 2004) escolhe não se associar a nenhuma dessas tendências e defende que determinar a origem do lazer em termos cronológicos é uma missão bastante intrincada. Segundo a autora, assim como as expressões e práticas culturais que ocorriam de acordo com seu próprio ritmo e maneira em épocas antigas da história não podem ser simplesmente equiparadas e entendidas como uma versão antiga do lazer contemporâneo, o lazer também não pode ser visto como um fenômeno exclusivo da modernidade, com seu início marcado no século XVIII.

A discussão pode não ter ainda encontrado um denominador comum em virtude das distinções entre signo, significante e significado, outrora associados ao fenômeno, com as que atualmente costumam-se observar.

Notamos, por exemplo, que Elias (1992) adverte sobre o conceito de lazer não poder encerrar na sociedade grega – com sua estrutura peculiar – sentido idêntico ao que atualmente se verifica nas sociedades pós-modernas.

Brasileiro (2014) observa que na Grécia, associavam o lazer à dedicação às atividades intelectuais de enriquecimento espiritual, tendo o termo ócio derivado do grego *scholé*. Para os gregos, o conceito que hoje se assemelha ao entendimento geral



de lazer estava ligado à educação e envolvia o cultivo de atividades intelectuais que nutriam a alma.

O lazer era baseado na ideia de estar não apenas preparado, mas principalmente disposto a contemplar os valores supremos deste mundo, quais sejam: a verdade, a bondade e a beleza, ou seja, a sabedoria em contraste com as atividades manuais a fim de atingir o ideal da kalokagathia⁶ Brasileiro, 2014).

Os gregos viam o lazer, segundo Brasileiro (2014), como um caminho para o conhecimento não utilitário, mas contemplativo, que se contrapunha ao trabalho, especialmente quando este envolvia alguma atividade orientada para objetivos práticos e utilitários. O propósito do lazer residia em si mesmo, de modo que não houvesse outra justificativa para realizar uma atividade desse contexto além do simples fato de realizá-la.

Essas atividades, estavam diretamente relacionadas à liberdade do indivíduo, de modo que somente quem dispunha de tempo para o lazer era considerado genuinamente livre, fato que, paradoxalmente, apenas podia ser sustentado devido ao trabalho escravo que assegurava materialmente a vida coletiva, enquanto permitia aos cidadãos de posse, o desfrute de atividades que elevassem o espírito, especialmente a contemplação da beleza, da verdade e da bondade (Mazón, 2001; Russel, 2002; Brasileiro, 2014).

Os romanos, em grande medida herdeiros culturais dos gregos, assimilaram a compreensão de aproveitamento do tempo disponível para realização de atividades livres da coação da obrigatoriedade, entretanto estabeleceram uma distinção dessas práticas de acordo com a posição social dos cidadãos, dada a conjuntura que caracterizava o império (Brasileiro, 2014).

Em Roma, existiam duas formas distintas de lazer: a primeira, praticada pela elite, tinha muitas semelhanças com o conceito grego originário de lazer, porquanto um tempo dedicado à reflexão e ao enriquecimento intelectual; a segunda forma pela qual se manifestava o lazer era a do povo, que estava mais voltada para o entretenimento. Roma foi pioneira na ideia de proporcionar lazer para as massas por meio de apresentações de mímicos e comédias, organizadas pelo próprio estado, de modo que este lazer popular possuía uma dupla função: além de proporcionar diversão, também servia como uma forma de controle social. Os dias de festa, que eram dedicados principalmente ao entretenimento, ocupavam quase metade do calendário de trabalho,

⁶ Kalokagathia (καλοκαγαθία) é um conceito grego derivado da expressão kalos kai agathos (καλός και αγαθός), que significa belo e bom, ou belo e virtuoso.



assim, o lazer se tornava uma parte integrante da vida cotidiana, uma prática tão importante quanto o trabalho (Montaner, 1996; Puig Rovira e Trilla, 1996; Mazón, 2001). “Desta forma, o lazer em Roma se realizava de acordo com os princípios gregos para a intelectualidade e as classes dominantes e o lazer como repouso e, sobretudo, como diversão, era para o povo, a massa” (Brasileiro, 2014, p. 38).

É dessa distinção que o termo ócio encontraria o seu par negócio, pois segundo a compreensão derivada da concepção latina de *otium*, que designa o tempo livre em oposição ao trabalho, ocorre o abandono do sentido de tempo destinado ao desenvolvimento intelectual e espiritual que aos poucos adquire contornos de tempo útil, sobretudo para o descanso e para o divertimento, corroborando o lazer das massas, cuja expressão maior ficou consagrada no *panis et circenses*⁷ (Brasileiro, 2014).

Malgrado as mazelas e complexidades histórico-sociológicas que compreendem esse período, é possível compreender, sob certa perspectiva, que o ócio humanista foi o motor do florescimento da cultura ocidental. Isso se deve ao fato de que, se excluído o amplo grupo de cidadãos considerados livres, que foram isentos de trabalhos exaustivos e puderam se dedicar à teoria e à contemplação, a emergência e o auge da filosofia e das ciências greco-romanas seriam inconcebíveis (Cuenca; Amigo, 2014).

Este ócio greco-latino ensinou-nos, para além da sua capacidade para gerar cultura e desenvolvimento, a sua relação direta com um mundo de valores que reivindicamos hoje desde outros âmbitos da vida. entre eles, podemos destacar: liberdade, satisfação e gratuidade, sem esquecer os referentes de identidade, superação e justiça. (Cuenca; Amigo, 2014, p. 17).

Transcorrida a Idade Média – com seu modelo de organização feudal – na qual o lazer estava associado, sobretudo, ao tempo livre garantido pela Igreja Católica por meio dos domingos e dias santos de guarda, que em alguns momentos, somados, totalizavam anualmente quase 100 dias de festas religiosas em que as diversões consistiam em ritos, jogos equestres com torneios e justas, cantos e convivência entre os membros da comunidade, durante os séculos XVII e XVIII, tem início um processo de modificação da compreensão sobre o fenômeno, inclinado no sentido de um conhecimento mais prático e utilitário (Brasileiro, 2014; Gomes, 2005).

⁷ *Panis et circenses*: em tradução livre, pão e circos, expressão que designa a conjuntura romana, satirizada pelo poeta Juvenal, na qual os cidadãos abdicavam da crítica política, porquanto contentavam-se com trigo e espetáculos oferecidos pelos governantes.



A Revolução Francesa somada a industrialização, imprime na alma do ser ocidental uma nova concepção de trabalho e conseqüentemente da ausência dele, de modo que, a partir dessa perspectiva o labor adquire status de máxima expressão do ser humano, elevando sua autoconfiança por meio da ilusão de onipotência (Puig Rovira e Trilla, 1996).

Brasileiro (2014, p.39), assinala que:

O desenvolvimento da técnica e as mudanças na estrutura da sociedade feudal introduziram outros modos de produção. O trabalho gradativamente já não acontece no campo. As fábricas começam a ser o centro por excelência do trabalho e a dinâmica do cotidiano dos indivíduos se vê alterada, tanto espacial como temporalmente. A reforma também traz consigo um novo significado para o que até então se aproximava ao lazer.

Com o advento do puritanismo inglês, sustentado nos preceitos calvinistas, no século XVI o trabalho adquire, para além do status humanista, um valor ético-religioso, para o qual o lazer configuraria diametral oposição. A concepção de vida humana, a partir de então, passa a não comportar um lugar no qual a ideia de lazer pudesse habitar (Brasileiro, 2014).

Nos séculos seguintes, tanto na Inglaterra, quanto nas colônias americanas, a ociosidade consistia na circunstância mais abominável a que um ser humano poderia submeter-se, fazendo com que as condições e jornadas de trabalho fossem, cada vez mais exaustivas, atingindo as 16 horas diárias (Brasileiro, 2014).

Na introdução do seu “Direito à Preguiça”, o jornalista Paul Lafargue, aponta esta substancial mudança de cosmovisão:

A moral capitalista, lamentável paródia da moral cristã, fulmina com o anátema o corpo trabalhador; toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina entregando trabalho sem tréguas nem piedade (Lafargue, 1991, p.05).

Na Revolução Francesa são gestadas as últimas mudanças de paradigma estabelecendo os valores do trabalho e do lazer modernos. Com a consolidação do capitalismo como sistema econômico predominante no ocidente estavam determinadas as concepções de trabalho, tempo livre e lazer, muito similares com as que atualmente vigoram no imaginário popular (Brasileiro, 2014).



O ócio, que outrora, sobretudo na Antiguidade clássica, fora identificado como um privilégio do qual poucos gozavam, com valor nobre em função de sua natureza contemplativa e pedagógica que possibilitava o desenvolvimento das virtudes, na passagem para o século XIX, adquire conotações pejorativas associadas à libertinagem, tempo inutilizado, vadiagem e desordem (Pinheiro; Rhoden; Martins, 2010).

No cenário em questão, a liberdade e a busca por excelência, servidas pelo modelo clássico de lazer, foram estabelecidas por uma minoria privilegiada e definiram o padrão do lazer da Antiguidade. A *skolé* grega, que sempre existiu de várias formas, é o que associamos historicamente ao nosso entendimento atual de lazer, enquanto a ideia de tempo livre é um resultado do progresso industrial (Cuenca, 2000). Com o advento deste período, o lazer burguês se estabelece, sendo visto como um tempo conquistado após a realização do trabalho.

A sociedade nesses moldes, centralizadora do trabalho como valor dignificador da vida humana, durante o século XIX, imprimiu sua forma no mundo ocidental, determinando os contornos da educação, dos anseios das massas e da maneira como os indivíduos se socializam na direção do labor. Sustentado moral e teologicamente pela ética do trabalho protestante, esse modelo eminentemente moderno-industrial se estabelece, suscitando a divisão temporal do dia-a-dia, bem como definindo a relação entre trabalho, tempo livre e lazer, na medida em que ocorre a separação entre o labor e os outros afazeres cotidianos dos indivíduos, culminando com a dicotomia tempo de trabalho e tempo livre (Gil, 1998; Brasileiro, 2014).

A noção temporal pode ser compreendida e significada de acordo com os valores que cada sociedade lhe atribui, na modernidade adquiriu um caráter cronológico, sendo regulada segundo a segundo, denotando a inutilidade do tempo livre em contraposição ao trabalho que, por sua vez, indica construção de riqueza e sustento da vitalidade. Nessa perspectiva, as atividades de toda ordem esvaziaram-se de sentido próprio, projetando, o cidadão moderno, sua razão de ser em função de outros bens que pretende lograr, imbricando todo seu tempo mental na realização de tal façanha (Russel, 2002).

A partir dessa lógica, compreende-se sob quais finalidades a ética protestante abdicou e suprimiu o culto aos santos católicos, não tanto por uma razão teológica, mas em virtude da possibilidade de transformar, no calendário civil, todos os feriados a eles dedicados em dias produtivos (Lafargue, 1991; Montaner, 1996; Russel, 2002).



Por volta dos anos 20 e 30 do século XX iniciam-se os primeiros estudos sociológicos do lazer, tendo na França e nos Estados Unidos, um aprofundamento empírico no intuito de relacionar esse fenômeno com outras esferas da vida humana. Após a Segunda Grande Guerra os estudos nessa área ganham maior alcance e passam a estabelecer conexões com outros campos da sociedade, como a política, a economia, a saúde, a arquitetura e urbanismo e a assistência social (Silva *et. al.*, 2011).

No Brasil, Ferreira (1959) é considerado por diversos estudiosos (Requixa, 1977; Bramante, 1998; Marcellino, 2021), por meio de sua obra: “Lazer operário: um estudo da organização social das cidades” um importante capítulo na história dos estudos do lazer. Sua preocupação inclinava-se na direção dos espaços e tempos de lazer proporcionados aos trabalhadores de Salvador (BA). Sua concepção reaviva a dimensão temporal do lazer (Silva *et. al.*, 2011).

O panorama histórico acerca do desenvolvimento do conceito de lazer é fundamental para compreendermos como, ao longo dos anos, determinadas experiências foram associadas ou antagonizadas ao fenômeno maior que constitui o lazer, ratificando a dinâmica de dispersão e confluência, citada no início.

Nessa perspectiva dialética de contrapor definições a fim de obter uma síntese, nos encontramos com o sociólogo francês Joffre Dumazedier, considerado um dos mais proeminentes teóricos da temática do lazer e de sua relação com a sociedade. O autor entende que o fenômeno transcende a mera ocupação do tempo livre, arraigando um fato social que reflete as necessidades e interesses das pessoas em determinada época e contexto (Dumazedier, 1979).

Conforme sua perspectiva o lazer desempenha três principais papéis: descanso, divertimento e desenvolvimento, derivados das características essenciais que o fundamentam, quais sejam: Liberdade, refletida na liberação das obrigações de toda ordem, e impressa na escolha autônoma do indivíduo; Desinteresse, a ausência de finalidade extrínseca para além do próprio desfrute; Prazer, como consequência e anseio fundante do impulso que inclina na direção da busca; Pessoal, que é contemplada na possibilidade – frente ao universo de obrigações cotidianas as quais o indivíduo está modernamente submetido – de dedicar-se a si mesmo (DUMAZEDIER, 1979).

O sociólogo francês apresenta sua concepção de lazer definindo-o como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou



ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1979 p.12).

A definição de Dumazedier significa um marco importante nos estudos do lazer, na medida em que oferece grandes contribuições norteadoras em um período de efervescência de ideias, entretanto, conforme o desenvolvimento do pensamento acerca das relações sociais do trabalho e do tempo, sofreu críticas em relação a suposta restrição – concebida pelo autor – à realização de determinadas atividades práticas em contraposição as obrigações cotidianas (Gomes, 2004).

Renato Requixa (1980, p.35), autor importante para os estudos deste campo, no Brasil, influenciado pelo pensamento de Dumazedier, sugeriu uma definição para o lazer como uma “[...] ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”.

Outro pesquisador que oferece relevantes contribuições em relação ao tema e que demonstra a influência exercida por Dumazedier em seu pensamento o classificando como mestre, é o professor Luiz Octávio de Lima Camargo. Segundo o autor, lazer corresponde a:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (CAMARGO, 1986, p.97).

Nelson Carvalho Marcellino também contribui com diversas obras para as discussões sobre o lazer, no Brasil. O autor possui um grande número de citações referenciando seus trabalhos e é possível depreender de suas primeiras obras, especialmente em “Lazer e humanização”, sua aderência ao pensamento de Dumazedier. Contudo, há, nas obras seguintes, a despeito da presença do sociólogo francês, certa relativização dessa influência, por parte do autor, que, fundamentado no marxismo de Gramsci, empreende contra as visões funcionalistas do lazer, severa crítica, por considerá-las mantenedoras da ordem social estabelecida, além de incitarem o consumismo (Gomes, 2004).

Marcellino, portanto, define o lazer como a:



[...] cultura – compreendida no sentido mais amplo - vivenciada no tempo disponível. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1987, p.31).

Notamos, na definição de Marcellino, o surgimento do termo cultura que possui importância decisiva para sua compreensão do lazer, não obstante, pondera o autor ao evocar um sentido mais amplo, que o senso comum a respeito do conceito, geralmente o reduz às artes e espetáculos.

Algo fundamental do pensamento de Marcellino em relação ao lazer, que demarca claramente sua posição intelectual sobre o fenômeno, diz respeito à noção temporal defendida pelo autor. Conforme sugere em “Lazer e Educação”, para Marcellino (1987, p.29), “[...] tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social. Talvez, fosse mais correto falar em tempo disponível, ao invés de tempo livre”.

Lenea Gaelzer foi também uma autora importante para os estudos do lazer, compartilhando o legado de seu pai, Frederico Guilherme Gaelzer, que cultivava uma preocupação com a ampliação dos espaços destinados às atividades de recreação, bem como com a formação de profissionais.

Segundo Gaelzer (1979, p.54), o lazer pode ser entendido “[...] como a harmonia entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer”.

O pesquisador alemão Jurgen Dieckert (1984, p.29), esteve no Brasil como docente participando de programas de pós-graduação e ofereceu sua contribuição definindo o lazer como: “[...] um evento que une os benefícios da prática de esportes (propícios à saúde) com a satisfação proporcionada ao indivíduo que o pratica, propondo a socialização do esporte (lazer, esporte para todos)”.

O professor Pedro Ângelo Pagni (1994, p.08), oferece contribuição para área por meio de sua dissertação de mestrado em História e Filosofia da Educação, na qual, compreende o lazer como:

[...] uma área de estudo e uma atividade pedagógica que tem como objeto específico o movimento corporal humano. Objeto este que é produzido historicamente para uma determinada população que, de forma diferenciada, espontânea, o desenvolve, segundo sua cultura, como atividade de lazer.

Herbert Marcuse (1971, p. 50), oriundo da Escola de Frankfurt, na esteira do pensamento crítico, proveniente da mentalidade marxista, identifica o lazer como uma forma de:

“[...] alienação, uma ilusão de autossatisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas e manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa, conforme o interesse de seus donos”.

O lazer será por nós compreendido, portanto, como uma dimensão da vida humana, que ocupa posição fundamental na existência do ser, na medida em que guarda relação com o desfrute de atividades constitutivas, prazerosas, criativas, e significativas para os indivíduos, em qualquer tempo do transcurso de suas vidas. Constitui, ainda, um elemento da cultura, pois expressa os valores, as identidades e as representações sociais dos sujeitos e dos grupos.

Podemos concluir que, a exemplo de outros termos que encerram significados abrangentes em suas conceituações, o lazer, mesmo sob outras formas morfológico-sintáticas, foi, ao longo do tempo, delimitando seu referente, por meio de significados que expressam as intenções contidas nos signos, e que pode ainda ser discutido e ampliado, não obstante a complexidade de fenômenos que tende a abarcar.

Acaso nossa tarefa compreendesse sintetizar uma parcela do entendimento de cada época e autor sobre o fenômeno do lazer, assinalando nossas preferências, em poucas, mas essenciais palavras, certamente escolheríamos: liberdade, prazer, desenvolvimento e cultura.

3 INTERESSES CULTURAIS DO LAZER

A partir da perspectiva anteriormente erigida o fenômeno do lazer pode assumir contornos que apontam para diferentes interesses ou conteúdos culturais, que sintetizam as preferências, motivações e objetivos dos indivíduos que o buscam.

É nesse sentido que Dumazedier (1980), classificou os interesses culturais do lazer em cinco categorias: físico, manual, artístico, intelectual e social. Camargo (2017) e Schwartz (2003) acrescentaram a estes, os interesses turístico e virtual, respectivamente.

Vários autores sugerem outras possibilidades de interesses culturais do lazer, entretanto nos limitaremos aos sete aqui expostos como recorte e em conformidade com as pretensões do estudo que se segue.

Cada um desses interesses abrange um conjunto de atividades que possuem características e finalidades específicas.

Os interesses culturais do lazer são assim definidos em função da predominância de certas características essenciais ou propriedades dominantes de uma atividade, cuja presença é logicamente necessária para sua existência, e que movem os sujeitos a optarem por cada uma delas, de modo que, a partir desses princípios fundamentais que as constituem possam ser diferenciadas e articuladas entre si, sem que necessariamente ocorra hierarquização, não obstante a sobreposição e interrelação que sua implementação prática geralmente encerra, quando da escolha dos indivíduos (Dumazedier, 1979, p. 102).

É fundamental apreendermos a noção de que os interesses ou conteúdos culturais do lazer não são, de modo algum, excludentes tampouco hierárquicos entre si, mas sim complementares e dinâmicos. Eles podem se combinar, se sobrepor ou se alternar, a depender das circunstâncias, das oportunidades e das escolhas de cada indivíduo. Faz-se necessário salientar ainda que o lazer carece de vivência livre, consciente e autônoma, respeitando a diversidade e a pluralidade cultural.

Em cada um dos interesses prevalece um aspecto do qual enseja a motivação do sujeito que elege e que é fundante da própria atividade. Nos *interesses físicos* essa motivação se traduz pelo movimento corporal, seja na sua execução ou apreciação. Nos *interesses artísticos* o elemento estético na experiência e na expressão da beleza nas artes é o que concentra o impulso. Nos *interesses manuais* há prevalência pelo desejo



de manipular objetos, produtos, instrumentos, ferramentas, utensílios de modo a promover soluções aos mais variados problemas. Já nos *interesses intelectuais* a disposição está voltada para desafios que suscitem o desenvolvimento mental. Por fim, nos *interesses sociais* a raiz da motivação propulsora emerge do anseio pelo encontro e interação entre as pessoas nos tempos e espaços de convivência.

Alguns anos após as proposições de Dumazedier, que surgiram também como tentativa de ordenar às infindáveis contendas sobre as definições, classificações e nomenclaturas, outros valores e interesses culturais relacionados ao lazer foram sugeridos por diferentes teóricos envolvidos com o estudo da área, como citado anteriormente.

Entre os vários interesses propostos por distintos autores, dois deles foram mais amplamente considerados pelos estudiosos do assunto como aqueles que estabelecem relações de coerência e concordância mais fidedignas com os cinco anteriormente sugeridos por Dumazedier. O primeiro deles foi o interesse turístico, proposto pelo pesquisador Luiz Octávio de Lima Camargo (1989), e em seguida o interesse virtual, indicado por Gisele Maria Schwartz (2003).

A motivação primordial de quem opta pelo *interesse turístico* do lazer “... é a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida”, Camargo (1989, p.26).

Os *interesses virtuais*, por sua vez:

[...] promovem impactos interacionais de diferentes ordens, uma vez que estes meios facilitam a relação têmporo-espacial, modificam a forma de ação das pessoas numa dimensão própria (valores e atitudes pessoais), também numa dimensão social, em relação ao outro e em uma dimensão receptiva, ampliando a “geopolítica” do que seja intimidade e padrão cultural, isto é, conceito e comprometimento na relação com o mundo (Schwartz, p.25, 2003).

Em relação à classificação dos interesses culturais do lazer, proposta pelo sociólogo francês, Schwartz entende que:

Esta sectarização do lazer em conteúdos culturais, ao longo de décadas, foram alvo de incessantes críticas por inúmeros estudiosos da área, os quais pautavam suas críticas na possibilidade de que procedendo-se desta maneira, isto é, subdividindo-se o campo, poder-se-ia romper com o caráter de interação ou de totalidade inerente ao lazer. No entanto, esta proposta de classificação, a nosso ver, não compromete a integridade do lazer, uma vez que esta se apresenta como um elemento pedagógico interessante, justamente para se compreender a abrangência da área e um fator norteador para se aprofundar discussões e reflexões mais complexas. (Schwartz, 2003, p. 24).

Os interesses culturais do lazer são, portanto, valores que constituem as atividades de lazer e que encerram a motivação eleitora dos indivíduos ao optarem por uma ou outra possibilidade de lazer. É certamente uma classificação passível de críticas, correções e ampliações, entretanto, corroboramos a compreensão expressa por Schwartz de que o lazer, compreendido a partir de seus conteúdos culturais, pode se mostrar um importante elemento pedagógico nos fornecendo a dimensão, abrangência e riqueza de possibilidades do fenômeno, bem como uma direção a seguir quando de investigações futuras.

3.1 Físico Esportivo

O interesse físico diz respeito às atividades que envolvem o movimento corporal, a saúde, a performance, a competição ou a cooperação. São exemplos de atividades desse interesse: esportes, ginástica, dança, caminhada, ciclismo, natação, etc. Esse interesse foi um dos que mais contribuiu para a apropriação do lazer pela Educação Física, que historicamente se dedicou ao estudo e à promoção das práticas corporais em diversos contextos.

Entretanto, conforme expõe, Dumazedier (1980), os interesses físicos não se resumem à uma determinada prática corporal, eles se relacionam com uma questão que está no cerne da discussão acerca de uma civilização do lazer, qual seja, uma atitude ativa no emprego do tempo livre.

Para o sociólogo, uma atitude ativa significa aderir consciente e voluntariamente à vida social movido pelo espírito de estabelecimento do equilíbrio entre os chamados três D's: descanso, divertimento e desenvolvimento sucessivo e harmonioso da personalidade.

3.2 Intelectual

O interesse intelectual diz respeito às atividades que envolvem o desenvolvimento ou o aprimoramento do conhecimento, da reflexão ou da crítica. São exemplos de atividades desse interesse: leitura, escrita, pesquisa; cursos, palestras, seminários; debates, discussões, fóruns; etc. Esse interesse está relacionado à valorização da cultura como forma de lazer e de cidadania.



Joffre Dumazedier (1980) questiona, “O que são os interesses intelectuais?”, no intento de diferenciá-los dos artísticos, ao que responde:

[...] se a leitura de um romance de Jorge Amado, por exemplo, for crítica, com o objetivo de comparar a linguagem da Bahia com a de São Paulo, para analisar os padrões frasais e o vocabulário original do autor, não é mais o conhecimento estético que vem em primeiro lugar, a leitura está voltada para o campo da linguística, e o romance se torna o instrumento para a elaboração de um conhecimento linguístico, de caráter científico. (Dumazedier, 1980, p. 146).

Em seguida, acrescenta esclarecendo:

As obras de interesse cognitivo, convergentes ao verdadeiro, afrontam preconceitos e paixões, crenças, superstições e mitos. O desencantamento é seu objetivo e seu móvel de ação. De um cientista exige-se que mantenha distância entre sua pessoa e o trabalho que executa, que coloque, em parênteses, suas preferências, idiossincrasias e repulsas pessoais, que dê uma descrição ou explicação do que é verdadeiro e/ou falso, com provas científicas. (Dumazedier, 1980, p. 147).

3.3 Social

O interesse social diz respeito às atividades que envolvem a interação com outras pessoas, a participação em grupos ou comunidades, a solidariedade ou o engajamento. São exemplos de atividades desse interesse: programas noturnos, encontros em bares, restaurantes; festas, reuniões, aniversários; voluntariado, militância, associação; etc. Esse interesse está relacionado à valorização do lazer como forma de sociabilidade e de integração.

Dumazedier (1980) cita uma crescente força central de atração em relação à determinadas atividades que configuraria uma nova necessidade social do indivíduo, diante das obrigações familiares que se apresentam no tempo de não trabalho e reafirma que:

As atividades e as relações de lazer podem ter uma função importante de socialização, sobretudo aquelas que revelam o gosto pelas reuniões e festas de família e o interesse ativo pelos mais diferentes tipos de associações voluntárias, que se oferecem ao indivíduo para ocupar seu tempo de lazer. (Dumazedier, 1980, p. 167).

3.4 Estético – Artístico

O interesse artístico diz respeito às atividades que envolvem a apreciação ou a produção de obras de arte, a expressão de emoções ou sentimentos, a busca pela estética ou pela beleza. São exemplos de atividades desse interesse: visitas a museus, cinemas, teatros, bibliotecas; pintura, escultura, fotografia; música, poesia, literatura; etc. Esse interesse está relacionado à valorização da arte como forma de cultura e de educação.

Conforme Dumazedier (1980), a progressão de uma democracia cultural está diretamente relacionada e depende da democratização das artes eruditas e da promoção das artes tradicionais e populares. Contudo, observa uma discrepância entre o nível de instrução a capacidade de capilarização das artes eruditas.

Nesse sentido, sugere a via mais direta possível para a popularização das artes, por meio da utilização de espaços públicos como locais de divulgação e acesso às obras (Dumazedier, 1980, p. 137).

A escola, em vista disso, apresenta grande potencial para a divulgação, promoção e formação para o lazer artístico.

3.5 Prático – Manual

O interesse manual diz respeito às atividades que envolvem a manipulação de materiais, a produção de objetos, a expressão de habilidades ou a satisfação de necessidades. São exemplos de atividades desse interesse: artesanato, culinária, jardinagem, costura, bricolagem etc. Esse interesse está relacionado à valorização do trabalho manual como fonte de prazer e de criatividade.

Dumazedier (1980) pontua que o repouso no tempo livre, aos poucos, deu lugar a uma série de atividades não relacionadas às necessidades e deveres resultantes das obrigações familiares e sociais, fazendo com que surgissem atividades manuais, em grande medida, desinteressadas que passaram a sustentar o espírito do conceito “do it yourself” (faça você mesmo).

Segundo o sociólogo francês:

A prática manual, em âmbito doméstico é o meio de compensar a despersonalização do trabalho especializado, essencialmente parcelado. É também um meio de expressão, no qual Lévi-Strauss vê mesmo uma persistência durável do “pensamento selvagem” na época da racionalização científica. (Dumazedier, 1980, p. 132).

3.6 Turístico

O interesse turístico diz respeito às atividades que envolvem o deslocamento para outros lugares, a descoberta de novas paisagens ou culturas, a aventura ou o relaxamento. São exemplos de atividades desse interesse: viagens, passeios, excursões; camping, trilhas, ecoturismo; hospedagem, gastronomia, compras etc. Esse interesse está relacionado à valorização do lazer como forma de turismo e de educação ambiental.

Conforme expõe Camargo (1989), o centro do interesse cultural das pessoas que aderem a essa classe de atividades é o anseio pela alteração da paisagem, do ritmo e do estilo de vida. A ruptura da rotina, a possibilidade de conhecer novos lugares e pessoas no tempo disponível compõem uma unidade de ações que demandariam menos negligência dos indivíduos.

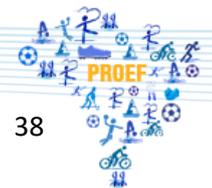
Segundo afirma Camargo (1989), as paisagens, ritmos e estilos de vida que são procurados pelos interessados nos valores turísticos do lazer têm uma referência predominante que encontra sua identidade nas paisagens ensolaradas, nos belos céus e na água, bem como em ritmos avessos à austeridade do expediente urbano.

3.7 Virtual

O interesse virtual diz respeito às atividades que envolvem o uso de tecnologias digitais, a comunicação ou a informação, a diversão ou o aprendizado. São exemplos de atividades desse interesse: jogos eletrônicos, realidade virtual, simuladores; redes sociais, blogs, podcasts; sites, aplicativos, plataformas, Esports etc. Esse interesse está relacionado à valorização do lazer como forma de cultura digital e de inovação.

Conforme Schwartz (2003), os atributos dos interesses virtuais, encerram dinâmicas relacionais de diferentes ordens, na medida em que, a virtualidade altera as relações espaço-temporais, modificando também a maneira pela qual atuam os indivíduos concernente aos seus valores pessoais, na relação com o próximo e na esfera da sua percepção, estreitando distâncias enquanto amplia padrões culturais.

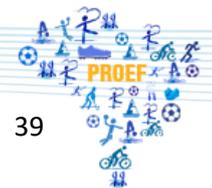
Nesse sentido, podemos compreender que o impulso que inclina o indivíduo para o interesse virtual é multifatorial, ou, mais precisamente, é possível afirmar que não é movido apenas por uma causa que o sujeito elege o interesse virtual como atividade de lazer, ainda que a virtualidade não opere apenas como veículo intermediário entre quem



elege e as potencialidades que é capaz de atualizar, mas se estabeleça como interesse que contém finalidade em si mesmo.

Por conseguinte, afirma Schwartz (2003), que:

O conteúdo virtual não representa apenas uma nova “roupagem” para os outros conteúdos culturais, mas, configura-se como um elemento do tempo presente, com linguagem própria, capaz de alterar, até mesmo, o setting vivencial, isto é, onde a pessoa pode usufruir de novas dinâmicas de acesso cultural, exigindo, novas posturas, novas demandas e novos olhares, sem o ranço preconceituoso que normalmente perpassa toda e qualquer novidade (Schwartz, p.29-30).



4 LAZER E EDUCAÇÃO

Ao relacionarmos lazer e educação, dois direitos sociais fundamentais, desde uma perspectiva brasileira, país no qual o dever de educar, nominalmente, tem sua responsabilidade repartida entre família e Estado, apoiados pela sociedade, mas que na prática ocorre majoritariamente pela ação do poder público, quando não da iniciativa privada, rapidamente nos surge a imagem da escola como lugar onde isso acontece, ainda que saibamos que há outras iniciativas informais promovendo educação na sociedade.

O sociólogo francês, Joffre Dumazedier (1994), entende que o lazer deve ser compreendido como um direito social, de modo a estar acessível a todos, inclusive no contexto escolar. Em sua concepção, a Educação Física desempenha um papel relevante ao promover vivências lúdicas e culturais, integrando os interesses e conteúdos do lazer nas aulas.

A Educação Física escolar exerce, nesse sentido, uma tarefa fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando para além das atividades físicas e esportivas, um rico repertório de aspectos socioculturais, emocionais e cognitivos. Nesse contexto, o lazer pode assumir uma função relevante, uma vez que oferece espaços para vivências culturais e expressão dos interesses dos alunos.

Quando analisamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), documento de abrangência nacional que estabelece as diretrizes educacionais do nosso país, percebemos que a perspectiva nela proposta em relação ao lazer, por exemplo, transita, ora entre a compreensão do fenômeno enquanto um espaço-tempo no qual seja possível o desenvolvimento de diversas práticas – sintetizado pela locução adverbial de tempo e lugar: “momento de lazer” – e ora enquanto uma condição ou caráter de fruição que uma determinada experiência pode assumir, não obstante, passível de variação de modo a admitir, por exemplo, contornos laborais, educacionais entre outros – caracterizado pela locução adverbial de modo: “em caráter de lazer”.

Nenhuma das nuances sustentadas nesse documento sugere o lazer como tema, a partir do qual, conteúdos, habilidades e competências possam ser gerados, desenvolvidos e consolidados no cotidiano escolar, seja nas aulas de Educação Física ou em quaisquer outros componentes curriculares em que o termo apareça.

Os processos educativos e o lazer, como apontam Marcellino (1987) e Rolim (1989), estabelecem com a escola, uma relação íntima, de modo que suas preocupações e esforços inclinam na direção da formação integral do ser humano, na medida em que conscientizam os sujeitos de suas potencialidades e possibilidades de realização, ao passo que contribuem para a efetiva concretização de tais potenciais.

Conforme apontaram os estudos de Dumazedier (1994), há uma necessidade latente de que seja implementada uma educação permanente, que tenha como objetivo preparar os indivíduos, de modo que sejam capazes de fazer bom uso de seu tempo livre, de maneira que podemos enxergar no ambiente escolar, um espaço privilegiado para que essas ações aconteçam, dadas a própria natureza e finalidade que encerram esta instituição, haja vista, que uma educação assim concebida estará em harmonia com tais pressupostos.

Propor o lazer enquanto tema gerador de conteúdos para as aulas de Educação Física a partir dos interesses culturais, pode se mostrar uma ação importante na garantia de direitos constitucionais de acesso dos alunos, na efetivação de suas aprendizagens, bem como na apropriação de elementos constituintes da cultura, promovendo a socialização, o enriquecimento cultural, a conscientização acerca da importância de se reconhecer a diversidade e a pluralidade cultural do lazer, bem como de se promover o lazer como um direito social e um exercício de cidadania.

Nesse sentido, entendemos que os valores ou interesses culturais do lazer – como seu nome sugere – são elementos imbricados e constituintes da cultura, de modo que podem ser explorados e vivenciados em diferentes contextos, com intencionalidades próprias. O espaço escolar, em função das características que o constitui, configura um desses lugares que encerra grande potencial para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao âmbito do lazer.

O ambiente escolar, em especial as aulas de Educação Física, conforme apontam Requiça (1979) e Marcellino (1987), sustentam um potencial admirável a ser explorado com o despertar e o desenvolvimento da consciência para as responsabilidades coletivas e individuais que os indivíduos podem admitir.

Ainda conforme Marcellino (1987), a educação para o lazer, levada à cabo, no ambiente escolar, deverá minimizar as ambiguidades que o lazer pode suscitar nos sujeitos, na medida em que evita o conformismo e a acomodação enquanto suscita a conscientização.

Em relação à educação para o lazer, anteriormente citada, conforme Silva *et. al.* (2011), essas discussões começaram a emergir publicamente, no Brasil, por volta dos anos 1960, quando da realização de um seminário que teve como intuito verificar a condição do lazer no país.

A partir do pressuposto de que a escola constitui um dos fundamentos da sociedade, pois implica a formação dos indivíduos integrando-os à comunidade, Ferreira Neto (1984), reconhece essa instituição como um espaço no qual se desenvolvem, de maneira organizada, situações que privilegiem a conquista de atributos importantes para os alunos.

Algumas das finalidades da escola relacionam-se com a formação dos alunos para que se apropriando dos conhecimentos desenvolvidos, possam conviver em comunidade, bem como preparados para o mundo do trabalho.

Entretanto, essa perspectiva carece de uma amplitude maior em relação a outros aspectos da vida do ser humano, nesse sentido, afirma Requixa (1980, p.21), que “A educação é hoje entendida como o grande veículo para o desenvolvimento, e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a sua esfera de responsabilidades”.

Nessa perspectiva, Requixa (1980), sugere um duplo aspecto educativo do lazer. A educação pelo lazer, de modo que seja este um veículo para a implementação de ações que visem o desenvolvimento dos sujeitos, bem como a educação para o lazer, que visa formar os indivíduos para o bom uso do seu tempo disponível.

Com isso, há a valorização das atividades do âmbito do lazer como ferramentas educativas, de modo que a participação em atividades desse contexto, promovem o crescimento tanto pessoal quanto social do indivíduo, condições essenciais para assegurar seu bem-estar e uma participação mais efetiva no atendimento de necessidades e aspirações pessoais, familiares, culturais e comunitárias.

A educação para o lazer pode ter um impacto significativo na participação em atividades recreativas e na qualidade de vida. Essa forma de educação é vista como um meio de transmitir conhecimentos e habilidades que são desencadeadas através da participação em programas de recreação, bem como em programas extracurriculares, como a prática de esportes e atividades artísticas, não obstante, a escola deva se apresentar como ambiente privilegiado para que essa demanda seja atendida.

Novamente, a educação para o lazer, ou a educação para o tempo livre, tem como objetivo preparar o indivíduo para viver seu tempo livre de maneira mais criativa, expandindo o autoconhecimento e as relações do lazer com a vida e o contexto social. Deve ser ensinado de forma interativa e integrada à rotina escolar.

Ao adentrarmos este ambiente, lugar onde se deu a investigação, fez-se necessário nos debruçarmos sobre o documento oficial que norteia as ações educacionais em nosso país, ao desejarmos conhecer os aspectos estabelecidos acerca do lazer, nesse ambiente.

Como anteriormente referido, a BNCC estabelece as referências educacionais a partir das quais currículos de circunscrição regional e local deverão ser confeccionados. Este documento contempla o fenômeno do lazer como um elemento interdisciplinar, presente na cultura, manifestado no tempo-espaço em que são desenvolvidas atividades de produção cultural, de entretenimento e relacionadas à saúde e ao cuidado com o corpo (Brasil, 2018).

Apesar do termo aparecer vinculado a vários componentes curriculares, como geografia, história, inglês e artes, é na Educação Física em que ele predomina, não apenas pela quantidade de citações, mas pela compreensão associativa do lazer – enquanto produto cultural, de entretenimento e cuidado com a saúde – com as práticas corporais.

Nesse sentido, as aulas de Educação Física podem se consolidar, no ambiente escolar, como ocasião de garantia de acesso aos direitos constitucionais ao lazer em suas diferentes dimensões, seja enquanto um espaço-tempo destinado ao desenvolvimento dos valores e interesses culturais, seja enquanto caráter de fruição proporcionado pelo domínio e desfrute das atividades ou como tema gerador de conteúdos, habilidades e competências que serão traduzidos e efetivados pelas aplicações anteriores, radicando tanto uma educação pelo lazer quanto uma educação para o lazer.

Os benefícios atrelados a uma proposta que expressa o lazer a partir de uma unidade de conhecimento são diversos e não se resumem a aspectos teóricos idealistas, mas se concretizam em frutos práticos que contribuem com a formação e desenvolvimento integral dos sujeitos, o que não se deve confundir com uma perspectiva utilitarista do conhecimento.

O interesse físico, por exemplo, ao promover práticas corporais pode contribuir para a melhora da saúde, do bem-estar físico e do desenvolvimento cognitivo-motor. Já

os interesses manuais podem estimular a criatividade e a coordenação motora fina dos alunos, além de promover a autoestima e a autonomia. O interesse cultural artístico, por sua vez, pode desenvolver a sensibilidade estética, a expressão corporal, a criatividade e a imaginação. O interesse social contribui para a integração e socialização fomentando habilidades como a cooperação e a liderança. Os interesses culturais intelectuais podem estimular a curiosidade e a disposição para o conhecimento, aprimorando habilidades de pesquisa e análise crítica. Com o interesse virtual podemos desenvolver uma relação harmoniosa e equilibrada com as tecnologias, ampliando as possibilidades de comunicação por meio de multiplataformas, enquanto se aprimora a criatividade e a inovação nos alunos. O interesse turístico tem potencial de estimular a valorização do patrimônio cultural e histórico da humanidade, enquanto desenvolve a capacidade de planejamento e organização.

Nesse contexto, o lazer foi frequentemente considerado como um elemento que permeia as diversas possibilidades e componentes que constituem a Educação Física, a exemplo de um tema transversal.

A potencialidade do lazer como uma ferramenta educativa começou também a ser observada por diversos estudiosos da área. Marcellino (2021), destaca o lazer como um veículo privilegiado de educação, e ratifica:

Tratando-se do lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais a partir do aguçamento da sensibilidade pessoal, pelo incentivo ao autoaperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (Marcellino, 2021, p. 75).

Em relação ao lazer como finalidade da educação, Joffre Dumazedier (1980) já indicava alguns caminhos ao assinalar que esse movimento: “Significa uma profunda análise dessa cultura, um conhecimento global da estrutura do público, das classes sociais, dos sexos e de suas características e, sobretudo, uma iniciação a uma pedagogia do lazer” (p. 119).

Como indica Marcellino (2021), “Praticamente todos os autores ligados aos estudos do lazer reconhecem seu duplo aspecto educativo” e admite:

[...] que para a prática das atividades de lazer, é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação. (Marcellino, 2021, p. 75).

O autor afirma ainda que para o desenvolvimento de atividades no tempo disponível, seja como produto ou como consumo não conformista e crítico-criativo, é fundamental que haja uma educação, um processo de aprendizagem.

Não obstante, o autor identifica uma possível problemática na promoção de uma educação para o lazer na medida em que ao difundir seus significados, elucidar sua importância, fomentar sua participação e transmitir informações que consolidem seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, se estabeleceria um conflito com a natureza de livre escolha e expressão, constituintes do lazer. A essa dificuldade propõe “[...] que a escolha será tão mais autêntica quanto maior for o grau de conhecimento que permita o exercício da opção entre alternativas variadas” (Marcellino, 2021, p. 76).

A ascensão da compreensão e vivência do lazer de níveis elementares a superiores, por intermédio dos processos educativos bem como da experiência concreta, seria acelerada, segundo Marcellino (2021), por meio da implementação e fomento da educação para o lazer, ao contrário do que se permanecesse limitada à educação pelo lazer.

O autor finaliza apontando que:

A educação para o lazer pode ser entendida, também, como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, atenuando seus efeitos, por meio do desenvolvimento do espírito crítico. Além do mais, a ação conscientizadora da prática educativa, inculcando a ideia e fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades até com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados, pelos grupos interessados, junto ao poder público (Marcellino, 2021, p. 76).

5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste item serão apresentados os caminhos escolhidos com o intuito de abordar o objeto de investigação, de modo que pudéssemos aprofundar a tarefa que buscou desvelar nossas impressões, sobretudo, do processo desta pesquisa, em observância aos princípios dos métodos, instrumentos e procedimentos científicos envolvidos neste trabalho.

A partir das leituras realizadas nas disciplinas do mestrado profissional, especialmente nos Seminários de Pesquisa em Educação Física, ainda com base no modelo de intervenção investigativa que se pretendeu implementar por meio desse trabalho e em consonância com a minha condição de professor pesquisador que cooperei e participei ativamente das resoluções de problemas observados no decurso das aulas, optamos pela pesquisa-ação, na medida em que o seguinte método foi ao encontro dos anseios do presente trabalho, a exemplo do que verificamos em Appolinário (2011, p.146), para quem a pesquisa-ação tem como objetivo “[...] resolver, através da ação, algum problema coletivo no qual os pesquisadores e sujeitos da pesquisa estejam envolvidos de modo cooperativo e participativo”.

Considerando que o foco da investigação que se realizou não visava abordar o problema de estudo a partir de procedimentos estatísticos, na medida em que tais procedimentos não poderiam alcançá-lo devido sua complexidade, elegemos a abordagem qualitativa, tendo em vista que a principal atenção se voltou ao fenômeno investigado, obtendo dados a partir das interações sociais em determinado contexto.

Conforme apontam Bogdan e Biklen (1994, p.47):

Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamento, vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos e um lápis.

A presença e manutenção do investigador no contexto onde se deram os acontecimentos, mediante os quais se desdobrou a investigação, foi, nesse sentido, fundamental para que houvesse o esclarecimento das questões educativas investigadas, configurando o pesquisador o principal instrumento de pesquisa (Bogdan; Biklen, 1994).



O interesse do investigador pelo contexto da pesquisa se justificou em função do entendimento de que a possibilidade de observar as ações dos sujeitos em seu ambiente natural pode melhorar sua compreensão, como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 48):

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. [...] Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado.

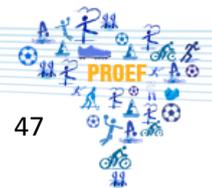
Tendo o ambiente natural como fonte direta de dados, outra importante característica apontada por Bogdan e Biklen (1994) para caracterização do estudo qualitativo é sua natureza descritiva em contraposição à numérica, de forma que seus dados são obtidos mediante palavras ou imagens, exatamente como fizemos em nosso estudo, que considerou o contexto escolar no qual o pesquisador estava inserido e coletou as informações por meio de notas de campo, fotografias, confecções de materiais e registros dos alunos:

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais (Bogdan; Biklen, 1994, p.48).

Além da importância do contexto e da obtenção dos dados por meio de palavras ou imagens, outro fator decisivo para delinear uma pesquisa qualitativa consiste na maior relevância dada pelo pesquisador ao processo em relação ao produto, como assinalam Bogdan e Biklen (1994).

Nesse sentido, nossos esforços concentraram-se, não apenas na apresentação de um resultado final adequado, mas em todo cuidado, desde o discernimento da inquietação do cotidiano de trabalho que motivou a pesquisa, passando pelo seu delineamento, escolha dos caminhos metodológicos, elaboração, implementação e avaliação da intervenção, bem como análise e apresentação dos dados em forma de resultados e produto educacional.

Em decorrência dessa natureza processual da pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) enumeram uma quarta característica que constitui essa modalidade de investigação, qual seja, a preferência dos pesquisadores em tratar os dados de forma



indutiva a posteriori em detrimento da proposição e seguida busca por confirmação ou impugnação de hipóteses formuladas aprioristicamente, porquanto afirmam que:

Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente, ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando (Bogdan; Biklen, 1994, p.50).

Por fim, os autores enfatizam a importância do significado para a pesquisa qualitativa ao que afirmam “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (Bogdan; Biklen, 1994, p.50).

5.1 Universo da pesquisa

A seguinte pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) de primeiro ciclo da rede pública de ensino de uma cidade no interior do estado de São Paulo.

A escola está situada na periferia do município e atende alunos de diferentes realidades, desde os advindos da zona rural, passando por aqueles dos bairros e cercanias mais próximos, chegando aos do próprio bairro e sua adjacência, muitos dos quais em situação de vulnerabilidade social extrema, especialmente os provenientes do antigo assentamento que se instalou na área rural circunvizinha ao bairro, que se encontra no limite da região urbana.

Os estudantes, público alvo da educação especial, também se fazem presentes em grande número na unidade escolar, mobilizando inclusive agentes de entidades como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que firmou parceria com a administração pública municipal para prestar serviços de apoio às pessoas com deficiência, nas escolas da rede.

A quadra em que está localizada a escola conta ainda com uma unidade de Educação Infantil, uma Creche Escola, um Posto de Saúde e as futuras instalações de uma Igreja Católica.

Nas dependências da unidade é possível encontrar uma completa infraestrutura, que passou por recente revitalização, oferecendo aos mais de trezentos alunos, de primeiro ao quinto ano, nos períodos matutino e vespertino, 8 salas de aulas regulares, sala de atendimento educacional especializado, sala de apoio pedagógico, sala dos professores, sala da direção, sala da coordenação pedagógica, secretaria, sala de materiais de Educação Física, almoxarifado, biblioteca com equipamentos de audiovisual, laboratório de Informática, cozinha com refeitório para os alunos, banheiros e bebedouros para os alunos no pátio, cozinha com refeitório para professores, uma quadra poliesportiva com bebedouros e banheiros anexos, duas refeições por período, aulas de português, matemática, ciências, história, geografia, artes, Educação Física, inglês, orientação de estudos, empreendedorismo e robótica, além do reforço que ocorre no contraturno, bem como os atendimentos educacionais especializados, nas modalidades colaborativo e individual.

Um fato importante a ser destacado, pois interfere diretamente na realidade da população usuária dos serviços educacionais prestados pela unidade é que os terrenos do assentamento, onde se encontram as casas – muitas delas construídas de modo arcaico com material de refugo, especialmente madeira – na atual gestão municipal, estão submetendo-se ao processo de regularização escriturária, com a perspectiva de estabelecer legalmente a existência do bairro anexo àquele em que a unidade escolar está situada.

Os participantes da pesquisa foram os alunos regularmente matriculados e cursando o 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de um município do interior do estado de São Paulo.

A opção por esta determinada turma ensejou razões organizacionais de ordem prática cronológica. Na medida em que suas aulas de Educação Física ocorriam no último horário do período, tal conjuntura favoreceu o pesquisador, que prontamente contou com uma ocasião propícia para revisitar os dados recém obtidos, advindos da observação que acabara de se seguir. Desse modo foi possível elaborar as notas de campo – o instrumento utilizado para coleta de dados desse estudo – mais fidedignamente.

Os alunos são provenientes do bairro no qual a unidade escolar está localizada, bem como de suas adjacências. Como descrito no item anterior, os bairros que compõem o raio de atuação da escola, na qual a investigação se desenvolveu, apresentam um perfil socioeconômico relativamente homogêneo, de modo que a situação dos moradores e

consequentemente de sua prole frequentadora da unidade, oscila entre as classes D e E, conforme o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) (Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas, 2021).

Na semana que compreende os dias 04 e 08 de setembro foi apresentado pelo professor pesquisador aos pais, em horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), previamente estabelecido em concordância com a equipe gestora, e que ocorre após o expediente escolar, a proposta de pesquisa a ser desenvolvida, bem como o termo de consentimento necessário para viabilizar a participação de seus tutelados.

Após o consentimento dos responsáveis foi apresentada pelo professor aos 18 alunos, no horário regular da aula de Educação Física do dia 11 de setembro, a proposta de pesquisa, bem como o termo de assentimento livre e esclarecido que foi assinado por todos eles para confirmarem sua participação.

Faz-se necessário ressaltar que as ações acima descritas foram realizadas em conformidade com a aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, que ocorreu no dia 04 de setembro e que consta no Item A dos Anexos.

5.2 Metodologia de implementação das aulas

A estrutura das aulas foi disposta em cinco principais momentos, mais ou menos fixos, que poderiam sofrer alterações em sua dinâmica, duração e quantidade, não obstante preservassem a forma geral de suas naturezas e do todo da aula. Houve ainda um sexto momento, que tende a se manifestar ao final da incursão formativa, no intuito de promover e avaliar a autonomia gerada pelo efetivo aprendizado. Esse momento chamamos de Vivência aberta, o que será melhor desenvolvido a seguir.

Esse modelo metodológico de aulas foi elaborado pelo Professor-pesquisador ao longo de sua jornada profissional como professor da rede pública, mediante experimentações, vivências, percepções e convicções acerca do campo de estudo da Educação Física escolar e constitui a maneira como ele ministra atualmente suas aulas regulares.

Ele consiste de uma tentativa de síntese tendo por base alguns modelos que apresentam características similares àquelas aqui contidas e que, no decurso da



experiência docente do professor-pesquisador, no contexto específico em que se encontra, com todas as nuances particulares desta realidade, foram assimilados nesse formato, que segundo o juízo do investigador, corresponde às necessidades discentes mais latentes.

A presente organização metodológica visa contemplar e desenvolver as oito dimensões do saber presentes na BNCC, que podem ser agrupadas em outras três mais genéricas, advindas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quais sejam:

Dimensão Conceitual (Brasil, 2018, p. 221, 222):

Reflexão sobre a ação: refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise para: (a) resolver desafios peculiares à prática realizada; (b) apreender novas modalidades; e (c) adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização;

Análise: está associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). Essa dimensão reúne conhecimentos como a classificação dos esportes, os sistemas táticos de uma modalidade, o efeito de determinado exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, entre outros;

Compreensão: está também associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. Em linhas gerais, essa dimensão está relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou e as modificou, às razões da sua produção e transformação e à vinculação local, nacional e global. Por exemplo, pelo estudo das condições que permitem o surgimento de uma determinada prática corporal em uma dada região e época ou os motivos pelos quais os esportes praticados por homens têm uma visibilidade e um tratamento midiático diferente dos esportes praticados por mulheres.

Dimensão Procedimental (Brasil, 2018, p. 220, 221):

Experimentação: refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si;

Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática



corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas;

Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas.

Fruição: implica a apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, bem como das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos. Essa dimensão está vinculada com a apropriação de um conjunto de conhecimentos que permita ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal e/ou apreciar essa e outras tantas quando realizadas por outros.

Dimensão Atitudinal (Brasil, 2018, p. 221, 222):

“**Construção de valores:** vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização. No entanto, essa dimensão está diretamente associada ao ato intencional de ensino e de aprendizagem e, portanto, demanda intervenção pedagógica orientada para tal fim. Por esse motivo, a BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza. Ainda assim, não se pretende propor o tratamento apenas desses valores, ou fazê-lo só em determinadas etapas do componente, mas assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais;

Protagonismo comunitário: refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo”.

Quadro 1: Estrutura das aulas

Momentos estruturantes da aula	
Exposição/Diálogo inicial	A intenção desse primeiro momento é que ocorra uma conversa, inevitavelmente com um caráter mais expositivo, em função da necessidade de explanação das ações que se desenrolarão durante a aula,



	<p>bem como dos aspectos conceituais que a fundamentam, especialmente nas primeiras aulas, pois há apresentação de novos temas e conteúdos, dificultando o estabelecimento do diálogo.</p>
Vivência semiaberta	<p>O segundo momento recebe este nome em virtude das instruções provenientes da exposição inicial que, de algum modo, indicarão certo caminho prático da ação discente. Nesse sentido, a experimentação dos alunos estará, mesmo que minimamente, submetida às escolhas pedagógicas do professor.</p>
Conscientização	<p>Esse momento tende a direcionar ainda mais a vivência dos alunos em certos aspectos pedagógicos ideais, vislumbrados nos objetos do professor e do aluno, para a aula. O professor suscita a reflexão, e a conduz com a participação ativa dos alunos em direção aos objetivos a serem conquistados, e habilidades a serem desenvolvidas.</p>
Vivência pós-conscientização	<p>Neste momento a reflexão da etapa anterior, deverá despertar no aluno certa conscientização para determinados fins almejados pelo docente. Por um lado, vislumbramos o aumento das possibilidades de consecução dos objetivos de aprendizagem, enquanto, por outro, a liberdade criativa e autônoma dos alunos, ao menos nesta fase do processo, permanece contida, reunindo atributos, para que no momento oportuno se expanda revelando todo seu potencial.</p>
Reflexão/Avaliação	<p>Ao final, por meio de uma roda de conversa, os alunos são novamente chamados a refletir, dessa vez, sobre o conjunto da aula e sobre como a conscientização os ajudou a desenvolverem os aspectos da aula com maior assertividade. É também o momento da avaliação da aula, sejam nos aspectos conceituais, pelas respostas, nos corporais pela participação na aula, e nos atitudinais, pelo comportamento.</p>

Fonte: Professor-pesquisador



Exposição/Diálogo Inicial: consiste do principiar da aula, dos primeiros direcionamentos e ações pedagógicas despendidos pelo professor em direção aos seus alunos, sustentando a expectativa de que haja ressonância e que algo retorne desde a perspectiva dos alunos estabelecendo-se, portanto, o diálogo inicial.

O professor registra a presença dos alunos em seu diário; o que pode parecer apenas um cumprimento burocrático de um dever docente, entretanto é a oportunidade de observar quem são as pessoas com quem a aula será ministrada, não obstante esse conhecimento, com o passar do tempo, já esteja incorporado no professor, porém é o momento de olhar nos olhos de cada aluno buscando enxergar o que as janelas dessas almas estão as nos mostrar ou a tentar esconder; pode-se descobrir muito nesse instante; em seguida apresenta-se o tema da aula, que pode variar entre exposição oral; apresentação de slides, vídeos etc.

A intenção desse primeiro momento é que ocorra uma conversa, inevitavelmente com um caráter mais expositivo, em função da necessidade de explanação das ações que se desenrolarão durante a aula, bem como dos aspectos conceituais que a fundamentam, especialmente nas primeiras aulas, pois há apresentação de novos temas e conteúdos, dificultando o estabelecimento do diálogo. Podemos concluir, que este é um momento predominantemente conceitual.

Vivência semiaberta: terminado o diálogo, este é o momento em que se iniciam as ações predominantemente procedimentais por parte dos alunos. Dele se diz vivência semiaberta em função da fase anterior que, por menos intenção de condicionar os atos discentes com que tenha sido realizada, invariavelmente, aspectos das preferências e intenções pedagógicas, bem como dos objetivos estabelecidos, ressoarão nas ações dos alunos.

Nesse sentido, o segundo momento manifesta as instruções provenientes da exposição inicial que, de algum modo, indicarão certo caminho prático da ação discente, de modo que a experimentação dos alunos estará, mesmo que minimamente, submetida às escolhas pedagógicas do professor.

Conscientização: depois da primeira vivência realizada pelos alunos, eles são chamados a conscientizarem-se sobre o que acabaram de fazer, bem como sobre o que podem vir a fazer, nos seguintes momentos da aula. Esta etapa ajuda a tornar mais clara, para os alunos, a compreensão acerca da relação entre os aspectos conceituais e procedimentais, dito de outro modo, como a teoria se aplica na prática, evitando uma



concepção dicotômica que tende a separar essas duas esferas, não obstante revelando aos discentes que ambas permanecem faces de um mesmo objeto. Esse momento tende a direcionar um pouco mais a vivência dos alunos a certos aspectos pedagógicos ideais, vislumbrados nos objetos do professor e do aluno, para a aula. O professor é quem suscita a reflexão inicial, introduzindo, aos poucos, os alunos na discussão conceitual acerca do tema, sempre observando os objetivos a serem conquistados, e as habilidades a serem desenvolvidas. No entanto, é um momento de reflexão em que os alunos já possuem mais subsídios para apresentarem suas percepções acerca do que estão vivenciando, estabelecendo relações com tudo aquilo que já conhecem da realidade, de modo que um verdadeiro e completo diálogo reflexivo, antecipando a última etapa da aula, já possa ser vislumbrado, nesta ocasião.

Vivência pós-conscientização: se na primeira vivência da aula os alunos, somavam às suas próprias referências, adquiridas ao longo de suas vidas, as instruções e direcionamentos transmitidos pelo professor, neste momento, a reflexão da etapa anterior deverá ter provocado no aluno certa conscientização para determinados fins almejados pelo docente e programados para os discentes. Ao optarmos por determinadas abordagens, direcionamos nossas decisões a certo rumo, de modo que não é possível agregar todos aspectos, de todas as abordagens, ao mesmo tempo, em todas aulas. Cada escolha é uma renúncia, nesse sentido esse caminho aumenta as possibilidades de consecução dos objetivos de aprendizagem, ao passo que restringe, em certa medida, a liberdade criativa e autônoma dos alunos, ao menos nesta fase do processo, para que aos poucos possa revelar a autonomia substancial, quando do domínio pleno das competências relacionadas ao objeto de estudo.

Reflexão/avaliação: este é o momento final da aula que pode ser conduzido de diferentes maneiras a depender das características da turma, do ano, da fase em que se encontra a aplicação de determinado tema etc. Se tomarmos, por exemplo, uma turma madura, de 4º ou 5º ano, que já avançou à metade de uma unidade didática, pode-se muito bem conduzir a roda de conversa reflexiva enquanto, de maneira autônoma, os estudantes realizam o alongamento e o relaxamento em conformidade com as atividades que se desenvolveram durante a aula. Nesta perspectiva, sentados em roda, para facilitar a visualização mútua, os alunos são novamente chamados a refletir, dessa vez, sobre o conjunto da aula e sobre como a conscientização os ajudou ou não a desenvolverem os aspectos fundamentais com maior assertividade. É também o momento da avaliação da

aula, sejam nos aspectos conceituais, pelas respostas e compreensão demonstradas nas tomadas de decisão durante as ações na aula, nos corporais pela efetiva participação e comprometimento nas ações, e nos atitudinais, pelo comportamento em relação a si mesmos, aos companheiros e ao docente. Há ainda a autoavaliação – sintetizada e certamente reducionista, em virtude da limitação temporal, mas que certamente será descompactada e incorporada, pelo docente, na sua avaliação geral – que ocorre por meio de notas dadas a si mesmos pelos alunos, partindo do mínimo de 5,0 até o máximo de 10,0, excetuados os casos de não participação deliberada e injustificada que podem ser abaixo de 5,0 atingindo o mínimo de 0,0. A nota vem acompanhada de uma pequena frase dita pelo aluno em relação à sua participação na aula, por exemplo: – satisfatória; ou ainda: – muito boa.

Vivência aberta: ao se aproximar do fim de uma unidade de conhecimentos, quer seja didática, ou conforme organização da BNCC, temática, com o intuito, ainda de promover, mas sobretudo de avaliar a autonomia conquistada pelos alunos em virtude das aulas desse componente, leva-se a cabo a vivência aberta, a partir da qual os alunos, sob o menor condicionamento possível, por parte do professor, vivenciarão gerindo sua própria prática, elementos centrais do que se observou e apreendeu da trajetória temática. Esses momentos acontecerão, no que diz respeito à aula, em substituição às vivências semiabertas, conscientização e vivência pós-conscientização, preservando ainda, da estrutura original da aula, a exposição/diálogo inicial, bem como a reflexão/avaliação final, para que sejam viabilizadas a introdução, mediante a qual se anunciará essa ideia, e a avaliação proveniente da reflexão final.

5.3 Unidade didática

As Unidades Didáticas (UD) são, segundo Leitão (1976), um conjunto de objetivos de ensino, tais como: noções, habilidades, teorias, leis entre outros que organizados e agrupados ao redor de um eixo motivador, estabelecem uma totalidade integrada, que deverá ser apreendida, somando-se ao conjunto de aquisições do indivíduo, por intermédio de seus esquemas de assimilação.

Para Bento (2003), as Unidades Didáticas são parte essencial do programa de uma disciplina na medida em que estabelecem unidades integrais do processo



Portanto, a escolha de realizar uma UD com cada um dos interesses culturais do lazer, abarcando os cinco primeiro sugeridos por Dumazedier (1979), bem como os posteriormente postulados por Camargo (1989) e Schwartz (2003), partiu da intencionalidade docente no intuito de – mesmo que em poucas aulas em relação à amplitude e profundidade dos conteúdos do lazer – promover uma ampliação de repertório dos alunos, colaborando com a conscientização das inúmeras possibilidades que o fenômeno encerra.

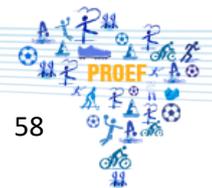
Malgrado o espaço-tempo em que se deu a ação seja coagido pela obrigatoriedade do compromisso acadêmico, o intento – diante desta conjuntura curricular – foi o da criação de oásis espaço-temporais em meio a estrutura escolar, nos quais a fruição descompromissada dos interesses culturais consista no motor que embala os alunos ao longo do percurso, para que seja, não apenas possível, mas necessário que, dessa experiência, resultem implicações pedagógicas de aprendizagem e que, aos poucos, sejam essas ocasiões harmoniosamente integradas no cotidiano escolar habitando na tensão entre a obrigatoriedade e a autonomia do papel discente na medida em que se estabelece o lazer da escola.

Para tanto foram também desenvolvidas pelo professor-pesquisador, habilidades em consonância com as competências que constam da BNCC (Brasil, 2018), e com os objetivos de ensino da UD visando uma educação pelo e para o lazer.

As habilidades listadas a seguir, podem ser divididas ao longo do processo formativo dos alunos no primeiro ciclo do ensino fundamental, de modo que em cada ano letivo, seja enfatizado algum aspecto do fenômeno, algo que deverá se estender aos outros ciclos da educação básica.

Como trata-se de uma Unidade Didática, ainda que destinada ao 5º ano do ensino fundamental, e também em função da ausência total de intervenções anteriores nessa temática, buscamos concentrar todas as habilidades nessa mesma UD, sabendo que requerem mais tempo e quantidade de aulas para que possam ser efetivamente desenvolvidas:

- (EF05EF16) identificar, comparar e diferenciar os elementos constitutivos fundamentais de cada interesse cultural do lazer na inter-relação com a Educação Física escolar;
- (EF05EF17) experimentar e fruir práticas do contexto do lazer nos seus diferentes interesses culturais, valorizando a importância dos tempos e espaços dedicados a promoção desses valores;



- (EF05EF18) refletir sobre a importância das práticas do contexto do lazer na vida cotidiana e sobre como estes direitos podem ser legalmente garantidos;
- (EF05EF19) descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as práticas do contexto do lazer na vertente dos interesses culturais, explicando suas características e a importância desse patrimônio para a preservação e ampliação da cultura;
- (EF05EF20) recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, atividades do contexto do lazer enquanto reflete sobre suas possibilidades de vivências em relação aos valores e conteúdos culturais;

Portanto, a dinâmica das aulas seguiu o seguinte itinerário: a primeira aula, consistiu de apresentação do tema e a segunda de planejamento participativo – assinalando a compreensão anteriormente citada de que, para que se caracterize efetivamente uma experiência como proveniente do contexto do lazer, um dos discernimentos fundamentais é de que haja livre iniciativa na escolha, por parte de quem se inclina ao desfrute da prática.

A partir da terceira aula até a nona, foram desenvolvidos em cada uma delas, um dos interesses culturais do lazer, na perspectiva de apresentação, não tanto das atividades em si mesmas, mas sobretudo das possibilidades e características que cada conteúdo do lazer configura e expressa, e também com o intuito de educar para o lazer, por meio do lazer – como ferramenta pedagógica – enquanto amplia o repertório dos alunos acerca desses conhecimentos.

A última aula consistiu da conclusão da Unidade Didática por meio de um festival em cujo, as pipas, foram confeccionadas pelos alunos na aula anterior que tratou dos interesses manuais, finalizando com uma roda de conversa para autoavaliação e avaliação da unidade.

A seguir apresentamos um quadro com a estrutura e organização da Unidade Didática dos Interesses Culturais do Lazer a fim de facilitar a visualização da proposta implementada retratando seus aspectos de planejamento e organização.

Quadro 2: Unidade Didática – Os Interesses Culturais do Lazer nas Aulas de Educação Física Escolar

UNIDADE DIDÁTICA – OS INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
TEMA DA UNIDADE	Lazer
OBJETO DE	Interesses Culturais do Lazer



CONHECIMENTO	
HABILIDADES	
(EF05EF16)	Identificar, comparar e diferenciar os elementos constitutivos fundamentais de cada interesse cultural do lazer na inter-relação com a Educação Física escolar
(EF05EF17)	Experimentar e fruir práticas do contexto do lazer nos seus diferentes interesses culturais, valorizando a importância dos tempos e espaços dedicados a promoção desses valores
(EF05EF18)	Refletir sobre a importância das práticas do contexto do lazer na vida cotidiana e sobre como estes direitos podem ser legalmente garantidos
(EF05EF19)	Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as práticas do contexto do lazer na vertente dos interesses culturais, explicando suas características e a importância desse patrimônio para a preservação e ampliação da cultura
(EF05EF20)	Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, atividades do contexto do lazer enquanto reflete sobre suas possibilidades de vivências em relação aos valores e conteúdos culturais
AULA – 1	
Tema:	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Apresentação da Unidade Didática
Data	13/09/2023
Local	Biblioteca/Sala de Audiovisual
Duração	50 minutos
Recursos	Equipamento audiovisual; Apresentação de slides; Folhas sulfite; Lápis de colorir
Objetivos	Compreender o conceito de Interesse Cultural do Lazer; conhecer os diferentes elementos que o constitui; refletir sobre as possibilidades de lazer nos espaços públicos; apropriar-se das legislações que garantem o direito de acesso ao lazer; preparar-se para a elaboração do planejamento participativo.
Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: breves instruções acerca da primeira tarefa da aula que consiste na distribuição das folhas de sulfite para os alunos e a solicitação do professor para que desenhem o que é lazer segundo suas concepções.</p> <p>Vivência semiaberta: os alunos desenharão em um dos lados de uma folha sulfite, em que consiste o lazer segundo suas concepções.</p> <p>Conscientização: terminados os desenhos será exposto o conteúdo com a definição de interesses culturais do lazer, bem como a explanação de cada um deles, com exemplos diversos, por meio de imagens e vídeos, afim de melhor ilustrá-los.</p> <p>Vivência pós-conscientização: os alunos deverão fazer um novo desenho no verso da folha em que realizaram o primeiro de modo a evidenciar se suas concepções acerca de quais</p>



	sejam as possibilidades de lazer foram ampliadas. Reflexão/avaliação: discussão sobre os desenhos. Autoavaliação
Avaliação	Desenho com o tema: o que é lazer para mim?
AULA – 2	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Planejamento Participativo
Data	15/09/2023
Local	Biblioteca/Sala de Audiovisual
Duração	50 minutos
Recursos	Equipamento audiovisual; Apresentação de slides; Cartolinas; Lápis e Canetas de colorir.
Objetivos	Participar ativamente das escolhas envolvidas na elaboração do planejamento da Unidade Didática; ser capaz de elaborar conjuntamente com colegas e professor um planejamento; sustentar argumentação em defesa de suas preferências e escolhas.
Desenvolvimento	Exposição/diálogo inicial: retomada dos interesses culturais do lazer, apresentando para cada um deles diversas possibilidades de vivências. Vivência semiaberta: discussão discente sobre quais vivências serão escolhidas para comporem as aulas Conscientização: intervenção docente indicando caminhos para as escolhas, bem como introduzindo vivências com a finalidade de ampliar o repertório dos alunos (educação para o lazer). Vivência pós-conscientização: reavaliação das decisões tomadas e alterações necessárias para possibilitar a realização das vivências, conforme as possibilidades da escola. Registro em cartolinas das vivências escolhidas. Reflexão/avaliação: ao final os alunos responderão a seguinte pergunta: quais suas expectativas em relação à sua participação na Unidade Didática dos Interesses Culturais do Lazer?
Avaliação	Observação da participação nas atividades, resultado do planejamento; observação da coerência argumentativa.
Aula – 3	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Físicos do Lazer
Data	20/09/2023
Local	Quadra
Duração	50 minutos
Recursos	Bola de futsal; coletes; caixa de som; bicicletas, frisbee
Objetivos	Experimentar/fruir atividades físicas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse físico.



Vivências escolhidas pelos alunos	Futebol (futsal); Dança; Passeio ciclístico
Desenvolvimento	Exposição/diálogo inicial: apresentação da sequência da aula. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente física, das atividades. Vivência semiaberta: jogo de futsal; danças; passeio de bicicleta Conscientização: percepções sobre as atividades vivenciadas; apresentação do Ultimate Frisbee Vivência pós-conscientização: vivência do Ultimate Frisbee Reflexão/avaliação: é possível realizar o frisbee fora da escola?
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 4	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Intelectuais do Lazer
Data	22/09/2023
Local	Sala de aula
Duração	50 min.
Recursos	Jogos de tabuleiro e de mesa; papel, caneta
Objetivos	Experimentar/fruir atividades predominantemente intelectuais na perspectiva do lazer; identificar as características prevalentes nas atividades que as qualificam como interesse intelectual.
Vivências escolhidas pelos alunos	Stop; Cara-a-cara; Uno; Banco Imobiliário.
Desenvolvimento	Exposição/diálogo inicial: apresentação da organização da aula em estações. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente intelectual, das atividades. Vivência semiaberta: separados em grupos os alunos experimentam as estações: Stop; Cara-a-cara; Uno e Banco Imobiliário. Conscientização: percepções sobre as atividades vivenciadas; apresentação dos jogos sugeridos pelo professor: Quebra-cabeça; Sudoku; Palavras cruzadas; Ludo; Caça palitos; Cilada; Dominó; Blocos de encaixe; Caiu perdeu; War. Vivência pós-conscientização: experimentação das novas estações. Reflexão/avaliação: roda de conversa sobre a experimentação, sobre a natureza predominantemente intelectual das atividades em contraste com a aula anterior.



Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 5	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Sociais do Lazer
Data	27/09/2023
Local	Quadra
Duração	50 min.
Recursos	Toalha; guardanapos; alimentos diversos
Objetivos	Experimentar/fruir atividades sociais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse social.
Vivências escolhidas pelos alunos	Piquenique
Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: conversa sobre as oportunidades que os momentos de alimentação em grupo nos proporcionam para o aumento do conhecimento mútuo acerca da realidade de cada indivíduo. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente social, desse encontro; sociabilização.</p> <p>Vivência semiaberta: todos sentados em roda, em volta da toalha, alunos e professor conversam sobre assuntos variados enquanto comem os alimentos trazidos por cada um.</p> <p>Conscientização: momento oportuno, em que todos param de comer para responder alguns questionamentos do professor, tais como: como é sua alimentação em casa? Seus familiares costumam se reunir para se alimentarem juntos? Fazem confraternizações, festas etc., como se dão? Saem com os familiares ou amigos para algum tipo evento social? Alguém cultiva algum hobby, toca algum instrumento etc.?</p> <p>Vivência pós-conscientização: todos terminam de se alimentar e conversar, contando mais um pouco sobre si.</p> <p>Reflexão/avaliação: reflexão sobre como podemos promover e valorizar esses momentos de encontro, mediante os quais nos conhecemos a nós mesmos na relação com os outros, a vida em sociedade e como isso é importante para o processo acadêmico escolar, que, cada vez mais, constitui um núcleo social.</p>
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 6	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Virtuais do Lazer
Data	29/09/2023



Local	Sala de Informática/Robótica
Duração	50 min
Recursos	Jogos eletrônicos, celulares
Objetivos	Experimentar/fruir atividades virtuais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse virtual.
Vivências escolhidas pelos alunos	Utilização de celulares para acesso à internet, redes sociais, aplicativos de mensagens etc. Jogos eletrônicos.
Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: apresentação da organização da aula em estações. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza, predominantemente, virtual das interações e atividades.</p> <p>Vivência semiaberta: os alunos iniciam as estações passando pelo grupo de WhatsApp criado para manutenção de uma interação sobre a aula e pelos notebooks com variados jogos com e sem controle.</p> <p>Conscientização: conversa sobre como a virtualidade oferece oportunidades diversas de acesso a várias formas de conhecimento e vivências.</p> <p>Vivência pós-conscientização: introdução das atividades sugeridas pelo professor, tais como: passeio virtual com Google Earth. Desenho digital em mesa digitalizadora; jogos intelectuais digitais etc.</p> <p>Reflexão/avaliação: discussão sobre como podemos vivenciar diferentes interesses culturais por meio do virtual; como devemos modular o uso dos aparelhos eletrônicos para promover o encontro presencial, como na aula anterior, ao passo que o virtual nos oferece possibilidades, de outro modo, inviáveis.</p>
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 7	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Turísticos do Lazer
Data	04/10/2023
Local	Espaço urbano – Ruas dos bairros próximos à escola
Duração	50 min.
Recursos	Bonés, filtro solar, garrafas de água, calçado confortável
Atividades sugeridas	Visitas às praças, parque ecológico de São Carlos, parque estadual de Porto Ferreira, museu
Objetivos	Experimentar/fruir atividades turísticas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse físico.
Vivências escolhidas pelos alunos	Passeio pelos bairros



Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: ainda na escola são passadas as instruções sobre o comportamento durante o passeio. Levanta-se alguns pontos sobre a relação dos interesses físicos como os turísticos. Qual predomina?</p> <p>Vivência semiaberta: saímos da escola passeando pelas ruas dos bairros nos quais vivem os alunos.</p> <p>Conscientização: conversamos sobre a arquitetura, sobre a função social de cada prédio e espaço público, sobre a realidade social desses bairros.</p> <p>Vivência pós-conscientização: continuamos a caminhada pelas ruas e vielas enquanto os alunos relatam experiências vividas nesses espaços.</p> <p>Reflexão/avaliação: já de volta à escola, conversamos sobre as possibilidades de vivências do âmbito do lazer que eles costumam experimentar nos locais pelos quais passamos. Compreensão de que, mesmo realizando uma atividade física, como a caminhada, o interesse predominante que motivou o passeio foi o desejo de se deslocar pelo bairro, mudar de paisagem em relação ao ambiente escolar e desfrutar desse momento.</p>
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 8	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Artísticos do Lazer
Data	06/10/2023
Local	Quadra/Espaços da escola
Duração	50 min.
Recursos	Massa de modelar; folha sulfite; cartolina; lápis de colorir, tinta guache etc.
Atividades sugeridas	Oficina de Dança; oficina de teatro; oficina de instrumento musical; filmes; festival de talentos, Artes plásticas, desenho; pintura; modelagem escultura; fotografia
Objetivos	Experimentar/fruir atividades artísticas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse artístico.
Vivências escolhidas pelos alunos	Pintura artística em cartolina
Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: conversa sobre o quanto estamos atentos às expressões artísticas que nos cercam e como podemos expressar nossas interioridades, por meio da arte.</p> <p>Vivência semiaberta: em duplas, os alunos desenham e pintam algo que lhes seja significativo, que consideram belo, que eleve sua alma.</p> <p>Conscientização: reflexão sobre encontrar beleza ao nosso redor</p>



	<p>Vivência pós-conscientização: enquanto terminam suas pinturas, uma dupla de cada vez, sai pela escola procurando registrar fotograficamente algo que lhes chame a atenção.</p> <p>Reflexão/avaliação: explicação do que fotografaram. Conversa sobre as oportunidades de acesso às artes.</p>
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 9	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Interesses Manuais do Lazer
Data	18/10/2023
Local	Sala de Aula
Duração	50 min. + 1h40
Recursos	Papel de seda de diversas cores, Linha nº 10, Varetas de bambu, Sacos plásticos, Cola, tesoura; molde para confecção de armação.
Objetivos	Experimentar/fruir atividades manuais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse manual
Desenvolvimento	<p>Exposição/diálogo inicial: instruções sobre o passo-a-passo da confecção da pipa. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza, predominantemente, manual das ações.</p> <p>Vivência semiaberta: entrega dos materiais e início da confecção das pipas.</p> <p>Conscientização: conversa sobre a capacidade humana de transformar a natureza, por meio de sua intervenção na matéria e da intencionalidade posta nos objetos.</p> <p>Vivência pós-conscientização: os alunos continuam a confecção de todas as partes que compõem a pipa, desde a armação, passando pela encapagem; cabresto; rabiola.</p> <p>Reflexão/avaliação: roda de conversa final sobre as atividades relacionadas aos interesses manuais do lazer; como podemos construir nosso próprio material; como podemos vivenciar atividades do âmbito do lazer sem a necessidade de entrar em uma lógica de consumo desmedida.</p>
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.
Aula – 10	
Tema	Lazer – Interesses Culturais do Lazer
Objeto de conhecimento	Festival de Pipas
Data	20/10/2023
Local	Praça do bairro
Duração	2h
Recursos	Pipas confeccionadas em aula, linha (Os alunos que tiverem

	poderão levar), boné, filtro solar.
Objetivos	Experimentar/fruir atividades de lazer; identificar as características predominantes nas atividades e com qual interesse elas se identificam.
Desenvolvimento	Exposição/diálogo inicial: ainda na escola, reforçar os avisos sobre os cuidados durante o festival; conversar sobre a expectativa para o encerramento da unidade didática; sobre como os interesses culturais do lazer se interpoem e se interconectam. Vivência aberta: este é o momento de encerramento da unidade didática, quando os alunos têm a oportunidade de experimentar e demonstrar a autonomia desenvolvida ao longo do processo, de modo que possam vivenciar as atividades, a partir dos materiais que eles mesmos confeccionaram, de maneira emancipada da coação da lógica de consumo e dos obstáculos diversos que os impedem de acessar esses espaços e tempos. Reflexão/avaliação: reflexão final
Avaliação	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas, autoavaliação, avaliação da Unidade Didática

Fonte: Professor-pesquisador

5.4 Procedimentos para a coleta de dados

O instrumento de que se fez uso neste estudo para a realização da coleta de dados foram as notas de campo. Nas notas estão contidas informações relevantes para que se concretize a cientificidade da pesquisa, tais como: data e o nome dos participantes, descrições do contexto, das ações etc.

A descrição das pessoas, dos objetos, dos lugares, dos acontecimentos, das atividades e das conversas, registrada e acrescida das ideias, estratégias, reflexões, palpites e padrões do investigador que surgem da observação, são o que caracterizam as notas de campo, “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan; Biklen, 1994, p.150).

As notas de campo não se reduzem às anotações escritas registradas pelo investigador por meio de cadernos ou mesmo digitalmente, mas abarcam também todo e qualquer dado que se possa recolher durante o estudo, como esclarecem Bogdan e Biklen (1994, p.150):

[...] todos os dados são considerados notas de campo; este termo refere-se colectivamente a todos os dados recolhidos durante o estudo, incluindo as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais.

Em conformidade com esta perspectiva, e ainda reforçando a característica processual, anteriormente referida pelos autores em relação aos estudos qualitativos, durante nossa intervenção, e ao longo de todo o processo, foram recolhidas notas de campo, do esforço de elaboração da unidade didáctica, da observação das aulas por parte do investigador, do registro de imagens capturadas pelo pesquisador, da confecção de materiais por parte dos alunos, tais como: desenhos, cartazes, fotografias, pipas etc. e do registro das falas, comentários, manifestações, indagações em qualquer tempo, mas especialmente durante a conscientização, e na reflexão sobre a ação nas rodas de conversa e avaliação, que ocorreram nas aulas quando da implementação da unidade didáctica.

A organização e redação das notas de campo ocorreram sempre no horário de trabalho pedagógico escolar (HTPE) subsequente ao término das aulas, e quando não suficiente, prolongava-se por mais algum tempo naquele mesmo ambiente de sala dos professores da unidade escolar.

Para tanto, como elucidado anteriormente, o professor-pesquisador utilizou anotações recolhidas durante as aulas em um bloco de notas físico, registros de imagens, produção dos alunos, produção própria, contexto, para confeccionar as notas de campo em sentido estrito.

Como sugerem, Bogdan e Biklen (1994, p.152), procuramos distinguir nas notas de campo suas duas naturezas, a primeira descritiva, na qual o principal esforço consiste em “[...] captar uma imagem por palavras do local, pessoas, acções e conversas observadas”, a fim de “[...] registrar objectivamente os detalhes do que ocorreu no campo. O objectivo é captar uma fatia da vida”, e a segunda mais reflexiva, cuja realização “[...] apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações”.

Os aspectos descritivos das notas de campo, aos quais nos atentamos quando da elaboração escrita das notas, são distribuídos, por Bogdan e Biklen (1994), em seis áreas:

1 – Retratos dos sujeitos: que “[...] inclui a sua aparência física, maneira de vestir, maneirismos, estilo de falar e de agir”, procurando aspectos particulares que as distinguem dos outros (Bogdan; Biklen, 1994, p.163).

2 – Reconstrução do diálogo: que visa registrar as conversas entre os sujeitos e também com o pesquisador, quer seja em público ou de forma privada, neste último caso, buscando parafrasear os emissores das falas, mas respeitando o que foi expressado, observando atentamente as frases que tenham importância decisiva para o contexto do estudo (Bogdan; Biklen, 1994).

3 – Descrição do espaço físico: seja por desenho, ou pela posição da mobília, características do chão, das paredes etc., bem como a apreensão da sensação imagética que o prédio projeta sobre o investigador (Bogdan; Biklen, 1994).

4 – “Relatos de acontecimentos particulares. As notas incluem uma listagem de quem esteve envolvido no acontecimento, de que maneira e qual a natureza da acção” (Bogdan; Biklen, 1994, p.164).

5 – “Descrição de actividades. Para esta categoria você incluirá descrições detalhadas do comportamento, tentando reproduzir a sequência tanto dos comportamentos como de actos particulares” (Bogdan; Biklen, 1994).

6 – O comportamento do observador: que deve também ser examinado, na medida em que este consiste no instrumento humano primordial de recolhimento de dados, e que, portanto, deve atentar-se ao próprio comportamento, suposições, preconceitos ou qualquer outro agente que possa obscurecer os dados coletados (Bogdan; Biklen, 1994).

Outro fator importante, ao qual, nos mantivemos atentos no procedimento para a coleta de dados, diz respeito ao que os autores descrevem como dados férteis ou notas de campo férteis. Esses termos designam àquelas notas de campo que contém boas descrições e diálogos relevantes para o contexto da pesquisa enquanto apresentam seus significados para os sujeitos. “Os dados férteis estão recheados de provas, com as pistas que você começa a pôr junto para fazer um juízo analítico daquilo que está a estudar” (Bogdan; Biklen, 1994, p.165).

As notas de campo, quando iniciam a especulação, deixam vir à tona os sentimentos, esbarram nas dificuldades, precipitam juízos, opiniões, impressões e os preconceitos do investigador, entram na esfera da reflexão. Elas ocorrem por meio de

frases ou parágrafos inteiros que refletem uma perspectiva pessoal mais subjetiva do investigador no transcurso da investigação (Bogdan; Biklen, 1994).

Essa tarefa demanda um alto grau de sinceridade do investigador que precisa deixar irromper tudo o que está em seu interior, de modo que “[...] confesse os seus erros, as suas inadequações, os seus preconceitos, os seus gostos e aversões” (Bogdan; Biklen, 1994, p.165).

Utilizamos na confecção das notas de campo, como sugerido pelos autores, a notação “C.O.” que significa comentários do observador. Estes comentários aparecem ao longo de todo o texto exprimindo a subjetividade das impressões do investigador ao se deparar com pontos mais interessantes para o contexto da pesquisa. Quando da releitura e contemplação das notas de campo, feitas pelo pesquisador já em fase de pré-análise, novos excertos puderam enriquecer e aprofundar as impressões anteriormente registradas (Bogdan; Biklen, 1994).

Finalizando a explanação sobre os procedimentos para coleta de dados, ressaltamos a importância para o nosso trabalho que ofereceram as nove pistas, sugeridas pelos autores, a fim de elaborarmos com maior fidedignidade e clareza as notas de campo (Bogdan; Biklen, 1994):

1 – Prossiga diretamente com a tarefa. Evite procrastinar. A demora entre a observação e a anotação deteriora a memória, diminuindo a probabilidade de fazer o registro.

2 – Evite discutir sua observação antes de registrá-la. Conversar sobre a observação pode torná-la mais vaga. Isso também pode gerar confusão, pois você pode começar a questionar o que anotou e o que contou ao seu colega.

3 – Procure um lugar tranquilo, livre de distrações, e com o equipamento apropriado para fazer suas anotações e se concentrar no trabalho.

4 – Reserve uma quantidade adequada de tempo para finalizar suas anotações. É preciso prática para estimar corretamente quanto tempo é necessário para completar um conjunto de anotações. Principalmente para suas primeiras observações, reserve pelo menos três vezes mais tempo para escrever do que para observar.

5 – Inicie colocando algumas anotações no papel. Faça um rascunho com frases-chave e eventos que ocorreram. Algumas pessoas desenham um diagrama do local e o usam para revisitar a experiência desse dia. Assim como seu amigo, algumas pessoas

anotam imediatamente após deixar o campo e mais tarde trabalham a partir dessas anotações. Outros escrevem esboços completos quando se sentam ao computador.

6 – Tente acompanhar a sequência da sessão de observação de maneira cronológica. Embora algumas pessoas façam suas anotações por tópicos, o fluxo natural de uma cronologia pode ser o melhor esquema organizacional.

7 – Permita que as conversas e os eventos fluam da sua mente para o papel. Algumas pessoas até repetem as conversas enquanto escrevem.

8 – Se, após concluir uma seção de anotações, perceber que esqueceu de algo, adicione. Da mesma forma, se terminar seu conjunto de anotações e se lembrar de algo que não foi incluído, adicione no final. Não se preocupe em colocar tudo na primeira vez. Sempre há tempo para adicionar depois.

9 – Entender que a tomada de notas é um processo trabalhoso e doloroso, mas guarda sua recompensa para o final, proporcionando condições da realização de um estudo relevante.

5.5 Procedimentos para a análise de dados

A análise dos dados ocorreu por meio de abordagem qualitativa que pressupõe a decomposição do todo em suas partes, para que a partir de então os esforços se concentrem em identificar e interpretar de que forma se relacionam as partes na constituição do todo.

Os dados obtidos por meio das notas de campo, foram submetidos à análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2016), pelo professor-pesquisador, no intuito de organizar o material, identificar e estabelecer categorias que aglutinassem determinados eventos, falas e atos, possibilitando uma identificação e interpretação a posteriori do que emergia na análise.

A vantagem sutil do método de análise de conteúdo, manifesta dois principais objetivos, por nós observados, quando do processo de análise:

1 – Superar a incerteza da real correspondência entre o juízo do investigador sobre o que analisou e o que de fato os dados demonstraram a fim de que a análise, mesmo que subjetiva, possa ser compartilhada por outros (Bardin, 2016).

2 – Enriquecer a leitura por meio de um exame atento, visando “[...] o esclarecimento de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuíamos a compreensão” (Bardin, 2016, p. 35).

Nesse sentido, das duas principais funções que contém a análise de conteúdo, e que podem ou não, conforme Bardin (2016), dissociar-se, quais sejam: a Função Heurística, por meio da qual, a exploração e descoberta têm suas ocasiões aumentadas num sentido mais indutivo; e a da Administração da Prova, que, quando da busca pela confirmação ou impugnação das hipóteses ou afirmações provisórias, utiliza-se do método de análise sistêmica, numa perspectiva mais dedutiva; nos aproximamos, no momento inicial, especialmente da primeira a fim de praticarmos uma escuta atenta acerca do que haviam os dados a nos relatar.

A análise de conteúdo, nesta dinâmica, segundo Bardin (2016, p. 37), é entendida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

A autora complementa afirmando que este método corresponde a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p.42).

Deste modo, na perspectiva de Bardin (2016), toda comunicação, ao que define como, qualquer condução de significados partindo de um emissor destinado a um receptor, quer seja controlado pelo remetente, quer não, em última instância, deveria ser passível de registro escrito, bem como de decodificação pelas técnicas de análise de conteúdo.

A análise realizada neste trabalho condiz com a descrição construída por Bardin (2016, p.40), presente na tabela em que a autora elenca os “Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo”.

Referente à “Quantidade de pessoas implicadas na comunicação”, os dados decorreram, no momento da coleta, de um “Grupo restrito” – que se refere aos alunos da turma com a qual o estudo foi realizado – e quando da sua transposição e acréscimos do



pesquisador, em forma de notas de campo e comentários do observador (C.O.), de “Uma pessoa ‘monólogo’”, neste caso, o próprio pesquisador que os redigiu (Bardin, 2016, p.40).

Em relação ao “Código e suporte”, conforme descrição de Bardin (2016, p.40), a análise está posicionada no item “Linguístico”, na medida em que se debruçou sobre dados “Orais” e “Escritos”. Os dados de ordem oral são provenientes das “Discussões”, e “conversas de grupo de qualquer natureza” durante as aulas, especialmente nos momentos das rodas de conversa, da conscientização e dos questionamentos do Grupo restrito, ao que correspondem, os estudantes.

Por sua vez, os dados de ordem escrita correspondem tanto ao grupo restrito dos alunos, quando registraram suas impressões, abrangendo “[...] todas as comunicações escritas trocadas dentro de um grupo” (Bardin, 2016, p.40), quanto o registro de uma pessoa, efetuado pelo investigador, nas formas de notas de campo e de comentários do observador, de tudo quanto pode acompanhar e refletir.

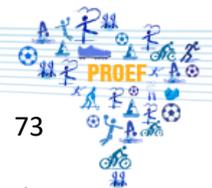
A tabela a seguir, por meio das palavras destacadas em amarelo, indica os caminhos que seguimos nesta investigação, conforme anteriormente explanado:

Figura 1 – Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo

Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo				
Código e suporte	Quantidade de pessoas implicadas na comunicação			
	Uma pessoa “monólogo”	Comunicação dual “diálogo”	Grupo restrito	Comunicação de massa
LINGÜÍSTICO				
Escrito	Agendas, maus pensamentos, congeminções, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projetivos, trabalhos escolares.	Ordens de serviço numa empresa, todas as comunicações escritas trocadas dentro de um grupo.	Jornais, livros, anúncios publicitários, cartazes, literatura, textos jurídicos, panfletos.
Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.	Discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza.	Exposições, discursos, rádio, televisão, cinema, publicidade, discos.
ICÔNICO (sinais, grafismo, imagens, fotografias, filmes etc.).	Garatujas mais ou menos automáticas, grafites, sonhos.	Respostas aos testes projetivos, comunicação entre duas pessoas por meio da imagem.	Toda a comunicação icônica num pequeno grupo (p. ex.: símbolos icônicos numa sociedade secreta, numa casta...).	Sinais de trânsito, cinema, publicidade, pintura, cartazes, televisão.
OUTROS CÓDIGOS SEMIÓTICOS (i.e, tudo o que não é linguístico e pode ser portador de significações; ex.: música, código olfativo, objetos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos etc.).	Manifestações históricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, coleções de objetos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distância espacial, sinais olfativos, manifestações emocionais, objetos cotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como rituais e regras de cortesia.		Meio físico e simbólico: sinalização urbana, monumentos, arte...; mitos, estereótipos, instituições, elementos de cultura.

Fonte: Bardin (2016)

Bardin (2016), concebe a técnica da análise de conteúdo em três principais etapas, que foram por nós observadas ao implementarmos os procedimentos para tal finalidade:



1 – A Pré-análise: que consiste na organização inicial dos materiais a fim de identificá-los por seu grau de relevância para o estudo, escolhendo documentos, formulando hipóteses e objetivos e elaborando indicadores que sustentem a interpretação final. Essa etapa ocorre por meio da sistematização das ideias preliminares em cinco fases:

A. Leitura flutuante, que consiste no estabelecimento de contato com os documentos, para deixar-se envolver por impressões e guiamentos, de modo que, aos poucos essa flutuação se vai estabilizando em hipóteses mais precisas e coerentes com o que expressam os dados;

B. Escolha dos documentos, dos quais a natureza pode ser previamente determinada, de modo a separar o gênero de documentos que se pretende analisar, estabelecendo, com isso, um *corpus*, que consiste no conjunto dos documentos escolhidos mediante algumas regras:

- Exaustividade – que demanda a manutenção da atenção a tudo o que compreende o corpus sem nenhuma exclusão.
- Representatividade – que configura a extrapolação de uma amostra – desde que apropriada para tanto – para o todo. Não obstante, adverte Bardin (2016, p.127) que “Nem todo o material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem e, neste caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este dor demasiado importante”.
- Homogeneidade – a escolha dos documentos deve respeitar uma regra de unificação clara, preferindo características semelhantes, evitando disparidades.
- Pertinência – deve haver correspondência entre os documentos selecionados e os objetivos pretendidos.

C. Formulação das hipóteses e dos objetivos, que consiste, no primeiro caso, em afirmações provisórias que serão posteriormente verificadas, e no segundo, no fim para o qual tende nossos esforços de investigação. É pertinente ressaltar, como nos alerta, Bardin (2016, p.128-129), que “as hipóteses nem sempre são estabelecidas quando da pré-análise” e que os procedimentos fechados, que

ocorrem “[...] por classificação de elementos dos textos em função de critérios internos ou externos” se comportam conforme a perspectiva da indução colaborando para a investigação de hipóteses.

D. Referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que consiste na escolha dos índices que a análise revela dos textos. Nesse sentido, o índice pode corresponder a uma “[...] menção explícita de um tema numa mensagem” e assumido o seu valor atrelado à frequência com que aparece no texto, seu indicador será a constância deste tema, em relação a outros;

E. Preparação do material, que consiste de ajustes materiais, tais como: edições, formatações, transcrições, recortes, enumerações etc.

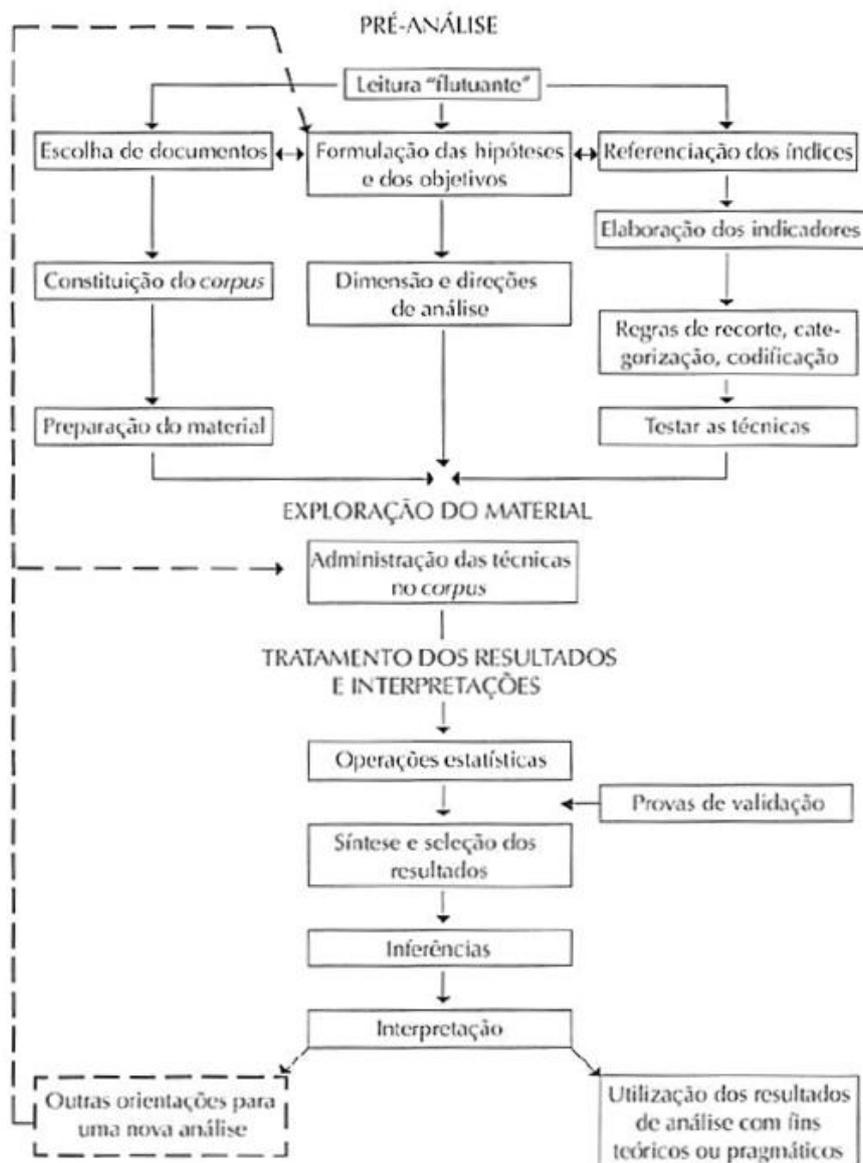
2 – A Exploração do Material: tendo se efetivado corretamente a fase de pré-análise, a análise em si, consistirá tão somente da implementação coerente das escolhas feitas. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2016, p.131).

3 – Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação: nesta etapa o esforço se concentra na transmutação dos resultados brutos em dados relevantes e válidos, mediante os quais podemos inferir e interpretar em consonância com os objetivos do estudo.

A figura a seguir ilustra os caminhos seguidos durante a análise de conteúdo, divididos em suas etapas:



Figura 2 – Desenvolvimento de uma análise



Fonte: Bardin (2016).

6 RESULTADOS

Foi, portanto, este o caminho trilhado por nós para a efetivação da análise de conteúdo.

Iniciamos a pré-análise, empreendendo a leitura flutuante, por meio da qual investigamos minuciosamente, reiteradas vezes, os documentos disponíveis, de maneira que, aos poucos foram-se delineando possibilidades de caminhos a serem por nós percorridos a fim de atingirmos nosso objetivo.

O segundo momento da pré-análise consistiu da elaboração do corpus documental, que se deu mediante organização e escolha dos materiais produzidos pelo professor-pesquisador, ao que se referem às notas de campo, bem como os comentários do observador, e também por aqueles elaborados pelos alunos, nos desenhos, cartazes, fotografias, confecção das pipas etc.

Após a seleção do que nos seria pertinente, respeitando as quatro regras, anteriormente citadas, para bem fazê-lo, quais sejam: a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a pertinência, partimos para a formulação de hipóteses em relação ao caminho que o estudo poderia trilhar, o que nos descortinava a direção da necessidade de uma educação para o lazer, bem como que o questionamento de como deve ser travado esse desafio no ambiente escolar.

Finalizando a primeira etapa em que consiste a pré-análise, referenciamos os índices e elaboramos os indicadores que o texto nos revelara, não tanto mediante a constância observada da recorrência de determinados temas mencionados pelos discentes e comentados pelo professor-pesquisador, mas sobretudo, adotando o critério da relevância de tais elementos em relação ao objetivo de estudo, como aparece no quadro 3.

Quadro 3: Referência dos índices segundo relevância

Palavras, expressões, frases, comentários pertinentes ao objetivo do estudo (As potencialidades pedagógicas da aplicação de uma unidade didática sobre os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental)

- 1 – Conscientização
- 2 – Direito
- 3 – Espaços adequados/próprios
- 4 – Ampliar
- 5 – Repertório



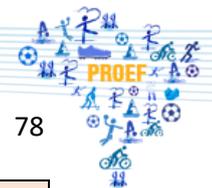
- 6 – Que é lazer?
- 7 – Não sei
- 8 – Pobre
- 9 – Impossibilidade
- 10 – Restrição
- 11 – Não há lugar
- 12 – Celular
- 13 – Jogar
- 14 – TikTok
- 15 – Vídeo
- 16 – YouTube
- 17 – Futebol
- 18 – Aqui não dá pra fazer
- 19 – Limitação conceitual
- 20 – Proibição
- 21 – Regras
- 22 – Visão estereotipada
- 23 – Preferências viciadas
- 24 – Muito caro
- 25 – Consumo
- 26 – Material próprio
- 27 – Oposição ao lazer de consumo
- 28 - Tempo

Fonte: Professor-pesquisador

A etapa seguinte consistiu da exploração do material já devidamente indexado e indicado, de maneira que agrupamos os indicadores de registro que nos pareceram mais relevantes para o estudo, em unidades de registro que sintetizam a ideia central a que fazem referência os elementos em questão, seguindo ainda a regra de pertinência correlativa ao objetivo da pesquisa, como demonstra o quadro 4.

Quadro 4: Unidades de codificação por similaridade temática

Unificação de elementos comuns	
<i>Indicadores relevantes</i>	<i>Unidades de registro</i>
Conscientização Que é lazer? Não sei	Conhecimento do fenômeno em si
Direito Espaços Adequados/próprios Impossibilidade Restrição Não há lugar Aqui não dá pra fazer Proibição Regras	Aprofundamento das possibilidades que o fenômeno enseja em relação aos aspectos legais e físico-estruturais gerais e no contexto particular



Tempo	
Ampliar Repertório Celular Jogar TikTok Vídeo YouTube Futebol Limitação conceitual Visão estereotipada Preferências viciadas	Aprofundamento das possibilidades que enseja o fenômeno em relação às oportunidades de vivências (Interesses culturais)
Pobre Muito caro Consumo Material próprio Oposição ao lazer de consumo	Natureza emancipatória do fenômeno, especialmente no ambiente escolar (Autonomia)

Fonte: Professor-pesquisador

Ao final desta etapa, ainda no processo de codificação e categorização, a partir dos dados que se nos apresentaram, pudemos vislumbrar o surgimento de duas categorias de análise, que aos poucos se foram delineando ao passo que examinávamos o material, buscando estabelecer relações entre os elementos e o objetivo que nos conduziu neste estudo.

Foram, portanto, identificadas as categorias:

A – Urgência de uma educação para o lazer;

B – O lazer na escola e o lazer da escola;

Quadro 5: Constituição das Categorias de Análise

Análise categorial indutiva		
Unidades de registro	Unidades de Contexto	Categorias de análise
Conhecimento do fenômeno em si	“Eu não sei o que é lazer”	Urgência de uma educação para o lazer
Aprofundamento das possibilidades que enseja o fenômeno em relação às oportunidades de vivências (Interesses culturais)	“Eu só gosto de ficar no celular, vendo vídeo e dançando TikTok” “Futebol, a gente quer, futebol”	
Aprofundamento das possibilidades que o fenômeno enseja em relação aos aspectos legais e físico-estruturais	“Aqui perto de casa não tem nenhum lugar pra fazer lazer”	O lazer na escola e o lazer



gerais e no contexto particular		da escola
Natureza emancipatória do fenômeno, especialmente no ambiente escolar (Autonomia)	<p>“Mas ir pra lá é muito caro”</p> <p>“É legal que dá pra gente fazer nosso próprio material, né?”</p>	

Fonte: Professor-pesquisador

6.1 A urgência de uma educação para o lazer

A primeira categoria que emergiu por meio da análise dos dados, consiste de uma constatação que, apesar de não estabelecida *a priori*, de algum modo já manifestava seus indícios desde os primeiros momentos da intervenção da unidade didática, e foi, aos poucos, se confirmando mediante as situações que ocorreram no estudo.

A educação para o lazer não é um tema novo, suas discussões, no Brasil, remontam, pelo menos ao ano de 1969, quando foi realizado na cidade de São Paulo, pela Secretaria do Bem-Estar Social em parceria com Serviço Social do Comércio (Sesc/São Paulo), um seminário que buscou analisar a situação do lazer no país (Silva *et. al.*, 2011).

Outra iniciativa que visava a educação para o lazer, no sentido de conscientizar acerca das novas dimensões do mundo contemporâneo foi criada em 1973, em Porto Alegre, em uma parceria entre a Pontifícia Universidade Católica e a Prefeitura Municipal, designada por Centros de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) (Requixa, 1977).

Desde então e até os dias correntes, iniciativas desta ordem são gestadas e implementadas em diversos contextos, mas como isso tem ocorrido no ambiente escolar, que para crianças e jovens entre 3 e 17 anos, é um local em que empregam grande parte de seu tempo, mais ainda nos casos das escolas de período integral?

No documento que estabelece as diretrizes gerais sobre a educação básica do Brasil, BNCC (Brasil, 2018), o assunto é tratado pelas disciplinas de língua inglesa, geografia, Educação Física, arte e história, constituindo relações com à cultura corporal, com o esporte, com às tecnologias, com à pluralidade artística e cultural e com à saúde, mas em nenhum dos casos, aparece como unidade temática com habilidades próprias, tal como a base estrutura os principais conhecimentos a serem trabalhados, senão como

tema transversal perpassando outros conteúdos, de modo a compor as unidades já estabelecidas (Fonseca *et. al.*, 2021).

A perspectiva assumida na BNCC (Brasil, 2018) denota o caráter da transversalidade multidisciplinar escolhido como estratégia de tratamento do assunto no documento, postura que não explora todo o potencial do tema e, ainda mais grave, tem demonstrado, em contextos reais como os do nosso estudo, um distanciamento dos alunos do contato, ou da consciência dele, com as possibilidades do fenômeno, como expresso pelo trecho:

[...] prosseguimos com a nossa primeira aula, na qual solicitei que desenhassem o que significava o lazer para cada um deles, ao que Jezebel exclamou: -- “Eu não sei o que é lazer”. Eu repliquei dizendo que ela desenhasse aquilo que ela imaginava ser o lazer, ou ainda, o que ela gostaria que ele fosse (N1/I6,7⁸).

Apesar do fenômeno do lazer, dada sua abrangência, de algum modo estar presente na vida dos alunos, o que lhes faltava na ocasião era uma clareza conceitual acerca das relações entre as vivências que costumam experimentar e o conceito teórico de lazer:

Nesse aspecto percebi sinceridade nas respostas que se materializavam por meio dos desenhos por eles confeccionados. Foi possível notar em suas expressões de dúvida, ao se entreolharem uns aos outros, e por meio de comentários paralelos trocados em tom de sussurro, que a maioria também não tinha certeza do que fosse o lazer, manifestando a necessidade de conscientização acerca do tema (N1/I6).

A ausência de concepções claras acerca do fenômeno do lazer é algo que também foi observado em estudo recente realizado no ProEF, em que o professor-pesquisador, Salvador (2023), após intervenção, por meio de unidade didática sobre o lazer, com seus alunos, identificou um desconforto discente com a sugestão do tema, manifestado pelo silêncio, ao que deveria ter sido um diálogo que acabou convertendo-se em aula expositiva.

Segundo o professor-pesquisador, autor do trabalho citado, esse calar diante da apresentação da temática lazer no ambiente escolar em questão, pode:

⁸ (N1/I6,7) Essas siglas, assim referidas, dizem respeito à localização dos excertos citados, de tal modo que: N = Nota de campo; I = Número da aula; I = Índice presente no Quadro 4; 6,7 = Número dos índices.

[...] significar que não há no imaginário discente ideias claras do que é, como se vivencia, como está presente em suas vidas. Dessa forma, percebemos que os alunos estabeleceram poucas relações com o assunto abordado com os conhecimentos trazidos da sua bagagem cultural, pois a teoria ministrada se apresentou muito complexa para esse público que ainda não desfruta de tantas obrigações formais, muito menos desenvolveram autonomia para o entretenimento, recreação, repouso, formação desinteressada e participação social, com isso, refletir sobre definição aprofundada de lazer pode ter embaralhado as ideias e diminuído o interesse discente (Salvador, 2023, p.91).

Ao passo que os alunos manifestavam suas percepções acerca da temática do lazer, a forte influência dos meios digitais em suas vidas e no modo como buscam por momentos do âmbito lazer, foi registrada nos desenhos por eles confeccionados, revelando a modalidade de preferência elegida por alguns deles ao utilizarem seus equipamentos tecnológicos:

Nesse momento eu passava pelas mesas tentando vislumbrar o que eles desenhavam os questionando sobre o que estavam associando ao lazer. Ao fazer isso com a aluna Rebeca, ela respondeu, enquanto desenhava-se deitada na cama, com o celular conectado à tomada: -- “Eu só gosto de ficar no celular, vendo vídeo e dançando TikTok (N1/I14).

A Educação Física escolar, conforme podemos depreender da BNNC, ao assumir como objeto de conhecimento a cultura corporal de movimento, visa, no cotidiano escolar oportunizar aos discentes, situações de aprendizagem que os insiram nas manifestações dessa cultura, algo, mais que conciliável, oportuno, em nosso entendimento, com a possibilidade de explorar as vivências do âmbito do lazer, formando-os para o uso consciente do seu tempo.

Um dos alunos estabeleceu esta relação do lazer com o tempo ao manifestar sua alegria quando aproximado o momento de ir para casa, ao final do dia letivo:

O aluno Moisés associou o ato de ir embora da escola como sendo um momento de lazer, e quando questionado explicou que se referia à perspectiva do tempo livre, na medida em que com o término do período escolar ele deixa de estar coagido pelo tempo em que obrigatoriamente deve permanecer realizando seus deveres escolares (N1/I28).

A escola, bem como as aulas de Educação Física, para os alunos, não foi associada com um tempo-lugar no qual se possa desenvolver, experimentar, aprender, se educar, viver situações do contexto do lazer, pois essa relação, mesmo com outros temas já estabelecidos no componente curricular, para eles é algo ainda em construção:



É importante ressaltar que, avaliando o contexto e identificando a cultura que se cultivava – antes da minha chegada – na escola em relação à educação física que, em síntese, resumia-se ao “rola bola”, optei, na minha atuação docente com as turmas remanescentes dessa época de abandono do trabalho docente, por privilegiar o ambiente externo, na maioria das vezes a quadra, para ministrar, mesmo os conteúdos ditos teóricos da Educação Física, os quais busco transmitir e avaliar oralmente para que a dinâmica da aula rompa, ainda que por pouco tempo, com a clausura das salas, cadeiras e lousas (N1).

Por outro lado, demonstraram algum entendimento acerca da condição de liberdade na escolha, defendida por diversos autores, quando da opção por determinado tipo de vivência, em conformidade com os valores e conteúdos culturais do lazer:

É interessante perceber que nenhum dos alunos associou as aulas de Educação Física como sendo um momento oportuno para vivenciar atividades do contexto do lazer, e quando questionados sobre isso apontaram para a obrigatoriedade da participação nas aulas e realização das atividades propostas, bem como alguns conteúdos que não os agradam como os obstáculos para que as aulas sejam efetivamente consideradas momentos em que se promove ações nessa perspectiva (N1/I22).

Alguns alunos, na sua maioria meninos, relataram muitas ocasiões em que passam momentos brincando na rua, do que podemos apreender que, mesmo com uma concepção deficitária do fenômeno do lazer, e ainda que não contem com equipamentos específicos muito bem estruturados para seu uso, eles vivenciam atividades com algum grau de liberdade na escolha, em função da condição social na qual subsistem:

O contexto da periferia ainda preserva esse hábito infanto-juvenil de brincar na rua, o que é muito interessante de se constatar, pois um comportamento outrora tão amplamente verificado agora permanece apenas em conjunturas específicas, às quais, muitas vezes, não destinam espaços adequados para tanto (N1/I3).

Ao passo que a compreensão acerca do fenômeno do lazer se ia ampliando e clareando em seu entendimento – o que buscamos com a educação para o lazer – muitos deles iniciaram um processo de conscientização de suas condições e de como o lazer ou sua ausência se relaciona com suas vidas. Muitos expuseram situações, nas quais, tinham o seu tempo tolhido por afazeres dos quais deveriam se responsabilizar, mesmo contra sua vontade e condição infanto-juvenil:

Um comentário recorrente manifestado por muitos alunos foi a falta de tempo livre para fazerem o que quiserem, pois além das atividades acadêmicas com as quais precisam cumprir, muitos se vêm comprometidos com os cuidados

da casa, com irmãos mais novos, ou mesmo com auxílio aos pais em trabalhos como: recolher materiais recicláveis, tarefas de sítio etc. (N1/I28,10,9).

Diante desta situação se faz ainda mais necessário oportunizar, por meio da escola, um dos poucos ambientes aos quais todos, sem exceção, têm acesso e permanência garantidos com condições de higiene e saúde, alimentar e educacional, durante cinco dias por semana e pelo menos cinco horas diárias, espaços e tempos onde os alunos possam vivenciar essa faceta da educação que será de suma importância para sua vida futura, e garantindo ainda o acesso a um direito social fundamental:

Esses exemplos retratam a restrição do direito de acesso dos alunos aos espaços e tempos próprios para as atividades do contexto do lazer, o que demonstra a impossibilidade de acesso a estes espaços e tempos, ao que transmitiram a ideia de não haver lugar próprio para isso (N1/I2,3).

Algumas manifestações dos alunos demonstraram a tomada de consciência que aos poucos foi se concretizando conforme a exposição e diálogo acerca do tema se iam desenvolvendo:

Jezebel, que é certamente a aluna mais participativa e interessada da turma, haja vista seu rendimento acadêmico e a maneira como se porta diante das situações em aula, comentou que ficou impressionada ao saber que o lazer encerra tantas possibilidades e que é muito bom saber que tudo isso é direito garantido por lei, ainda brincou afirmando que pediria um ônibus para levá-los à praia e caso fosse negado, denunciaria ao prefeito, já que lazer é lei (N1/I2).

O aluno Moisés, também é muito participativo e interessado, ele afirmou que é muito importante saber que o lazer é um direito para podermos cobrar das autoridades o seu cumprimento. Ele participou da eleição de prefeito e vereador mirim realizada na escola, por isso já esteve envolvido com esse contexto político. Disse que todo lugar, para ele, pode ser um espaço de lazer, depende do que estará fazendo naquele momento. Afirmou que, inclusive no culto religioso que frequenta com os pais, há momentos em que está com os amigos, e que para ele configura uma situação de lazer (N1/I2).

“A conscientização é um processo de apreensão de conhecimentos que nos mune de instrumentos para estabelecer relações com aspectos da realidade que nos cerca, o que pude observar nas conclusões a que Jezebel e os alunos foram chegando, após a exposição (N1/I1).

Quando, em um momento de aula, os alunos apresentaram seus desenhos acerca do que é o lazer, após terem acompanhado a aula e conversado com o professor pesquisador, os efeitos da educação para o lazer já despertavam seus primeiros frutos, pois:



[...] para minha satisfação, os novos desenhos apresentaram vários exemplos dos conteúdos culturais do lazer que foram anteriormente expostos na apresentação. Algo recorrente, por exemplo, entre as meninas, foi a confecção de pulseiras e colares de miçanga, atividade a qual elas têm se dedicado muito no tempo livre do qual dispõem. Empinar pipa apareceu com mais força desta vez, bem como jogos de tabuleiro, atividades culinárias, brincar na rua, ouvir música, dançar, lutar, jogar bola, cantar, assistir filmes etc. (N1/I1,4,5).

É interessante notar como o entendimento acerca do fenômeno lazer é algo que, por vezes, não está presente no nível da consciência, mas que com um pequeno direcionamento, emerge do nosso íntimo e manifesta esse elemento fundante da natureza humana (N1/I1).

Os alunos, como eles próprios relataram, se apropriam dos espaços públicos, ou fazem uso do espaço de suas casas, mesmo quando não perfeitamente adequados, mas ainda sim imprimem na realidade suas pulsões e vivem seus momentos de experiências do âmbito do lazer, ainda que sem trazer isso para consciência reflexiva (N1/I1,3).

A realidade social dos alunos, marcada pela ausência de condições habitacionais dignas, de trabalho, de acesso à saúde, segurança etc., e pela presença de violência, de instabilidade, desestruturação familiar etc., aos poucos exerce determinantes influências na visão de mundo que se vai constituindo, na medida em que a realidade que o cerca parece encerrar a totalidade de suas possibilidades:

Jacó afirmou estar bastante empolgado com a realização da unidade didática porque será um momento de poder realizar atividades diferentes das que estão acostumados. Disse que a lei não funciona muito para eles, pois sabe que muitas coisas são leis, mas não acontecem, pois são “pobre”. Pedi para que desse um exemplo, ele não soube dizer, mas relatou que ouviu a mãe dizer que a lei não é igual para todos (N1/I8).

As perspectivas dos alunos acerca do fenômeno do lazer estavam muito associadas ao prazer, ao que gostam ou não de realizar. Este é um indicador muito frequente na fase infantojuvenil para determinar as ações desses indivíduos que costumam rejeitar a dor e buscar o prazer. Nesta fase do desenvolvimento essa característica marca sua dificuldade de assumir responsabilidades, na medida em que a maturidade consiste em modular as obrigações de subsistência da vida, inclusive aquelas que por vezes não são do nosso agrado, mas são necessárias: “Israel relatou que gosta muito de cavalos e de cuidar dos porcos, atividade que desempenha em auxílio ao pai. Para ele, as atividades que são prazerosas são consideradas de lazer, porque ninguém o está obrigando a realizá-las” (N1/I22).



Sabemos que o prazer não é o único elemento que caracteriza uma atividade como sendo proveniente do contexto do lazer, mas esse me pareceu ser o ponto central da compreensão dos alunos e algo que encerra uma certa visão estereotipada em relação ao tema frequentemente caracterizada pela dicotômica indagação: você faz isso por obrigação ou por prazer? Como se as duas fossem as únicas possibilidades de se conceber a justificativa de uma ação humana. (N1/I22).

Houve ainda a restrição das possibilidades apontadas por alguns alunos como impedimento para a realização de vivências do contexto do lazer, recorrendo, como subterfugio, em sua concepção, aos meios virtuais para efetivação desses momentos:

O aluno Melquisedeque relatou que não faz nada porque não pode e não há lugar apropriado. Ele vive apenas com sua avó que não o deixa sair e que conta com poucos recursos dentro de sua casa. Alegou que as vezes assiste vídeos no YouTube, pelo celular da avó, mas que ela não permite que ele o faça por muito tempo, pois acaba com a internet (N1/I12,15,16).

É nesse cenário que a educação para o lazer se mostra essencial para formar indivíduos conscientes de suas possibilidades e integrados à realidade que o cercam, de modo que possam nela intervir a fim de ampliar a efetivação do acesso aos direitos fundamentais, que constituem fator decisivo para o desenvolvimento pleno do ser humano:

Contudo, esses motivos não impedem que os conteúdos sejam ministrados e que o planejamento anual seja seguido, de modo a ampliar o repertório dos alunos enquanto os insere nas atividades historicamente consagradas e desenvolvidas pela humanidade. Muitos citaram a bicicleta como atividade física que gostariam de vivenciar como do contexto do lazer durante a aula de Educação Física, e desse modo as atividades que foram definidas para a aula foram: futebol, dança e bicicleta (N2/I17,23).

Entretanto, como um dos principais objetivos da aplicação da unidade didática trata-se de implementar uma educação para o lazer, faz-se necessário ampliar, não apenas as possibilidades hipotéticas e ideais de tempos e espaços destinados às práticas do âmbito do lazer, mas de efetivamente concretizar a execução de tais situações para que de fato a vivência dos alunos seja enriquecida e ampliada, aportando mais horizonte em suas escolhas futuras (N2/I4).

A escola e a educação nela consumada possui grande potencial para esse desenvolvimento, ao passo que o lazer, configura uma estratégia e um valor para catalisar esse processo, auxiliando no aperfeiçoamento, na ampliação dos interesses e no

raio de responsabilidades que o sujeito deverá assumir (Requixa 1979; Marcellino 1987).

A liberdade de escolha, que caracteriza as vivências do contexto do lazer, pode ser também um obstáculo para a ampliação do repertório dos alunos, se optarmos pelo planejamento participativo, de modo que, identificamos uma tendência à limitação da escolha a atividades conhecidas e rejeição por novas atividades, não obstante o caminho para superar essas preferências viciadas, é exatamente a educação para o lazer:

A expectativa dos alunos em relação às aulas de Educação Física esteve sempre muito relacionada com o espírito de liberdade que é também elemento constitutivo do fenômeno do lazer, entretanto, para eles, esse valor, pelo que pude notar ao longo dos anos, está muito mais relacionado com a ausência total de intervenção e direcionamento em suas ações pedagógicas na Educação Física, do que propriamente com um valor que fazem questão de cultivar em suas práticas (N2/I23).

Enfatizei o aspecto da ludicidade presente no jogo como estratégia de motivação, pois percebi que não estavam empolgados com esse interesse, sugerindo que em si mesmo, o interesse intelectual, já atuaria como ampliação do repertório de conhecimentos e vivências das práticas relacionadas ao lazer corroborando uma educação para o lazer, na medida em que poucas das possibilidades apresentadas já haviam sido por eles vivenciadas ou mesmo conhecidas” (N2/I4,5).

Sobre o duplo aspecto educativo que o lazer contém, Requixa (1980) e Marcellino (1987), enfatizam a educação pelo lazer, que funciona como instrumento para o desenvolvimento humano por meio dos conhecimentos historicamente formulados; e a educação para o lazer, na qual o sujeito é formado para conhecer suas possibilidades de uso do tempo disponível com o fomento e vivências de experiências do contexto do lazer ao passo que essa educação também contribui para a plenitude humana.

A escola em conjunto com outros espaços não formais de ensino, para Marcellino (1987), pode trabalhar o lazer por meio de um amplo processo educacional, muito embora seja fundamental assinalar suas potencialidades culturais para o desenvolvimento social e pessoal dos sujeitos, de modo que encerre mudanças no tecido social.

Na medida em que lazer e educação constituem direitos sociais fundamentais garantidos pela Constituição Federal (Brasil, 1988), tendo como responsáveis pela sua implementação e manutenção o Estado e a família, em colaboração com a sociedade, o espaço escolar pode proporcionar o pleno desenvolvimento da pessoa, bem como seu

preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, por meio de ações estruturadas que garantam essa formação completa, o que envolve, certamente a educação para e pelo lazer.

O trabalho demonstrou que há uma necessidade latente de, por meio da educação, formar os indivíduos para o bom uso do tempo disponível com as vivências do contexto do lazer, e que a escola pode se mostrar um ambiente propício para efetivar essa perspectiva, não obstante a sociedade não esteja estruturada de modo a posicionar no centro da vida o tempo livre, fazendo com que, na medida em que o trabalho ocupa esta posição, os indivíduos cada vez menos saibam o que e como fazer com seu tempo disponível, reforçando a urgência dessas ações.

A educação para o lazer ao ser promovida no ambiente escolar será importante veículo para diminuir a ambiguidade apontada por Marcellino (1987), na medida em que ela pode contribuir com a emergência de uma conscientização acerca das atitudes individuais e coletivas evitando o conformismo, que conduz a processos de acomodação:

A educação para o lazer, ou a educação para o tempo livre, para sermos mais abrangentes, tem como objectivo formar o indivíduo para que viva o seu tempo disponível da forma mais positiva, sendo um processo de desenvolvimento total através do qual um indivíduo amplia o conhecimento de si próprio, do lazer e das relações do lazer com a vida e com o tecido social. Por tal, deve ser considerada como um processo integral da vida diária da escola, no sentido de que é necessário ensinar o lazer activo. (Marques, 2006, n.p.)

Nesse sentido, Bracht (2003, p.164), propõe que:

[...] a escola de modo geral deve assumir a educação para o lazer como tarefa importante, o que significa colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso ocasionaria uma razoável mudança no que chamamos de cultura escolar [...].

Percebemos que os processos educativos e o lazer guardam estreita relação na medida em que ambos contribuem para a realização da pessoa humana, o primeiro com o despertar do indivíduo para seu conjunto de possibilidades humanas, o último ao atualizar essas possibilidades no tempo, com a vantagem de oferecer a esses processos, predicados que lhes são próprios (Marcellino, 1987; Rolim, 1989).

Na perspectiva de Dumazedier (1994), é fundamental que ocorra uma educação permanente, com o intuito de formar e orientar os sujeitos, despertando suas



consciências para a destinação adequada do seu tempo livre, o que, está em plena harmonia com as ações que se podem despender no ambiente escolar, na medida em que essa educação contribui para a formação integral do ser humano, que independentemente dos tempos e espaços aos quais esteja submetido, continua preservando o seu eu, fonte de unidade e centralidade da personalidade individual.

Acreditamos, como propôs Dumazedier (1975), que o fenômeno do lazer compõe uma compreensão ainda mais abrangente, intitulada pelo sociólogo como, Teoria da Decisão, que imbrica na ação humana, pensamentos de três ordens: axiológica; teleológica instrumental; e probabilística.

A dimensão axiológica busca justificar a ação, identificando sobre quais pressupostos morais e filosóficos se age. A dimensão teleológica instrumental se debruça sobre os meios e os fins da ação, identificando os objetivos e como conquistá-los. Por fim, a dimensão probabilística investiga o que pode vir a ser como resultado da relação entre a ação e o meio:

Em outras palavras, o pensamento axiológico é o pensamento do que é desejável; o pensamento teleológico instrumental é o pensamento do que é possível; e o pensamento probabilístico é o pensamento do que é provável, antes e depois da intervenção, isto é, o pensamento probabilístico examina as necessidades prováveis a satisfazer e quais os resultados prováveis a obter (Dumazedier, 1975).

Nesse sentido, de uma dimensão axiológica do lazer, Silva e Schwartz (2001) advertem que os princípios éticos, responsabilidade, em relação aos compromissos assumidos; respeito, com o valor da cultura e dos costumes, bem como, uma formação permanente, no que tange a aquisição de conhecimentos acerca da realidade social, devem nortear as possibilidades de uma efetiva intervenção pedagógica.

Identificamos, por meio do nosso estudo, em consonância com a categoria observada, e já assinalando a próxima que, conforme consta da Carta Internacional de Educação para o Lazer, promulgada pela Associação Mundial de Recreação e Lazer (World Leisure and Recreation Association – WLRA, 1993):

A educação para o lazer deverá sofrer adaptações às necessidades locais, levando em consideração os diferentes sistemas sociais, culturais e econômicos, como também, ser um processo de aprendizado contínuo, que incorpora o desenvolvimento de atitudes, valores, conhecimentos e aptidões. Isso permite aos sujeitos novos horizontes, possibilitando a melhoria na qualidade de vida, com condições objetivas e progressivas, implementando a todos, as riquezas socialmente produzidas, historicamente acumuladas e que

representam possibilidades de construção da cultura humanizada (Itens 4.2 e 4.3).

Finalizamos, portanto indicando que, ao passo que tomamos o lazer como veículo e finalidade da educação é fundamental que destaquemos seu potencial de desenvolvimento humano, de modo que, por meio das vivências desse contexto, ao concluírem suas ambições, como divertimento, desenvolvimento, descanso, bem como seus objetivos mais pragmáticos, tal como o aguçamento da percepção da realidade, implica no desenvolvimento social, ampliando as responsabilidades, por meio do fomento do sentimento de pertença e de solidariedade.

6.2 O lazer na escola e o lazer da escola

A escola, como já manifestado ao longo desse trabalho, configura em nossa constatação em resposta à questão de pesquisa, um ambiente com importantes potencialidades pedagógicas, dentre as quais, a capacidade de consumir uma educação para e pelo lazer.

Não obstante essas conclusões tenham se mostrado tanto possíveis quanto necessárias, há de se reconhecer que o ambiente escolar, como hoje se apresenta, não fora concebido com a finalidade, ainda que periférica, da efetivação de ações no intuito de uma educação para o lazer.

Observamos, por exemplo, no caso do nosso planejamento participativo, voltado para a sétima aula da UD, referente aos interesses turísticos do lazer, que a organização escolar e a burocracia municipal, direcionaram as ações da aula:

Para a sétima aula o interesse definido foi o turístico. Esse, sem dúvida é dos interesses que mais demandam planejamento e organização para sua efetiva implementação, na medida em que não está vinculado exclusivamente às decisões docentes a depender dos caminhos que forem escolhidos. Nesse caso, em conversa prévia com a gestão da escola, duas possibilidades foram cogitadas, mas sem que nenhuma fosse realmente garantida. A primeira foi uma visita ao parque estadual de Porto Ferreira e a segunda foi assistir à uma peça de teatro na cidade vizinha de Pirassununga, algo que contemplaria muito bem o interesse artístico do lazer, mas as duas dependeriam de prévia solicitação de condução e de sua posterior confirmação.

Deixamos as duas possibilidades em aberto aguardando as possíveis confirmações, mas preparamos uma caminhada pelas adjacências da escola, que apesar de já serem local conhecido por muitos, há alguns que vivem em bairros vizinhos e que não costumam frequentar o bairro no qual está localizada a unidade escolar.

O que de fato acabou se concretizando, na medida em que as outras opções não foram efetivadas pela escola, já que o município estava sem o funcionário responsável por designar o transporte para atividades extracurriculares. Foi muito interessante e proveitoso, especialmente para mim, que já conhecia uma pequena parte do bairro, mas não tinha a real noção da realidade a qual muitos alunos estão submetidos, especialmente nas moradias remanescentes do assentamento (N2/I9).

Entretanto, a ausência de uma causalidade final meramente intencionada para o ambiente escolar, em outras palavras, o fato de a escola não ter sido concebida idealmente para essa finalidade, não pode constituir obstáculo intransponível para que, identificada a necessidade e a confluência entre escola, educação e lazer, não se possam implementar ações nesse sentido. Nessa mesma lógica, não deixamos de abordar determinados conteúdos, apenas porque não são do agrado da maioria dos alunos, ao contrário, os implementamos exatamente em virtude da necessidade de ampliar o seu repertório de modo que não se limitem às suas preferências, muitas vezes, viciadas:

Sugeri que olhassem nas possibilidades listadas na apresentação de slides, e logo as meninas vislumbraram a dança como algo interessante a ser vivenciado.

É interessante observar que este conteúdo está previsto nas aulas regulares como unidade temática do planejamento anual, e que, quando de sua execução, sofre alguma rejeição por grande parte dos alunos, que como salientado anteriormente, possuem um repertório corporal estreito e que preferem ficar no conhecido e seguro.

Contudo, esses motivos não impedem que os conteúdos sejam ministrados e que o planejamento anual seja seguido, de modo a ampliar o repertório dos alunos enquanto os inserem nas atividades historicamente consagradas e desenvolvidas pela humanidade (N2/I4,5).

Dumazedier (1980), levanta algumas indagações que apontam para o problema da real eficiência das intervenções sobre o lazer no ambiente escolar:

Será que a atividade esportiva, na escola, prepara, realmente sua inserção em todos os ciclos da vida? Será que ela predispõe, de fato, à formação dos espectadores críticos ao espetáculo esportivo? O que faz com que três quartos dos alunos não pratiquem mais o esporte, quando deixam a escola? O que para muitos, pode parecer normal, não passa de um escândalo. (Dumazedier, 1980, p. 118).

Silva (2011), em resposta a inquietações provenientes das discussões ocorridas no X seminário Lazer em Debate, que aconteceu em 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais – importante centro de estudos do lazer, na atualidade – apresenta resistência quanto à potencialidade escolar, ao que assinala:

É importante não esquecer que para se concretizar uma prática de lazer têm que se levar em consideração questões referentes ao tempo livre e a atitude de livre escolha do indivíduo pela atividade. E nesse sentido, no que diz respeito à escola, é perceptível seu caráter de obrigatoriedade, e de um espaço que originalmente não foi pensado para ser um lugar que privilegia os interesses culturais do lazer como foco, não sendo, portanto, um equipamento específico do lazer, dentro do entendimento do lazer nos debates modernos (2011, p.12,13).

O autor estabelece a ausência de livre escolha e de tempo livre, como fatores determinantes para que a escola não seja considerada um equipamento específico do lazer, algo que pudemos, em certa medida, contornar com a utilização do planejamento participativo que, se não contemplou a todos e a cada um individualmente, atenuou a trivial imposição de conteúdos.

É importante destacar que os “conteúdos culturais” não são do lazer, mas sim da própria cultura, e neste sentido, envolvem inúmeras possibilidades seja no lazer ou na Educação Física escolar. Jogos, brincadeiras, dança, esportes, lutas e ginásticas são práticas culturais que podem ser vivenciadas tanto no tempo de lazer quanto dentro de uma organização e planejamento de conteúdos da Educação Física escolar. Entretanto quando pensamos em lazer, nos conceitos operados dentro de estudos desenvolvidos e detidamente nessa classificação, pensamos em vivências possíveis dentro de um tempo liberado das obrigações, sejam elas sociais, familiares ou relacionadas ao trabalho produtivo, e que envolvam a livre escolha do indivíduo pela “atividade” (Silva, 2011, p.8).

Entendemos que, equipamento de lazer, embora seja uma classificação que estrutura diversas perspectivas acerca de um certo fenômeno a fim de facilitar a sua compreensão, assim como ocorre com os valores e conteúdos culturais do lazer, ela certamente não consiste de uma explicação irrestrita, no sentido de que, há nuances importantes as quais o termo não abrange, por exemplo a intencionalidade dos sujeitos ao frequentar certos ambientes, ainda que considerados equipamentos específicos de lazer, como cinemas, teatros e clubes.

Tomemos o caso de um crítico que vai ao cinema acompanhar a estreia de um filme para produzir suas impressões sobre a obra. Ele será tanto mais eficiente em sua tarefa quanto menos entregar-se a fruição momentânea. Sua intenção ao frequentar aquele equipamento não configuraria uma iniciativa da ordem do lazer. Assim também ocorre com os jornalistas esportivos que têm o dever profissional de acompanhar *in loco* certas partidas de qualidade relativamente inferior às que optaria por assistir em seu tempo disponível, a fim de construir suas análises e comentários.

Nesse sentido, a intenção que move o sujeito a um determinado equipamento pretensamente de lazer, pode ser laboral, inclusive para os que promovem o espetáculo, seja nos bastidores, bem como no trabalho com a venda de produtos, alimentos etc., e sobretudo aqueles que são atores da fonte de apreciação dos espectadores.

Silva (2011) insiste e avança lançando a ideia de que ao compreendermos que a Educação Física escolar pode ser um espaço para as vivências do contexto do lazer e sobretudo para a formação para uma relação consciente, estaríamos tanto restringindo a compreensão do fenômeno, quanto desrespeitando a Educação Física no seu status de componente curricular obrigatório onde se produz conhecimento:

Pensar o espaço da Educação Física escolar trata-se então, de pensar um espaço que não foi estruturado fundamentalmente como um espaço de lazer. A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular obrigatório da educação básica, tendo seus tempos e espaços definidos e organizados dentro de uma cultura escolar. Tratar a Educação Física escolar como um “espaço” para vivência do lazer é tanto entender o lazer de uma maneira restrita, quanto desconsiderar os esforços que buscaram dar a Educação Física ao longo de complexas disputas, um lugar de respeito e produção de conhecimentos” (Silva, p.8, 9)

Ao contrário, propomos que negar ao ambiente escolar, especificamente às aulas de Educação Física, a condição de potencial espaço onde se possa vivenciar enquanto se aprende, e aprender enquanto se vivencia, experiências do contexto do lazer, por entender que este lugar não fora concebido e organizado vislumbrando essas intencionalidades, ou que os alunos não estarão gozando de momentos livres, ou ainda que ao realizar tais vivências estaríamos fomentando a aura de permissividade a qual o componente curricular ainda remete, não corresponde ao que demonstrou nosso estudo.

A nona aula não fez parte do planejamento participativo, pois eu já havia estabelecido que para o interesse manual do lazer a atividade principal seria a confecção de pipas, na medida em que a décima aula será um festival, no qual os alunos empinarão as pipas por eles confeccionadas, em uma praça perto da escola.

Apesar das atividades já estarem previamente definidas, ficou evidente, pela manifestação dos alunos, que na aula sobre os interesses manuais do lazer a confecção de pipas seria forte candidata a ocupar o lugar de destaque para maioria dos alunos (N2/I26).

Ainda que, reconheçamos essas dificuldades, buscamos contorná-las, propondo uma coexistência harmoniosa e cada vez mais simbiótica, de forma que a liberdade, ainda que articulada com as obrigações acadêmicas, possa ser vivida, modulada pelas

circunstâncias, revelando sua natureza ontológica, visto que não corresponde a um princípio absoluto, senão à uma condição, que na medida em que se absolutiza, se converte em seu extremo oposto, pois a total liberdade é precisamente a ausência dela.

Identificamos, contudo, como anteriormente mencionado, que a escola, de fato, possui tanto uma causa formal quanto uma final, ou seja, ela encerra certas potencialidades e limites, guardadas as particularidades de cada contexto, a escola tem um rosto, um certo corpo personalizado de intenções, metas, objetivos, finalidades, o que confere a esse espaço, o que podemos nomear como Cultura Escolar.

Sobre problematizações e entendimentos propostos em relação ao que se chama de 'cultura escolar', o texto de Vago (2003) traz reflexões que nos permitem ampliar a compreensão para falar de uma cultura que ultrapassa os limites da própria escola, estabelecendo relações complexas com expressões procedentes de diferentes campos de conhecimento. Frisando "a necessidade de compreender a escola como um lugar de organização e produção de uma cultura própria, específica, isto é, uma cultura escolar" (p.201). Cultura essa que vai estabelecer diálogo com outras culturas dentro (e fora) da escola, e no caso em questão com aspectos que envolvem o próprio lazer (Silva, 2011, p.8).

A exemplo da citação anterior, Silva (2011), modula sua análise, ao citar Marcellino (1987, p.98), afirmando que:

"Não se trata de desconsiderar que a aprendizagem possa se beneficiar de elementos característicos do lazer, como a ludicidade, e a espontaneidade como forma de abordagem, mas, nem por isso "o trabalho escolar deixará de ser trabalho para se constituir em lazer" (2011, p.9).

Nesse aspecto ratificamos sua conclusão, pois não é isso que defendemos, ao contrário, identificamos em nosso estudo que, da mesma maneira como um indivíduo pode frequentar um equipamento específico de lazer movido por um impulso laboral, acadêmico, de pesquisa ou qualquer outro que seja, é plenamente concebível que, mesmo sem abdicar dos atributos pragmáticos, funcionais ou pedagógicos das aulas de Educação Física, simultaneamente os alunos possam desfrutar de momentos do âmbito do lazer. Na verdade, é exatamente nisso em que consiste a educação pelo lazer, que ao passo em que é implementada e adequadamente mediada, poderá suscitar uma educação para o lazer sem infringir, mas em harmonia com os objetivos escolares, rearranjando essa cultura.

“Significa uma profunda análise dessa cultura, um conhecimento global da estrutura do público, das classes sociais, dos sexos e de suas características e, sobretudo, uma iniciação a uma pedagogia do lazer”. (Dumazedier, 1980, p. 119).

Propomos o lazer da escola emancipatório, que seja implementado mediante uma educação pelo lazer, vislumbrando sempre e sem perder de vista a educação para o lazer. Quer seja nos moldes da BNCC (Brasil, 2018), com suas unidades temáticas, competências, habilidades e conteúdos, quer não, deve alcançar status de tema, a exemplo dos que constituem a cultura corporal de movimento, como os jogos e brincadeiras, as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes e as práticas corporais de aventura, e não figurar – não obstante, seus multifacetados e atravessados interesses culturais – como elemento transversal aos temas que recebem maior relevância e destaque nos currículos nacionais, regionais ou locais.

Um exemplo desse potencial emancipatório e de sua necessidade foi registrado nos seguintes diálogos entre o professor-pesquisador e os alunos Abraão e Sara, respectivamente, durante a nona aula da UD, “Vixe, sor! Cê gastou muito comprando tudo essas coisa, hein! É muito caro” (N10/I24):

“É legal que dá pra gente fazer nosso material próprio, né?”

Exatamente, a ideia aqui é que vocês percebam como não precisamos ficar presos ao que temos ou não temos aqui. Outra coisa importante que eu gostaria muito que vocês levassem desse aprendizado é que lazer não precisa ser caro. A gente não pode cair nessa lógica de consumo e ficar paralisado por achar que só é possível viver o lazer se a gente tiver muito dinheiro. Isso é falso e a escola está aqui para demonstrar isso para vocês. Aqui, cultivamos justamente os valores contrários a esses, em oposição ao lazer de consumo, vimos como é possível construir nosso próprio material. (N9/25,26,27).

Autores como, Requixa (1977), Marcellino (1987), Bracht (2003), Pacheco, (2004) Pinto (2008) e França (2009) sustentam, assim como nosso estudo, que há na instituição escolar, de modo geral, potencial para a promoção de uma educação para o lazer, não obstante seja fundamental estabelecer-se claramente a função social desse espaço, o que motivaria uma reflexão e um ajuste na cultura escolar vigente.

“Professor, da próxima vez, a gente pode fazer uma excursão pra praia, né? Será que dá pra fazer na formatura...” “Mas ir pra lá é muito caro”.

Eu nem tive tempo de responder e a própria aluna foi constatando a impossibilidade puramente material de sair do lugar em que está e chegar a outro, mesmo que gratuito (N7/I24,9).

C.O.: Essa realidade que se impõe sobre seus ombros restringe de tal modo as possibilidades humanas, que seria mesmo importante, que essas vivências

compusessem seu desenvolvimento humano, em alguma etapa de suas vidas, e que bela imagem seria conceber a escola como promotora dessas experiências (N7/I9,24).

Depois de pensar em todas essas coisas, respondi que, muito daquilo com o qual sonhamos, precisamos buscar, pleitear e quando necessário lutar, para que se concretize, de modo que devemos estar conscientes para cobrar os nossos direitos enquanto agimos para mudar a realidade posta (N7/I2).

Podemos, mediante tais reflexões acerca da função social da escola e de uma necessária revisita à cultura escolar, mirar o nosso olhar atento aos espaços e tempos, bem como aos equipamentos que circundam o nosso ambiente, de modo que estabeleçamos com eles relações de cooperação e colaboração recíproca, ampliando e potencializando o raio de atuação das ações pedagógicas.

“Aqui não dá pra fazer. Como que a gente vai soltar pipa na quadra?”

Essa manifestação do aluno Melquisedeque fez emergir a necessidade da transposição dos muros da escola, mas sem abandoná-la como núcleo a partir do qual a iniciativa emergiu, bem como no qual ela pode ser fomentada, de maneira que, tamanha seja sua mobilização, que ela extrapole ao seu entorno, envolvendo toda a comunidade, sempre em uma perspectiva formativa educadora. (N10/I18)

Essa necessidade é latente na medida em que, mesmo quando diante de espaços, ainda que não constituam equipamentos específicos de lazer, em que os alunos poderiam vivenciar atividades do contexto do lazer, eles não são capazes de identificar e estabelecer essa relação.

“Aí, professor tá vendo aonde a gente mora? Aqui perto de casa não tem nenhum lugar pra fazer lazer”. Ao que respondi: Como não, depois de tudo que a gente viu sobre lazer, o que você me diz sobre isso? Silenciou. Continuei. Caso isso fosse verdade, vocês teriam ao menos um lugar especial, um porto seguro no qual vocês podem se sentir confiantes e confortáveis, e que certamente haverá vivências do contexto do lazer preparadas especialmente para vocês. Ao que me interrompem: -- A escola! (N7/I11)

Mesmo na sétima aula da unidade didática, ainda se manifesta em alguns alunos uma visão estereotipada acerca do fenômeno do lazer, o que me faz refletir sobre a necessidade urgente de uma educação para o lazer, levada a cabo no lugar privilegiado que constitui a escola, e que ela se efetive ao longo de todo o percurso formativo dos alunos na educação básica, para que ao final do trajeto atinjam essa proficiência em relação ao fenômeno (N7/I22).

França (2009), por exemplo, defende que no espaço escolar sejam realizados programas de lazer em torno das experiências e reflexões, que possam gerar sínteses para o desenvolvimento de novas possibilidades de tratar aqueles valores que não

estejam assegurados no meio social em que se vive. Nesse sentido, aponta para a vivência dos jogos e brincadeiras, bem como para a implementação de projetos de diferentes assuntos, de maneira que possam ampliar o entendimento da realidade a qual estão submetidos os alunos.

Durante o planejamento da oitava aula, referente aos interesses artísticos do lazer esta ausência, apontada pela autora, foi mais uma vez identificada:

Para oitava aula, o planejamento estava direcionado aos interesses artísticos do lazer e a exemplo dos outros, foram manifestadas diversas possibilidades de atividade relacionadas ao lazer artístico.

C.O.: Este interesse é também, independente das atividades que se proponham, um conteúdo com o qual os alunos têm pouquíssimo contato, pois as aulas de educação artística, que poderiam ser uma ocasião propícia para que estabelecessem relação mais próxima com o tema, na maioria das vezes, são negligenciadas devido à alta demanda dos currículos que precisam ser aplicados na íntegra e pela ausência de profissionais especializados ministrando aulas desse componente curricular, nesta etapa de ensino.

As atividades mais estimadas pelos alunos foram: pintura e modelagem e escultura. Seguindo a estratégia de ampliação do repertório dos alunos em relação as atividades de cada um dos interesses culturais do lazer, mesmo que, como anteriormente salientado, quaisquer atividades de determinados interesses já configuram novidade e, portanto, ampliação do horizonte cultural e do lazer dada a conjuntura sociocultural da qual provém a maioria dos alunos. Sugeri ainda que realizássemos fotografias artísticas do ambiente escolar com temas a serem definidos (N2/I10).

Ainda na compreensão de França (2009), pensar um programa educativo voltado ao lazer no ambiente escolar, pressupõe a ampliação do tempo-espço pedagógico destinado às aprendizagens sociais, de modo que seja implementado por meio de estratégias criativas, privilegiando a ludicidade, a espontaneidade, a cultura e a vivência em comunidade.

Faz-se necessário que se viabilizem espaços adequados no ambiente escolar para que sejam levadas a cabo, ações que visem auxiliar os alunos ao bom uso das ferramentas tecnológicas, seja para os momentos do âmbito do lazer, ou para objetivos acadêmicos, para o trabalho ou qualquer outra finalidade que possam conceber, o que ficou escancarado quando da pandemia (N6/I3,13).

Na esteira do que apresenta França (2009), para a implementação de certos conteúdos que eram, de antemão, desinteressantes aos alunos, como no caso do interesse intelectual:

Enfatizei o aspecto da ludicidade presente no jogo como estratégia de motivação, pois percebi que não estavam empolgados com esse interesse, sugerindo que em si mesmo, o interesse intelectual, já atuaria como ampliação do repertório de conhecimentos e vivências das práticas relacionadas ao lazer corroborando uma educação para o lazer, na medida em que poucas das possibilidades apresentadas já haviam sido por eles vivenciadas ou mesmo conhecidas. (N2/I4,5,22)

Ao identificarmos a estreita relação entre escola, educação e lazer percebemos que as experiências do contexto de cada sujeito estão imbricadas e confluem para esse ambiente, de modo que a instituição precisa oportunizar soluções para a implementação de iniciativas que aplaquem esses impulsos:

[...] concebendo o lazer enquanto possibilidade de educação e fator de qualidade de vida, dando ênfase ao lúdico, ao participativo, organizando e estruturando manifestações no âmbito da cultura corporal e esportiva que viabilizem avançar na constatação, compreensão, interpretação e explicação do saber, objetivando a construção do tempo de lazer (França, 2009, p.63).

A gente pode dançar TikTok, sor?

Nesse momento, respirei profundamente e qual a um pai, que na educação de seus filhos, não quer pecar pelo excesso de rigidez, o que poderá causar uma rejeição e um fechamento para o diálogo, tentei aproveitar a motivação que me trouxeram para introduzir uma nova perspectiva em seus horizontes culturais.

Nesse sentido, acordei com eles que poderiam dançar TikTok, desde que não fossem músicas e vídeos com palavras e gestos vulgares, e com a condição que depois arriscassem a dança do ventre, ao que fui mostrando um vídeo no celular, e todos concordaram (N3/I14,20,3).

Nessa perspectiva é que vislumbramos, para além de uma inserção vertical, imperativa e irrefletida do “lazer na escola”, a estratégia de construirmos juntos o “lazer da escola”, parafraseando a proposta do esporte na escola e o esporte da escola, de modo que possamos identificar, diante da estrutura escolar posta, mediante a teoria da decisão, qual a nossa preocupação com os aspectos axiológicos fundamentando moralmente essa iniciativa, ao mesmo tempo em que definimos a causa eficiente e a causa final dessa ação teleológica, e por fim constatemos o que pode ser de fato implementado e o que nos retornará como reação do meio nessa dimensão probabilística.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho, embora metucioso, não incluiu a aspiração de esgotar o presente assunto, ao contrário, buscou responder à questão inicial de pesquisa enquanto suscitava outras possibilidades de reflexão e investigações futuras.

As potencialidades pedagógicas identificadas durante o processo de elaboração, aplicação e avaliação da unidade didática sobre os interesses culturais do lazer, bem como advindas de sua análise e interpretação apontaram, no contexto observado, para a urgente necessidade pedagógica da efetivação concreta de uma educação para e pelo lazer, sob uma perspectiva própria para o ambiente escolar, tendo nas aulas de Educação Física um espaço privilegiado para sua implementação, embora possa ser explorada em outras disciplinas, bem como por intermédio de ações institucionais da gestão escolar.

Essa realidade se intensifica, especialmente, diante da atual conjuntura social de constantes e fugazes mudanças nos hábitos de vida, atreladas à condição de vulnerabilidade social a que estão submetidos os alunos observados. A já intrincada circunstância pode ser, em grande medida, catalisada pelas novas tecnologias, que, ao contrário de serem demonizadas ou rechaçadas em razão desse possível efeito – o que agravaria o problema – precisam ser parte integrante desse processo, porquanto submetidas a esta educação, sobretudo pela via dos interesses virtuais do lazer, como sugere Schwartz (2003, 2023).

A pretensão de uma educação escolar que tenha como meio e como fim o fenômeno do lazer, atualiza a formação de seres humanos conscientes de seus direitos – dentre os quais os de acesso às vivências desse contexto – bem como preparados para assumirem seus deveres para consigo mesmos e frente à suas responsabilidades sociais. Para tanto, faz-se necessário que compreendam, não apenas as legislações que nominalmente expressam tais direitos, mas as reais possibilidades de atuação relacionadas a esse âmbito.

Por conseguinte, munidos desses conhecimentos, possam também empreender esforços no sentido da busca pela efetiva implementação dessas ações, transitando da condição de simples usuários, mesmo que conscientes e críticos, porquanto bem formados, para agentes que promovam e cultivem – em seu sentido mais pleno de cultura – esses bens, de maneira que sejam expandidos e consolidados, impactando a vida de mais pessoas.

Identificamos o potencial do espaço escolar – a despeito de correntes teóricas que compreendem de maneira diversa essa questão – na promoção da educação para o lazer, bem como da educação pelo lazer. Quer seja por meio do componente curricular Educação Física, ou ainda por outras disciplinas que possam implementar ações que contribuam para essa finalidade, esse ambiente configura espaço importante na garantia desses direitos.

Apesar da atual ausência de proposições estruturadas nos documentos curriculares e da disposição organizacional do ambiente escolar, que sofre, por exemplo, com a escassez de materiais apropriados e com a falta de iniciativas dessa ordem, é, por outro lado, possível vislumbrar potencialidades com implicações pedagógicas, inclusive quando da superação dessas dificuldades, que podem ser contornadas, como demonstrou o estudo, pela confecção de materiais próprios, revelando ainda a faceta emancipadora do fenômeno, enquanto manifesta o vetor de insubmissão à lógica de consumo, que tende a cooptar qualquer atividade que apresente potencial econômico.

Nesse sentido, reforçamos nosso entendimento de que o lazer, não obstante sua característica transversal que perpassa diversos conteúdos da Educação Física, reúne qualidades para assumir a condição de temática central, a exemplo dos jogos, esportes, lutas etc., no escopo da Educação Física escolar, figurando em documentos curriculares como a BNCC, como unidade de conhecimento a partir da qual, habilidades e conteúdos possam ser desenvolvidos e ofertados aos alunos, visando uma educação para o lazer, por meio da educação pelo lazer.

Malgrado as deficitárias concepções discentes acerca do fenômeno do lazer, bem como de suas possibilidades legais de vivências deste contexto, acreditamos que por meio de uma educação para o lazer, consolidada no ambiente privilegiado que constitui as aulas de Educação Física escolar, eles receberão subsídios importantes de modo a inseri-los como cidadãos críticos em suas comunidades e no todo da sociedade, seja pelo desenvolvimento humano que essa educação busca promover, bem como pelo aperfeiçoamento e ampliação dos interesses em sua esfera de responsabilidade coletiva.

Entendemos, por fim, que o lazer deve ser assegurado como o direito social que configura, de modo a estar acessível a todos, inclusive no contexto escolar, em conformidade com suas especificidades que podem ser expressas pelo lazer da escola, desempenhando um relevante papel ao promover vivências lúdicas e culturais, integrando seus interesses e conteúdos nas aulas, na medida em que o componente



curricular Educação Física desempenha tarefa fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando para além das práticas corporais, um rico repertório de aspectos socioculturais, emocionais e cognitivos. Desta feita, o lazer assume uma função decisiva nesse contexto, uma vez que oportuniza espaços para vivências culturais e dá vazão à expressão dos interesses dos alunos.

A educação para o lazer em harmonia com o lazer da escola – não de modo formatado e reduzido, mas incorporado e vivificado em simbiose com as manifestações desse ambiente – precisa despertar nos alunos a consciência da relevância deste fenômeno, enfatizando suas potencialidades enquanto instiga à sua participação por meio das mais variadas possibilidades atreladas aos seus interesses, culminando com o avigorar da convicção acerca da importância do proveitoso uso do tempo.

Por fim, acreditamos que este espaço-tempo, na medida em que anseia promover mudanças substanciais na visão de mundo e sobretudo nas atitudes dela provenientes, há de ser livre e liberatório, fomentando vivências diversificadas que motivem a expressão da criatividade dos alunos, de modo a desenvolver e sustentar essas transformações para que ultrapassem os limites do contexto local, alterando sua própria condição, bem como a dos que o cercam, consolidando o lazer como um fenômeno que conduz à plenitude do ser.



8 REFERÊNCIAS

ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**, 2021. Disponível em: < <https://www.abep.org/criterio-brasil>> Acesso em: 05 de abril de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luíz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENTO, Jorge Olimpo. **Planeamento e Avaliação em Educação Física**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1998. Disponível em: < <https://educacao-fisica-esfhp.webnode.pt/unidade-didatica/>> Acesso em: 28 de ago. de 2023.

BRACHT, V. Educação física escolar e lazer. In: GOMES, Christiane Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.) **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Concepções e significados de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Resolução CNE nº 6. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Graduação em Educação Física**. Brasília-DF, 18 de dezembro de 2018.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. O lazer e as transformações socioculturais contemporâneas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Vol. 1, n. 2, pp. 90-108, 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CAMARGO, Luiz O. de Lima. **O que é lazer** – 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1994.

CUENCA, Manuel Cabeza. **Ocio humanista**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000.

_____; AMIGO, Macarena Cuenca. O encontro entre o ócio e a cultura: reflexões sobre o ócio criativo desde a investigação empírica. In: BAPTISTA, Maria Manuel; VENTURA, Anne (Orgs.). **Do ócio: debates no contexto cultural contemporâneo**. Coimbra: Grácio, 2014.

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Educação Física e esportes não-formais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.



DANIACHI, Heloísa de F. Tavares. **Recreação e Lazer** – 1. ed. Curitiba: IESDE, 2020.

DE GRAZIA, Sebastian. **Of time, work and leisure**. New York: The Twentieth Century Foundation, 1962.

DIECKERT, Jurgen. **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**. Tradução Regina Maria Vieira. São Paulo: Sesc, 1980.

_____. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Acácio. **Lazer Operário: um estudo da organização social das cidades**. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

FERREIRA NETO, A. O Estado da arte da pesquisa na história da Educação Física no Brasil. **Ensaios - UFES**, n. 2, p. 59-80, 1994.

FONSECA, Carlos Aberto; ALVES, Cáthia; ISAYAMA, Hélder Ferreira. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC): onde está o lazer? **Comunicações Piracicaba**. Piracicaba, v. 28, n. 1, jan.-abr. 2021.

FRANÇA, Tereza. L. de. Educação para e pelo lazer. In: MARCELLINO, N. C. (org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

GAEZLER, Lenea. **Lazer: benção ou maldição?** Porto Alegre: Sulina, 1979.

GIL, Fernando. El papel del ocio: entre la discriminación y la liberación. In: GIL, Fernando (Coord.). **Para comprender el ocio**. Navarra: Ed. Verbo Divino, 1998.

GOMES, Christiane Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. **Dicionário Crítico do Lazer**. (Org.) Christiane Luce Gomes. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Lazer – ocorrência histórica. In: _____. (Org.) Christiane Luce Gomes. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-141.

_____. **Lazer e trabalho**. Brasília: Sesi/DN, 2005.



HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

HOUAISS, Antônio. L. **Dicionário Eletrônico Houaiss**: da língua portuguesa, versão monousuário 2009.3.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Tradução Antônio José Massano. 3ª ed. Lisboa: Ed. Teorema, 1991.

LEITÃO, Vicente. A Unidade Didática. **Periódicos FGV**. v. 15, nº 4. Outubro de 1976. Disponível em: <A unidade didática | Curriculum (fgv.br)> Acesso em: 28 de ago. de 2023.

LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno. Formação cultural, conceitual e técnica do profissional de lazer. **EFDeportes.com**. Revista Digital. Buenos Aires. Ano 15, nº 151. Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://efdeportes.com/efd151/formacao-do-profissional-de-lazer.html>> Acesso em: 05 de abr. de 2023.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação** – 4. ed. Campinas: Papirus, 1987.

_____. **Lazer e Humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

_____. **Estudos do lazer [livro eletrônico]: uma introdução** – 5. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

MARCUSE, Herbert. **La agresividad en la sociedade industrial avanzada**, Madrid: Alianza Editorial, 1971.

MARQUES, Ana Isabel. **A educação e o lazer**. Disponível em: <<https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/785?locale=en>> Acesso em: 25 de fev. 2024.

MAZÓN, T. **Sociología del Turismo**. Madrid: Ed. Centro de Estudios Ramón Areces, 2001.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **Lazer: necessidade ou novidade?** Rio de Janeiro: Sesc, 1975.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MONTANER, Jordi. **Psicosociología del turismo**. Madrid: Síntesis, 1996.

MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre: um enfoque crítico**. México: Trillas, 1980 (reimp. 2010).



PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo. **A escola pública e o lazer: um estudo de caso do programa Parceiros do Futuro - SEE/SP.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PAGNI, Pedro Angelo. **Fernando de Azevedo Educador do Corpo: 1916-1933.** 1994. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

PINHEIRO, Kátia Flôres; RHODEN, Ieda; MARTINS, José Clerton de Oliveira. A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 1131–1146, 2010. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400004> Acesso em: 05 de fev. 2024.

PINTO, Leila M. S. M. Lazer e educação: desafios da atualidade. In: MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e Sociedade.** Campinas: Alínea, 2008.

PUIG ROVIRA, Josep Maria; TRILLA, Jaume. **La pedagogía del ocio.** Barcelona: Editorial Laertes, 1996.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1977.

_____. Conceito de lazer. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto.** N.º 42, 1979.

_____. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer.** São Paulo: Sesc, 1980.

_____. As dimensões do lazer. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto.** N.º 45, 1980.

ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer, a aprendizagem permanente.** São Paulo: Ática, 1989.

RUSSEL, Bertrand. **O elogio ao ócio.** Tradução Pedro Jorgensen Junior. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere** – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v.6, n.2, dez. 2003.

_____. Lazer virtual 20 anos depois: homo zappiens e metalazer na pós-humanidade. **Motricidades**, v. 7, n. 2, 2023.

SILVA, Débora Alice Machado *et. al.* Importância da recreação e do lazer. In: RODRIGUES, Rejane Penna; BONALUME, Cláudia Regina (Orgs.). **Cadernos interativos** – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo; 4. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.



SILVA, Renata Laudares; SCHWARTZ, Gisele Maria. Ética e preconceito: um desafio para profissionais no âmbito do lazer. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, ago./dez. 2001.

SILVA, Tiago Felipe da. Lazer, escola e educação física escolar: encontros e desencontros. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, mar/2011.

WLRA. **Carta Internacional de Educação para o Lazer**. Disponível em: <https://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_frame.asp?cod_noticia=195>. Acesso em: 09 mar. 2024.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



9 APÊNDICES

9.1 Item A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 510/2016 do CNS)

Lazer e Educação Física Escolar: uma Proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental

Eu, João Batista Coutinho Netto, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar venho por meio deste, convidá-lo(a) a participar da pesquisa: “Lazer e Educação Física Escolar: uma Proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental” orientada pela Prof.^a Dr.^a Yara Aparecida Couto.

A escola se apresenta como um espaço público destinado principalmente ao aprendizado, mas é também fundamental para a promoção e produção cultural e para a garantia de direitos de acesso à uma condição de segurança social que preserve a dignidade da pessoa humana. O lazer é um desses direitos constitucionais, decisivo na promoção de bem-estar social e de muitos outros benefícios para a sociedade, que pode estar presente na escola. Todas as disciplinas escolares podem utilizar da temática lazer em suas aulas, mas a Educação Física, por suas características, pode ser um espaço privilegiado para que o tema lazer seja explorado na escola.

O (a) estudante menor de idade sob sua responsabilidade foi selecionado(a) por ser um(a) regularmente matriculado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. O (a) estudante é convidado(a) a participar, junto com o grupo da sala, de uma Unidade Temática cuja ênfase será nos Interesses Culturais do Lazer. Para que sejam coletados de forma espontânea suas ações durante as atividades das quais irá participar envolvendo o tema dos interesses culturais do lazer, será realizado, por parte do pesquisador, o registro dos acontecimentos das aulas por meio de diários de campo. As aulas que fazem parte da Unidade Temática em que haverá ênfase nos interesses culturais do lazer, serão realizadas no local e horário de desenvolvimento das aulas regulares de Educação Física.

As intervenções provenientes dessas aulas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns às aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso o(a) estudante se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não ter os seus dados utilizados para os fins do estudo, podendo interromper a participação a qualquer momento.

A participação do (a) estudante nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e



discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades sobre o tema dos interesses culturais do lazer na Educação Física escolar.

O pesquisador e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica, que inclui seres humanos, obedeça às normas éticas do País, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

A participação do(a) estudante é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o(a) estudante poderá desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter a identidade do(a) estudante em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. Você receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

O pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos os participantes ao término da mesma.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o pesquisador principal (professor João Batista Coutinho Netto) pelo telefone (xx) _____ ou pelo e-mail: _____.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Contato do pesquisador:



E-mail:
Pesquisador Responsável: João Batista Coutinho Netto
Endereço:

Local e data: _____

Nome do Pesquisador Assinatura do Pesquisador

Nome do(a) responsável Assinatura Responsável pelo(a) participante



9.2 Item B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 510/2016 do CNS)

Lazer e Educação Física Escolar: uma Proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental

Eu, João Batista Coutinho Netto, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar venho por meio deste, convidá-lo(a) a participar da pesquisa: “Lazer e Educação Física Escolar: uma Proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental” orientada pela Prof.^a Dr.^a Yara Aparecida Couto.

A escola se apresenta como um espaço público destinado principalmente ao aprendizado, mas é também fundamental para a promoção e produção cultural e para a garantia de direitos de acesso à uma condição de segurança social que preserve a dignidade da pessoa humana. O lazer é um desses direitos constitucionais, decisivo na promoção de bem-estar social e de muitos outros benefícios para a sociedade, que pode estar presente na escola. Todas as disciplinas escolares podem utilizar da temática lazer em suas aulas, mas a Educação Física, por suas características, pode ser um espaço privilegiado para que o tema lazer seja explorado na escola.

Você foi selecionado (a) por ser um (a) estudante do 5º ano Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. O(a) estudante é convidado(a) a participar de uma Unidade Temática em cuja ênfase estará sobre os Interesses Culturais do Lazer, na qual ocorrerão atividades próprias da Educação Física, a partir das quais o pesquisador realizará o registro por meio de diário de campo com a finalidade de analisar as ações desempenhadas no decorrer das aulas. As atividades serão realizadas no local e horário de desenvolvimento das aulas regulares de Educação Física, no espaço escolar.

As intervenções provenientes dessas aulas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns às aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso o(a) estudante se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não ter os seus dados utilizados para os fins do estudo, podendo interromper a participação a qualquer momento.

A participação do (a) estudante nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades sobre o tema dos interesses culturais do lazer na



Educação Física Escolar. O pesquisador e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça às normas éticas do País, portanto, os participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

A participação do(a) estudante é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o(a) estudante poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter a identidade do(a) estudante em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. Você receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

O pesquisador se compromete a dar devolutiva por escrito com os principais resultados da pesquisa para todos os participantes ao término da mesma.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o pesquisador principal (professor João Batista Coutinho Netto) pelo telefone (xx) _____ ou pelo e-mail: _____.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

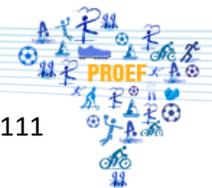
O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Contato do pesquisador:

E-mail:

Pesquisador Responsável: João Batista Coutinho Netto

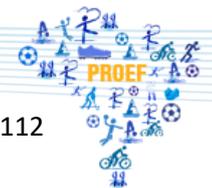
Endereço:



Local e data: _____

Nome do Pesquisador Assinatura do Pesquisador

Nome do(a) responsável Assinatura Responsável pelo(a) participante



9.3 Item C – Carta de Autorização



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FERREIRA
“A CAPITAL DA CERÂMICA ARTÍSTICA E DA DECORAÇÃO”
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da E.M.E.F. [REDACTED], informo que o projeto de pesquisa intitulado: **Lazer e Educação Física Escolar: uma proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental**, apresentado pela Prof.^a Dra. **Yara Aparecida Couto**, orientadora do professor pesquisador **João Batista Coutinho Netto**, cujo objetivo principal é analisar as potencialidades pedagógicas da aplicação de uma Unidade Temática dos Interesses Culturais do Lazer nas aulas de Educação Física foi analisado e terá sua realização autorizada somente após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

“Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar”.

Data: 13 de junho 2023

Assinatura: [REDACTED]

(Nome completo, legível e carimbo institucional do representante legal)





9.4 Item D – Produto Educacional



Esta é a capa do Produto Educacional que consiste de um Guia Prático com sugestões de habilidades da temática lazer, para serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva da BNCC com uma Unidade Didática contendo 10 aulas sobre os interesses culturais do lazer, e poderá ser acessado na página do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, pelo Universidade Federal de São Carlos (ProEF/UFSCar): [Produtos Educacionais — ProEF - UFSCar](#)



9.5 Item E – Notas de Campo (Dados coletados)

As notas de campo aqui referidas dizem respeito à aplicação da unidade didática constante do capítulo anterior. Nelas estão contidas todas as informações acerca do desenvolvimento das aulas, bem como de aspectos da preparação, organização, execução, mudanças de percurso e observações pertinentes que o pesquisador acrescentou, seja durante as aulas, quando da elaboração das notas ou ainda nas revisitas, com intuito de categorização e análise desse trabalho.

Os comentários do observador estão indicados, ao longo dos textos, pela sigla “C.O.”. As participações dos alunos serão identificadas por seus nomes fictícios, constantes do Quadro 6, por exemplo: Jezebel, e a participação do professor será destacada por meio da sigla P.

Índice de aulas

- ❖ AULA 1 – APRESENTAÇÃO
- ❖ AULA 2 – PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
- ❖ AULA 3 – INTERESSES FÍSICOS
- ❖ AULA 4 – INTERESSES INTELECTUAIS
- ❖ AULA 5 – INTERESSES SOCIAIS
- ❖ AULA 6 – INTERESSES VIRTUAIS
- ❖ AULA 7 – INTERESSES TURÍSTICOS
- ❖ AULA 8 – INTERESSES ARTÍSTICOS
- ❖ AULA 9 – INTERESSES MANUAIS
- ❖ AULA 10 – FESTIVAL

Como anteriormente referido, durante a elaboração das notas de campo foram utilizados nomes fictícios para se referirem aos participantes da pesquisa a fim de preservar suas identidades e o sigilo de suas informações, em consonância com o previsto nos termos de consentimento e assentimento, livre e esclarecido, assinados pelos alunos e por seus responsáveis legais.



Quadro 6: Nomes Fictícios

Número	Nome fictício
Aluno 1	Jezebel
Aluno 2	Maria
Aluno 3	Noé
Aluno 4	Abraão
Aluno 5	Rebeca
Aluno 6	Sara
Aluno 7	Raquel
Aluno 8	Débora
Aluno 9	Talita
Aluno 10	Marta
Aluno 11	Isaac
Aluno 12	Jacó
Aluno 13	Moisés
Aluno 14	Lia
Aluno 15	Rute
Aluno 16	José
Aluno 17	Israel
Aluno 18	Melquisedeque

Obs.: Os números aqui elencados não guardam relação com os registros dos alunos no documento escolar, diário de classe.

Fonte: Professor-pesquisador

AULA 1

Título: Apresentação da Unidade Didática sobre os Interesses Culturais do Lazer

Data: 13/09/2023

Local: Biblioteca/Sala de Audiovisual

Tema: Lazer

Objeto de conhecimento: Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

Esta aula normalmente aconteceria das 13h20 às 14h10, entretanto, em função da aplicação da Unidade Didática, acordei com a gestão e com a professora responsável pela turma, um horário alternativo que corresponderia a uma aula subsequente para que pudesse preparar o espaço e os materiais que seriam utilizados, portanto a aula ocorreria das 14h10 às 15h.

C.O.: Este é um fator importante que deve ser assinalado ao pensarmos em uma unidade didática que demande muita preparação e organização prévia para sua



execução. Deve haver um tempo livre antes de cada aula para que o docente organize todos os materiais e recursos que serão utilizados, algo que, na rotina sobrecarregada, pode se apresentar inviável.

Conjuguí o verbo ocorrer no futuro do pretérito, porque de fato a aula não aconteceu no horário previsto em função da aplicação de um simulado do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que aconteceu nesse dia, ocupando os três primeiros horários, de modo que a aula iniciou às 15h e terminou às 15h50.

C.O.: Esse fato foi também impactante no espírito com o qual os alunos chegaram e acolheram a primeira aula da unidade didática, o que para mim foi um pouco frustrante.

É importante ressaltar que, avaliando o contexto e identificando a cultura que se cultivava – antes da minha chegada – na escola em relação à Educação Física que, em síntese, resumia-se ao “rola bola”, optei, na minha atuação docente com as turmas remanescentes dessa época de abandono do trabalho docente, por privilegiar o ambiente externo, na maioria das vezes a quadra, para ministrar, mesmo os conteúdos ditos teóricos da Educação Física, os quais busco transmitir e avaliar oralmente para que a dinâmica da aula rompa, ainda que por pouco tempo, com a clausura das salas, cadeiras e lousas. Entretanto, sempre que necessário, realizamos parte das aulas dentro da sala ou na biblioteca onde contamos com recursos audiovisuais, o que geralmente os desagrada.

Essa reunião de fatores fez com que o nosso início não fosse dos mais promissores. Ainda que os alunos soubessem que as duas primeiras aulas seriam na sala, e predominantemente teóricas, não obstante os momentos práticos de preparação, tal cenário fez com que eles esboçassem reações de rejeição e crítica ao fato de, após três horas de prova, terem de permanecer sentados.

C.O.: Outros fatores que merecem destaque para contextualizar a turma com a qual o trabalho está se desenvolvendo é o analfabetismo, a situação de vulnerabilidade socioeconômica, além do baixo repertório cultural entre outros aspectos dessa natureza que marcam a realidade da maioria dos alunos, não apenas dessa turma, mas de toda a escola. A pandemia certamente agravou vários desses aspectos de modo que podemos verificar as consequências desastrosas que ainda reverberam no cotidiano escolar.



A despeito de todas as mazelas com as quais precisamos lidar no cotidiano escolar, o trabalho deve continuar e em meio a algumas manifestações de contrariedade intercaladas por amostras de entusiasmo, prosseguimos com a nossa primeira aula, na qual solicitei que desenhassem o que significava o lazer para cada um deles, ao que Jezebel exclamou: -- “Eu não sei o que é lazer”. Eu repliquei dizendo que ela desenhasse aquilo que ela imaginava ser o lazer, ou ainda, o que ela gostaria que ele fosse.

C.O.: Nesse aspecto percebi sinceridade nas respostas que se materializavam por meio dos desenhos por eles confeccionados. Foi possível notar em suas expressões de dúvida, ao se entreolharem uns aos outros, e por meio de comentários paralelos trocados em tom de sussurro, que a maioria também não tinha certeza do que fosse o lazer, manifestando a necessidade de conscientização acerca do tema.

Figura 3. Desenhando o conceito de lazer



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Muitos associaram a ideia de lazer com o descanso, elemento que também está presente na concepção de Dumazedier (1973) ao afirmar que “às ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se[...]” constituem o lazer.

C.O.: Apesar das críticas de alguns autores que alegam que o descanso é uma necessidade vital humana e que, portanto, não poderia ser considerada uma atividade de lazer, na medida em que descansar estaria mais associado ao ócio que significaria não fazer nada, compreendo que descansar não significa nada fazer, senão distrair-se em atividades que exigem menor esforço ou esforço distinto mudando de atividade, de



modo que se estou cansado de um trabalho intelectual descansarei dele realizando alguma atividade manual ou predominantemente física, que por vezes será até mais desgastante sob certo aspecto, mas diferente daquele abatimento do qual já estou fatigado.

A realidade virtual foi outro elemento muito presente nos desenhos confeccionados pelos alunos, na medida em que associaram o lazer ao tempo em que podem utilizar seus aparelhos celulares seja para jogarem, para interagirem em redes sociais ou mesmo para assistirem vídeos em aplicativos de reprodução e armazenamento.

C.O.: Nesse momento eu passava pelas mesas tentando vislumbrar o que eles desenhavam os questionando sobre o que estavam associando ao lazer.

Figura 4. Alunos desenhando

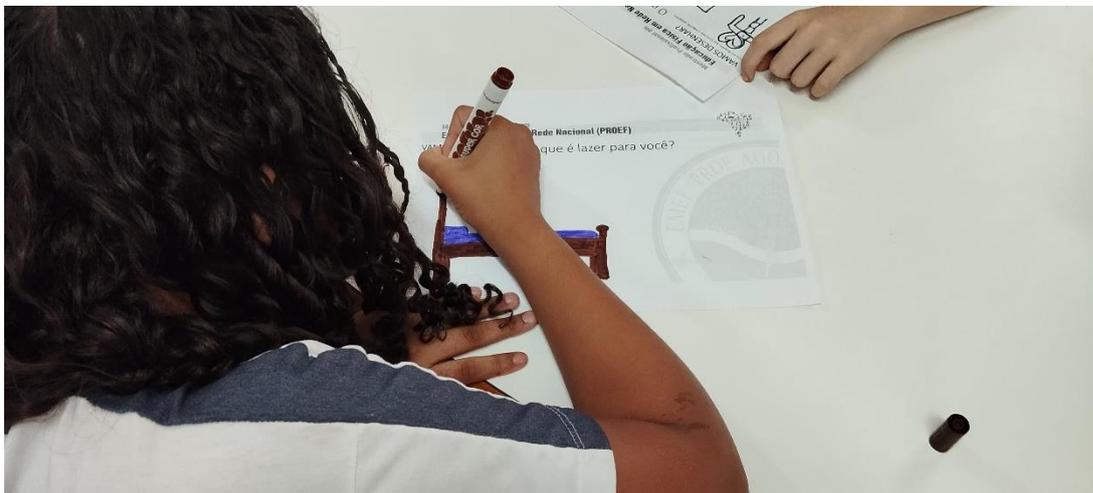


Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Ao fazer isso com a aluna Rebeca, ela respondeu, enquanto desenhava-se deitada na cama, com o celular conectado à tomada: -- “Eu só gosto de ficar no celular, vendo vídeo e dançando TikTok”.

Figura 5. Aluna desenhando o que entende por lazer



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

C.O.: Essa, certamente, me pareceu uma nota de campo fértil, na medida em que aponta claramente aspectos importantes relacionados ao objetivo da pesquisa.

O aluno Moisés associou o ato de ir embora da escola como sendo um momento de lazer, e quando questionado explicou que se referia à perspectiva do tempo livre, na medida em que com o término do período escolar ele deixa de estar coagido pelo tempo em que obrigatoriamente deve permanecer realizando seus deveres escolares.

Alguns apontaram a piscina como um momento de lazer, bem como as atividades do dia das crianças que se aproxima, como o pula-pula e o escorrega, promovidos pela escola.

C.O.: É interessante perceber que nenhum dos alunos associou as aulas de Educação Física como sendo um momento oportuno para vivenciar atividades do contexto do lazer, e quando questionados sobre isso apontaram para a obrigatoriedade da participação nas aulas e realização das atividades propostas, bem como alguns conteúdos que não os agradam como os obstáculos para que as aulas sejam efetivamente consideradas momentos em que se promove ações nessa perspectiva.



Não obstante, após essa provocação perceberam que, dado o contexto escolar, no qual não gozam mais de tempo de intervalo como anteriormente, as aulas são sim um momento para desfrutar de atividades do âmbito do lazer, mesmo diante de atividades desinteressantes, como apontaram.

Além de dormir e usar o celular, a aluna Jezebel destacou os momentos em família como sendo de lazer, segundo sua percepção.

Empinar pipa e jogar bola na rua também apareceram como atividades do contexto do lazer das quais eles desfrutaram em seu tempo livre.

C.O.: O contexto da periferia ainda preserva esse hábito infanto-juvenil de brincar na rua, o que é muito interessante de se constatar, pois um comportamento outrora tão amplamente verificado agora permanece apenas em conjunturas específicas, às quais, muitas vezes, não destinam espaços adequados para tanto.

Um comentário recorrente manifestado por muitos alunos foi a falta de tempo livre para fazerem o que quiserem, pois além das atividades acadêmicas com as quais precisam cumprir, muitos se vêm comprometidos com os cuidados da casa, com irmãos mais novos, ou mesmo com auxílio aos pais em trabalhos como: recolher materiais recicláveis, tarefas de sítio etc.

C.O.: Esses exemplos retratam a restrição do direito de acesso dos alunos aos espaços e tempos próprios para as atividades do contexto do lazer, o que demonstra a impossibilidade de acesso estes espaços e tempos, ao que transmitiram a ideia de não haver lugar próprio para isso.

Esta é uma realidade vivida por muitos no bairro onde está localizada a escola, algo que certamente impacta na relação que estabelecem com a escola e com tudo o que nela se desenvolve.

Uma ideia presente em nossa conversa, que pude apreender, nas entrelinhas diz respeito à condição econômica como limitadora do acesso as atividades do contexto do lazer.



Após conversarmos sobre os desenhos que haviam confeccionado, iniciei a apresentação do conceito de lazer segundo os interesses culturais, elucidando pontos importantes no intuito de ampliar a compreensão dos alunos acerca do fenômeno.

Como anteriormente citado, esta turma tem um perfil que apresenta sérias dificuldades nos aspectos acadêmicos escolares, seja na alfabetização ou mesmo no comportamento e na capacidade de manter a atenção focada no objeto de estudo apresentado. Esse fato dificultou o transcorrer da aula, pois iniciavam conversas paralelas, desviando, em diversas oportunidades, o foco do assunto principal.

Nesse sentido busquei apresentar com dinâmica os pontos fundamentais dos conceitos, bem como cada um dos interesses culturais do lazer que compõem a ideia geral, mas percebi que havia muita conversa paralela e desatenção de grande parte dos alunos. Este é um problema recorrente que afeta substancialmente a aprendizagem dessa turma.

Continuei a exposição abordando agora os aspectos legais que fundamentam os direitos de acesso de todos os cidadãos aos espaços e tempos destinados às vivências do âmbito do lazer. Busquei questioná-los sobre a importância da existência desses direitos, bem como sobre os interesses culturais apresentados.

Jezebel, que é certamente a aluna mais participativa e interessada da turma, haja vista seu rendimento acadêmico e a maneira como se porta diante das situações em aula, comentou que ficou impressionada ao saber que o lazer encerra tantas possibilidades e que é muito bom saber que tudo isso é direito garantido por lei, ainda brincou afirmando que pediria um ônibus para levá-los à praia e caso fosse negado, denunciaria ao prefeito, já que lazer é lei.

C.O.: A conscientização é um processo de apreensão de conhecimentos que nos mune de instrumentos para estabelecer relações com aspectos da realidade que nos cerca, o que pude observar nas conclusões a que Jezebel e os alunos foram chegando, após a exposição.

Terminada a apresentação solicitei aos alunos que confeccionassem outro desenho sobre o que – dada toda explanação – seria lazer em suas opiniões, de modo a verificar se apreenderam novas possibilidades e ampliaram seu repertório em decorrência da exposição.



Mesmo com a aparente falta de concentração no objeto de estudo e com as conversas paralelas que conduzem a brincadeiras e piadinhas ao longo da aula, para minha satisfação, os novos desenhos apresentaram vários exemplos dos conteúdos culturais do lazer que foram anteriormente expostos na apresentação. Algo recorrente, por exemplo, entre as meninas, foi a confecção de pulseiras e colares de miçanga, atividade a qual elas têm se dedicado muito no tempo livre do qual dispõem. Empinar pipa apareceu com mais força desta vez, bem como jogos de tabuleiro, atividades culinárias, brincar na rua, ouvir música, dançar, lutar, jogar bola, cantar, assistir filmes etc.

C.O.: É interessante notar como o entendimento acerca do fenômeno lazer é algo que, por vezes, não está presente no nível da consciência, mas que com um pequeno direcionamento, emerge do nosso íntimo e manifesta esse elemento fundante da natureza humana.

Os alunos, como eles próprios relataram, se apropriam dos espaços públicos, ou fazem uso do espaço de suas casas, mesmo quando não perfeitamente adequados, mas ainda sim imprimem na realidade suas pulsões e vivem seus momentos de experiências do âmbito do lazer, ainda que sem trazer isso para consciência reflexiva.

Ao final da aula realizamos uma roda conversa na qual os alunos expuseram quais as suas expectativas em relação às aulas, o que compreenderam sobre a legislação, e quais as oportunidades que possuem de vivenciar situações do âmbito do lazer em suas vidas.

Jacó afirmou estar bastante empolgado com a realização da unidade didática porque será um momento de poder realizar atividades diferentes das que estão acostumados. Disse que a lei não funciona muito para eles, pois sabe que muitas coisas são leis, mas não acontecem, pois são “pobre”. Pedi para que desse um exemplo, ele não soube dizer, mas relatou que ouve a mãe dizer que a lei não é igual para todos. Seus espaços para práticas do lazer são a rua, a quadra da escola pela noite quando vem jogar futsal, a praça perto de casa, bem como alguns terrenos baldios espalhados pelo bairro.

A aluna Maria, relatou que não está muito contente com a aplicação da unidade didática, pois ela gosta de jogar queimada e brincar de rouba bandeira nas aulas de Educação Física, mas imagina que não haverá momentos para isso durante a unidade e



que provavelmente haverá mais aulas teóricas. Seus espaços de lazer são sua casa e na escola conversando com as amigas.

O aluno Moisés, também é muito participativo e interessado, ele afirmou que é muito importante saber que o lazer é um direito para podermos cobrar das autoridades o seu cumprimento. Ele participou da eleição de prefeito e vereador mirim realizada na escola, por isso já esteve envolvido com esse contexto político. Disse que todo lugar, para ele, pode ser um espaço de lazer, depende do que estará fazendo naquele momento. Afirmou que, inclusive no culto religioso que frequenta com os pais, há momentos em que está com os amigos, e que para ele configura uma situação de lazer. Afirmou que gosta muito de jogos eletrônicos on-line, pois além de poder jogar pode também interagir e manter o contato com os amigos que estão geograficamente distantes.

C.O.: Eu fiquei impressionado com a fala de Moisés, e inclusive me inspirei nele para a escolha dos nomes fictícios, pois ele costuma falar bastante dos personagens bíblicos e por isso dei-lhe a oportunidade de escolher seu próprio nome. Sua percepção acerca da condição e natureza das atividades que realiza com a relação que estabelecem com o lazer foi muito sofisticada.

Israel relatou que gosta muito de cavalos e de cuidar dos porcos, atividade que desempenha em auxílio ao pai. Para ele, as atividades que são prazerosas são consideradas de lazer, porque ninguém o está obrigando a realizá-las.

C.O.: Sabemos que o prazer não é o único elemento que caracteriza uma atividade como sendo proveniente do contexto do lazer, mas esse me pareceu ser o ponto central da compreensão dos alunos e algo que encerra uma certa visão estereotipada em relação ao tema frequentemente caracterizada pela dicotômica indagação: você faz isso por obrigação ou por prazer? Como se as duas fossem as únicas possibilidades de se conceber a justificativa de uma ação humana.

O aluno Melquisedeque relatou que não faz nada porque não pode e não há lugar apropriado. Ele vive apenas com sua avó que não o deixa sair e que conta com poucos recursos dentro de sua casa. Alegou que às vezes assiste vídeos no YouTube, pelo



celular da avó, mas que ela não permite que ele o faça por muito tempo, pois acaba com a internet.

Houve a realização da auto avaliação registrada no diário de classe, com os alunos se atribuindo uma nota entre 5,0 e 10,0, além de dizerem uma palavra ou frase que resuma sua participação ou percepção da aula.

Eles são muito sinceros ao realizarem esta tarefa, pois já a praticamos há muito tempo, e eles perceberam que, apesar da nota dada por eles ser considerada na composição final, o aspecto atitudinal também está sendo avaliado, o que os pode fazer perder pontos, caso não sejam assertivos nesse momento. E com isso encerramos a primeira aula.

Figura 6. Finalizando a primeira aula



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



AULA 2

Título: Planejamento Participativo

Data: 15/09/2023

Local: Biblioteca/Sala de Audiovisual

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

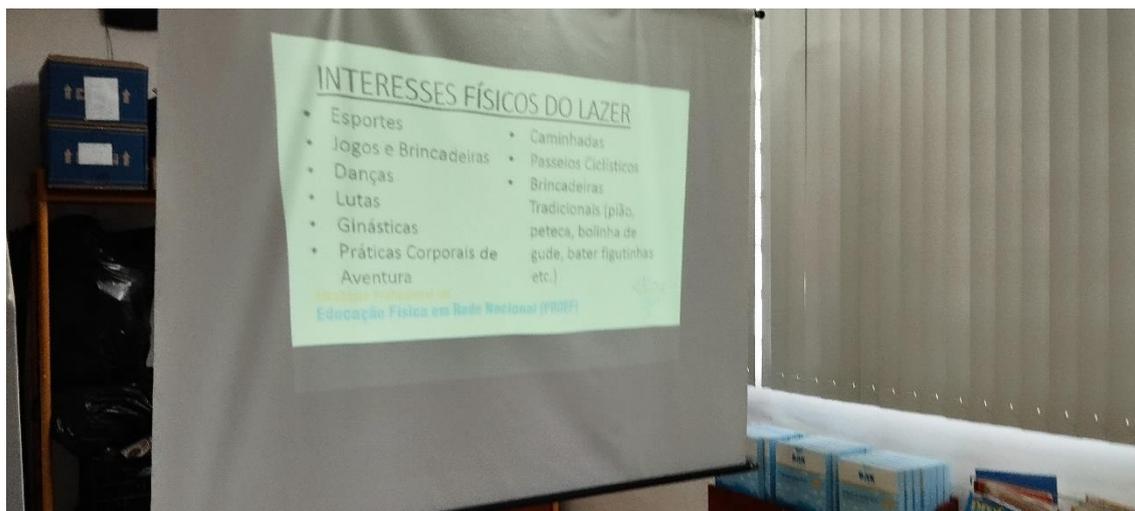
Na segunda aula da unidade didática sobre os interesses culturais do lazer a proposta era a de que nós realizássemos um planejamento conjunto entre professor e alunos, de modo que, a partir dos conhecimentos expostos e dialogados na aula anterior, as ações das aulas seguintes fossem definidas em consonância aos objetivos gerais da unidade didática.

C.O.: Para esta segunda aula, pude notar, pelas feições e comentários dos alunos, que o ânimo já estava renovado e que estavam mais comprometidos e conscientes da realização da unidade didática.

Ainda assim, iniciei com uma breve conversa, antes de levá-los da sala de aula para a biblioteca, onde aconteceria nossa aula, enfatizando a importância da realização desse projeto, e de como eles foram escolhidos em detrimento de outras turmas, algo que já havia feito quando da apresentação prévia da pesquisa e da coleta da assinatura dos termos de assentimento.

A estratégia surtiu efeito e fomos da sala de aula para a biblioteca, na qual a estrutura audiovisual estava preparada para o início da segunda aula. Com isso iniciamos retomando cada um dos interesses culturais do lazer, bem como conhecendo a estrutura da unidade didática.

Figura 7. Apresentação da Aula 2



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Os alunos foram separados em pequenos grupos os quais receberam cartolinas e canetinhas. Em seguida passamos para o planejamento propriamente dito, iniciando pelo interesse físico do lazer.

C.O.: O futebol exerce sobre os alunos uma influência grande devido ao contexto do nosso país e pelas condições de acesso ao jogo, e certamente seria uma das atividades sugeridas pelos alunos para que fosse desenvolvido durante essa aula, sobretudo em virtude das minhas aulas não contemplarem esse conteúdo, por se tratar de especificidade do segundo ciclo do fundamental, e para evitar cair no lugar comum de seu cotidiano.

E não foi diferente do que eu havia previsto, o futebol foi a primeira atividade sugerida com muita ênfase, especialmente pelos meninos. Eles gritavam: Futebol, a gente quer, futebol. As meninas estavam um pouco tímidas em suas sugestões. Raquel e Débora sugeriram queimada, que recebeu apoio de Maria, mas foi rechaçada pelo restante do grupo que argumentou que se trata de atividade recorrente nas aulas e que gostariam de coisas diferentes.

Sugeri que olhassem nas possibilidades listadas na apresentação de slides, e logo as meninas vislumbraram a dança como algo interessante a ser vivenciado.

C.O.: É interessante observar, que este conteúdo está previsto nas aulas regulares como unidade temática do planejamento anual, e que, quando de sua execução, sofre



alguma rejeição por grande parte dos alunos, que como salientado anteriormente, possuem um repertório corporal estreito e que preferem ficar no conhecido e seguro.

Contudo, esses motivos não impedem que os conteúdos sejam ministrados e que o planejamento anual seja seguido, de modo a ampliar o repertório dos alunos enquanto os insere nas atividades historicamente consagradas e desenvolvidas pela humanidade.

Muitos citaram a bicicleta como atividade física que gostariam de vivenciar como do contexto do lazer durante a aula de Educação Física, e desse modo as atividades que foram definidas para a aula foram: futebol, dança e bicicleta.

C.O.: Entretanto, como um dos principais objetivos da aplicação da unidade didática trata-se de implementar uma educação para o lazer, faz-se necessário ampliar, não apenas as possibilidades hipotéticas e ideais de tempos e espaços destinados às práticas do âmbito do lazer, mas de efetivamente concretizar a execução de tais situações para que de fato a vivência dos alunos seja enriquecida e ampliada, aportando mais horizonte em suas escolhas futuras.

Figura 8. Alunos confeccionando cartazes sobre os interesses culturais do lazer



Fonte: Professor-pesquisador

Nesse sentido, defini o ultimate frisbee como atividade final a ser realizada na aula dos interesses físicos do lazer. Eles ainda não tiveram contato com esta modalidade e se mostraram entusiasmados para a chegada do dia.



Encerrando a aula dos interesses físicos partimos para o planejamento dos interesses intelectuais do lazer.

C.O.: A palavra intelectual causa, de algum modo, nos alunos certa repulsa, pois a associam instantaneamente com atividades que não guardam relação com o aspecto físico-motor, dito de outro modo, significa em suas percepções que a aula não será realizada na quadra e que não haverá dinamismo e movimento em sua execução.

CO.: A expectativa dos alunos em relação às aulas de Educação Física esteve sempre muito relacionada com o espírito de liberdade que é também elemento constitutivo do fenômeno do lazer, entretanto, para eles, esse valor, pelo que pude notar ao longo dos anos, está muito mais relacionado com a ausência total de intervenção e direcionamento em suas ações pedagógicas na Educação Física, do que propriamente com um valor que fazem questão de cultivar em suas práticas.

Enfatizei o aspecto da ludicidade presente no jogo como estratégia de motivação, pois percebi que não estavam empolgados com esse interesse, sugerindo que em si mesmo, o interesse intelectual, já atuaria como ampliação do repertório de conhecimentos e vivências das práticas relacionadas ao lazer corroborando uma educação para o lazer, na medida em que poucas das possibilidades apresentadas já haviam sido por eles vivenciadas ou mesmo conhecidas.

Portanto, os escolhidos foram jogos de raciocínio, de mesa e de tabuleiro, tais como: stop, palavra cruzada, sudoku, uno, cara-a-cara, caça palitos, cilada, caiu perdeu, WAR, banco imobiliário, dominó, quebra-cabeças e ludo.

Para a quinta aula planejaríamos as atividades dos interesses sociais do lazer e desse modo selecionei o slide correspondente na apresentação o qual continha diversas possibilidades de ações relacionadas a tal interesse.

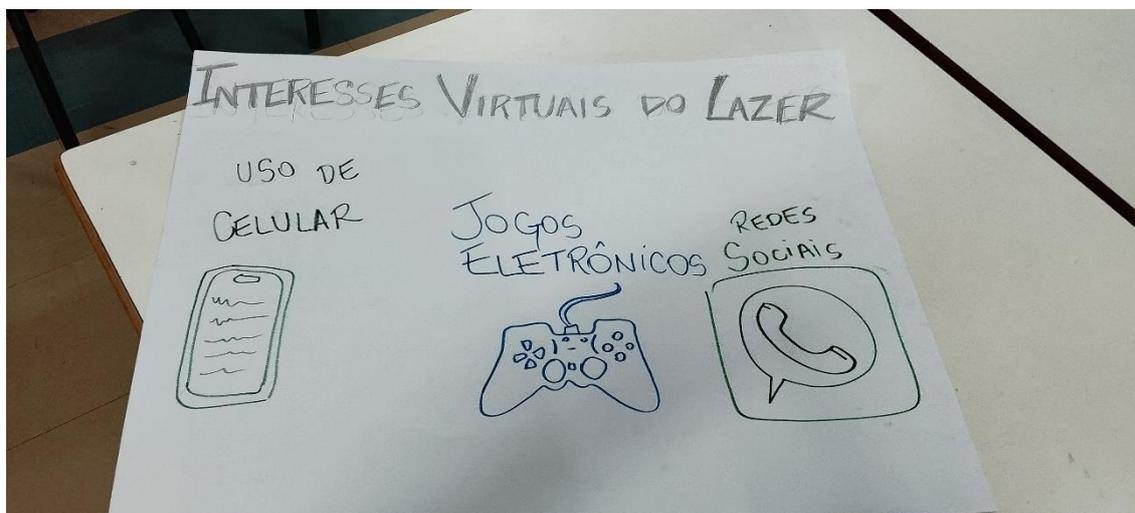
Dentre todas as possibilidades que foram cogitadas a realização de um piquenique foi a mais desejada, na medida em que agregaria tanto o aspecto da partilha alimentar, reunidos em volta de uma toalha para comer, bem como o do bate-papo menos formal enquanto se ouvia música.



A sexta aula trataria dos interesses virtuais do lazer, o que, ao contrário dos interesses intelectuais, os deixou completamente empolgados, especialmente com a possibilidade de poderem trazer seus aparelhos celulares para a escola.

Foram apresentadas diversas possibilidades de atividades virtuais, desde os jogos eletrônicos até visitas virtuais a museus e lugares históricos. As atividades mais aderidas foram uso de aplicativos de reprodução de áudio e vídeo em aparelhos celulares e jogos eletrônicos como e-games.

Figura 9. Cartaz dos interesses virtuais do lazer



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

A fim de ampliar o repertório dos alunos e modular sua relação com os aparatos eletrônicos, optei por trazer uma mesa digitalizadora para que realizassem desenhos virtuais e também combinei com os alunos que faríamos um passeio pelo mundo utilizando a ferramenta do google earth.

Para a sétima aula o interesse definido foi o turístico. Esse, sem dúvida é dos interesses que mais demandam planejamento e organização para sua efetiva implementação, na medida em que não está vinculado exclusivamente às decisões docentes a depender dos caminhos que forem escolhidos. Nesse caso, em conversa prévia com a gestão da escola, duas possibilidades foram cogitadas, mas sem que nenhuma fosse realmente garantida. A primeira foi uma visita ao parque estadual de Porto Ferreira e a segunda foi assistir a uma peça de teatro na cidade vizinha de Pirassununga, algo que contemplaria muito bem o interesse artístico do lazer, mas as duas dependeriam de prévia solicitação de condução e de sua posterior confirmação.



Deixamos as duas possibilidades em aberto aguardando as possíveis confirmações, mas preparamos uma caminhada pelas adjacências da escola, que apesar de já serem local conhecido por muitos, há alguns que vivem em bairros vizinhos e que não costumam frequentar o bairro no qual está localizada a unidade escolar.

C.O.: O que de fato acabou se concretizando, na medida em que as outras opções não foram efetivadas pela escola, já que o município estava sem o funcionário responsável por designar o transporte para atividades extracurriculares. Foi muito interessante e proveitoso, especialmente para mim, que já conhecia uma pequena parte do bairro, mas não tinha a real noção da realidade a qual muitos alunos estão submetidos, especialmente nas moradias remanescentes do assentamento.

Para oitava aula, o planejamento estava direcionado aos interesses artísticos do lazer e a exemplo dos outros, foram manifestadas diversas possibilidades de atividade relacionadas ao lazer artístico.

C.O.: Este interesse é também, independente das atividades que se proponham, um conteúdo com o qual os alunos têm pouquíssimo contato, pois as aulas de educação artística, que poderiam ser uma ocasião propícia para que estabelecessem relação mais próxima com o tema, na maioria das vezes, são negligenciadas devido a alta demanda dos currículos que precisam ser aplicados na íntegra e pela ausência de profissionais especializados ministrando aulas desse componente curricular, nesta etapa de ensino.

As atividades mais estimadas pelos alunos foram: pintura e modelagem e escultura. Seguindo a estratégia de ampliação do repertório dos alunos em relação às atividades de cada um dos interesses culturais do lazer, mesmo que, como anteriormente salientado, quaisquer atividades de determinados interesses já configuram novidade e, portanto, ampliação do horizonte cultural e do lazer dada a conjuntura sociocultural da qual provém a maioria dos alunos. Sugeri ainda que realizássemos fotografias artísticas do ambiente escolar com temas a serem definidos.



C.O.: Essa ação foi inspirada em atividade semelhante que ocorrera na disciplina de lazer, ministrada durante o curso do ProEF e pensada ainda como possibilidade de estabelecer relação com o interesse virtual do lazer.

A nona aula não fez parte do planejamento participativo, pois eu já havia estabelecido que para o interesse manual do lazer a atividade principal seria a confecção de pipas, na medida em que a décima aula será um festival, no qual os alunos empinarão as pipas por eles confeccionadas, em uma praça perto da escola.

Figura 10. Cartaz interesses manuais do lazer



Fonte: Professor-pesquisador

C.O.: Apesar das atividades já estarem previamente definidas, ficou evidente, pela manifestação dos alunos, que na aula sobre os interesses manuais do lazer a confecção de pipas seria forte candidata a ocupar o lugar de destaque para maioria dos alunos.

Estando com todas as atividades programadas para a sequência da nossa unidade didática, registramos com fotos os cartazes confeccionados pelos alunos com os interesses correspondentes a cada aula, em seguida, realizamos uma roda de conversa para avaliar nossas escolhas e estimar a expectativa em relação à implementação das aulas.



Figura 11. Cartazes confeccionados



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Os interesses que mais os deixaram empolgados foram o físico, o social e o virtual. O interesse físico fez brilhar os olhos dos alunos por conta do desejo reprimido de jogar futebol na aula que a maioria dos meninos sustenta, já que este é um tema em cuja ênfase se concentra no segundo ciclo do ensino fundamental e esta seria uma grande oportunidade para que fosse levado a cabo.

O interesse social chamou atenção em função das possibilidades de atividades relacionadas à conversação e ao desfrute de uma alimentação diferente a que compõe o cardápio cotidiano dos alunos.

Por fim, o interesse virtual os deixou interessados em função da possibilidade de trazerem seus aparelhos celulares para a escola, bem como pela oportunidade de vivenciarem jogos e atividades virtuais em um ambiente em que tais acontecimentos não ocorrem com grande frequência e que por vezes sofrem até restrição ou mesmo proibição, no caso dos celulares.

AULA 3

Título: Interesses Físicos do Lazer

Data: 20/09/2023

Local: Quadra

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

Recursos: Bola de futsal; coletes; caixa de som; bicicletas, frisbee



Objetivo(s): Experimentar/fruir atividades físicas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse físico.

Avaliação: Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.

Cheguei à sala de aula e prontamente percebi a euforia que tomava conta do ambiente, tamanha a expectativa criada para a realização das atividades físicas por eles tão almeçadas. Após a realização da chamada, ainda em sala, relembrei com eles a dinâmica do nosso planejamento, quais as atividades comporiam a nossa aula e como seria o seu desenvolvimento.

Conforme planejamento participativo os conteúdos definidos para esta aula foram futebol/futsal, danças e passeio de bicicleta, houve ainda o acréscimo do ultimate frisbee. O passeio ciclístico na área externa da escola foi inviabilizado pela ausência de bicicletas suficientes para todos os alunos, de modo que aqueles que as possuísem, as levariam para passear ao redor da quadra, na área interna da escola. Haverá também a realização do jogo de futsal. Esse esporte possui uma alta demanda quase nunca correspondida nesta etapa de ensino que privilegia jogos e brincadeiras em detrimento do esporte, mais frequente na segunda etapa do ensino fundamental. O público feminino majoritariamente optou pela dança enquanto conteúdo genérico, nenhum estilo foi especificado. Nesse sentido, decidimos em planejamento que três momentos seriam realizados nos quais as atividades se desenvolveriam.

C.O.: A ideia de introduzir o ultimate frisbee foi no sentido de ampliar o repertório dos alunos e de concretizar uma educação para o lazer ao passo que se fomenta uma educação pelo lazer, pois esta é uma atividade que não costuma fazer parte do cotidiano dos alunos, não obstante seja algo acessível de ser praticado por eles.

Os alunos ficaram surpresos ao receberem a notícia e, de modo geral, empolgados, sinalizando que já conheciam essa atividade com o nome de disco, pois viram pela TV. Aproveitei para explicar a dinâmica do esporte utilizando a lousa como apoio, de modo que desenhei as linhas enquanto esclarecia as ações do jogo. Em seguida fomos para a quadra para dar início à nossa aula.



C.O: Houve uma divisão clara de interesses em relação às atividades previstas para a aula. Entre os meninos, houve predomínio de interesse pelo futebol, enquanto as meninas queriam logo dançar. Entretanto, como determinado em planejamento, todos os alunos deveriam experimentar todas as atividades.

Iniciamos a aula, portanto com o diálogo inicial de modo que eu explicava a estrutura da aula enquanto os alunos ouviam atentos e em seguida manifestavam suas opiniões sobre a dinâmica escolhida.

Algumas meninas como, Rebeca, Rute, Lia e Sara disseram que não gostariam de jogar futebol. As outras meninas aproveitaram a fala das primeiras para também manifestarem no mesmo sentido.

Respondi dizendo que, no momento da dança os meninos também deveriam participar, e elas concordaram.

Figura 12. Alunos reunidos para o futsal



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Ainda com algum descontentamento por parte das meninas os alunos iniciaram o primeiro momento da vivência.

C.O.: Algo que é bastante comum em relação ao futebol na escola é que os alunos desejam muito realizar essa atividade, mas quando, por ventura ela acontece, evidenciasse que eles não conhecem, em geral, as regras e jogam de forma anárquica em referência não ao esporte de rendimento, mas ao jogo organizado e fluido.



Figura 13. Jogando futsal



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

E assim se deu o primeiro momento de vivência, ao que reuni a turma para a primeira conscientização.

Nesse momento as primeiras queixas das meninas já apareceram, alegando que os meninos não lhes passavam a bola. Questionei-lhes se o futebol é um esporte individual ou coletivo, ao que responderam coletivo, mas as meninas não sabem jogar. Repliquei perguntando como elas aprenderiam se não recebem a bola. Silenciaram.

Falei sobre a ocupação de espaços e sobre como você não precisa correr atrás da bola para todo lugar em que ela vá. Eles compreenderam e voltaram a jogar, dessa vez com a regra que só valeria marcar gols depois que a bola passasse por pelos menos duas meninas.

Voltaram para a vivência condicionada, na qual o jogo ocorreu com um pouco mais de fluidez, mas ainda assim, o impulso de perseguir a bola falava mais alto, de modo que essa postura embolava muito o jogo. Dessa vez houve maior participação das meninas.

Finalizamos esse momento com uma breve reflexão sobre as mudanças, ao que Noé exclamou: É, professor, se a gente não correr atrás da bola tem mais espaço para jogar.

Exatamente, respondi, e os indaguei sobre esse segundo momento, se o jogo ficou mais fluído. Eles assentiram. As meninas insistiram que não gostaram da experiência.



Eu disse que elas precisam se abrir para o novo e ter paciência com os meninos, pois eles amadurecem mais tardiamente, em tom descontraído.

Na segunda vivência, de cara recebi a pergunta em uníssono, por parte das meninas:

A gente pode dançar TikTok, sor?

C.O.: Nesse momento, respirei profundamente e qual a um pai, que na educação de seus filhos, não quer pecar pelo excesso de rigidez, o que poderá causar uma rejeição e um fechamento para o diálogo, tentei aproveitar a motivação que me trouxeram para introduzir uma nova perspectiva em seus horizontes culturais.

Nesse sentido, acordei com eles que poderiam dançar TikTok, desde que não fossem músicas e vídeos com palavras e gestos vulgares, e com a condição que depois arriscassem a dança do ventre, e o forró pé de serra, ao que fui mostrando alguns vídeos no celular, e todos concordaram.

Figura 14. Alunos dançando



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

C.O.: A maioria dos alunos são provenientes do Nordeste, quando não nasceram lá, já viveram em algum momento de suas vidas, ou ainda convivem com parentes próximos que tem sua ascendência atrelada àquela região, que tem no forró uma de suas expressões artísticas mais proeminentes. Foi interessante perceber como essa relação não mais os influencia ou fica em segundo plano se comparada às outras influências que agora predominam em seu imaginário, especialmente o funk.



Figura 15. Alunos dançando Forró



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Enquanto dançavam, algum aluno passeava na única bicicleta trazida por Raquel. Eles foram revezando e puderam também vivenciar essa atividade.

C.O.: a condição social da maioria dos alunos é realmente muito precária, de modo, que são poucos aqueles que realmente possuem uma bicicleta. Nesse momento tracei um paralelo com a minha própria infância que também foi um tanto difícil, na medida em que fui criado apenas pela minha mãe, sem nenhum contato com meu, pai, e um dia também quis muito uma bicicleta, mas minha mãe não tinha condições de comprar.

Figura 16. Aluna passeando de bicicleta



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Os chamei para uma conscientização rápida acerca dos aspectos anteriormente citados em relação ao regionalismo e suas preferências, ao que Débora respondeu que sua mãe ouve forró, mas é misturado com batidão, mas que ela prefere funk mesmo, ou Ana Castela.

Figura 17. Alunos dançando em semicírculo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Partimos para a última vivência que foi explicada na sala e lembrada naquele momento. Comentei sobre a lógica dos esportes de invasão e como havia semelhanças com a primeira vivência do futebol na disposição e ocupação de espaços.

Quando iniciamos era como se eu nada tivesse falado. Todos queriam agarrar o frisbee, torando o jogo caótico, no que se refere a organização e fluidez que ele pode encerrar.

Figura 18. Vivência do Ultimate Frisbee



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Fiz uma pequena pausa para alertá-los sobre isso, mas não adiantou muito. Continuaram correndo todos, ao mesmo tempo, atrás do frisbee.

C.O.: Não conseguiram marcar nenhum ponto, o que foi um pouco frustrante para mim. Apesar de saber que aquela era apenas uma pequena experimentação e que uma aula, ou um conjunto delas, certamente abordaria o esporte de uma maneira mais desmembrada, ainda assim o sentimento quando algo não ocorre como o esperado é ruim. Vale ressaltar que nas vivências práticas os alunos parecem se transformar. Seu comportamento fica mais equilibrado do que quando têm de ficar na sala.

Figura 19. Roda de conversa



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Finalizamos com a reflexão final acerca da aula toda, de modo que os questionei se conseguiram perceber a predominância do elemento físico presente nessa aula, ao que todos assentiram com a cabeça.

Pedi que falassem sobre as experiências. Jacó disse que adorou o frisbee e que gostaria muito de poder jogar em outro momento.

Algumas meninas reiteraram a questão do futebol, que não foi atrativo para elas, pois não participaram devidamente do jogo.

Isaac sugeriu que a escola tivesse bicicletas para que o nosso passeio ciclístico fosse viabilizado, e assim encerramos a terceira aula.



AULA 4

Título: Interesses Intelectuais do Lazer

Data: 22/09/2023

Local: Sala de aula

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

A nossa quarta aula da UD foi sobre os interesses intelectuais do lazer. Ao chegar na sala de aula, esboçaram uma reação de alegria, mas ao lembrarem que hoje nossa aula seria sobre os interesses intelectuais, rapidamente fecharam o semblante demonstrando todo seu desânimo.

C.O.: Quando da minha vida escolar, não havia mediação docente nas aulas de Educação Física. Isso ocorreu durante toda a minha passagem pela educação básica, o que certamente deixou marcas, ou melhor, não deixou marcas e sim uma ausência. Não obstante, isso me ajuda a compreender a rejeição dos alunos a qualquer tema que seja diferente daquilo que estavam acostumados ou que gostam de fazer. Eu percebi isso desde quando iniciei meu trabalho nessa escola, mas sei que isso é frequente em muitos lugares do Brasil.

Após a chamada fomos para a sala que eu havia preparado com as estações devidamente separadas e organizadas.

C.O.: Assinalo novamente a questão do tempo de preparação, pois me parece fundamental para aplicação de uma UD com essa demanda de preparação, que se tenha disponível tempo suficiente para organizar todo o necessário. Realmente me pergunto se isso é possível em todos os contextos.

Na conversa inicial, pedi que se atentassem para o principal aspecto dessa aula, ou desse interesse e que haveria uma organização rotativa para que todos pudessem passar pelas estações, e com isso iniciamos.

Na estação do ludo, havia também o jogo Stop, já bem conhecido por eles e que ficaram admirados de poderem jogar durante uma aula.



Figura 20. Alunos jogando ludo e Stop



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Havia também a estação do cara-a-cara, uma novidade para os alunos. Eu expliquei rapidamente a dinâmica do jogo e passava para conferir se tudo estava bem.

Figura 21. Jogando Cara a cara



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Outro jogo intelectual que estava disponível em uma das estações era o caiu perdeu. O jogo consiste em retirar bloquinhos de madeira de uma torre e continuar empilhando em cima dessa mesma torre até que não seja mais possível sustentá-la e ela cai. A maioria dos alunos alegou já conhecer esse jogo.

C.O.: Aos poucos a feição de desânimo foi dando espaço a empolgação e entusiasmo com as atividades disponíveis, ao passo que percebiam que intelectual não é sinônimo de fazer lição, como alguns imaginaram.

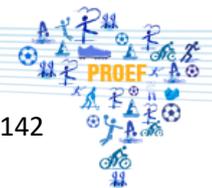


Figura 22. Jogando caiu, perdeu



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Eu trouxe um clássico dos jogos de tabuleiro e mesa, o banco imobiliário, o que gerou muita animação. Todos queriam começar nesta estação, mas eu logo os adverti que não seria possível terminar as partidas, que normalmente podem demorar horas para acabar.

Jezebel disse que já havia jogado com sua prima e que gostava bastante desse jogo, ao que perguntei se ela reconhecia esses momentos em que jogava com sua prima, como vivências do contexto do lazer? Ela respondeu que nunca havia parado para pensar sobre isso, mas que ela achava divertido.

Figura 23. Banco imobiliário



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Outra estação que estava disponível para os alunos, que poderia ser vivenciada individualmente ou em dupla era a do jogo cilada. Este é um excelente jogo que trabalha a noção espacial enquanto o jogador tenta realizar a combinação perfeita de peças para encaixá-las todas no tabuleiro sem que sobre espaços. Eles também gostaram bastante desse jogo que era novidade para eles.

Figura 24. Jogo Cilada



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

O jogo Uno, também recebeu uma estação, o que causou muito espanto, ainda mais que o stop, pois esse tipo de atividade costuma ser estritamente proibida na escola. Portanto, eles se viram fazendo algo irreverente no ambiente escolar.

Figura 25. Jogo Uno



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Havia ainda a estação do dominó, que não recebeu muita atenção, pois já é um jogo conhecido da maioria deles e, talvez, como havia tantas outras opções diferentes e novas, ele tenha sido preterido, mas alguns alunos passaram por esta estação.

Abraão disse que seu avô costuma jogar com seus amigos, quando se reúnem em frente a um bar localizado perto de sua casa.

C.O.: Esse tipo de vivência do âmbito do lazer ainda tem seu lugar nas pequenas cidades do interior, algo que posso verificar também em minha cidade, vizinha da qual trabalho, onde, não só idosos, mas muitos jovens jogam baralho e dominó nas praças, fato que motivou até a implantação de um quiosque na praça central com diversas mesas para a prática desses jogos.

Figura 26. Dominó



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Outro jogo que fez parte da minha infância e que estava presente em uma estação foi o rouba palito. Esse é um jogo que trabalha muito a concentração, bem como a coordenação motora fina, e fez com que os alunos ficassem atentos quando passavam por essa estação.



Figura 27. Jogo dos palitos



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Montei também uma estação com Sudoku e palavra cruzada. Os alunos não conseguiram, de modo geral, compreender muito bem o sudoku, e focaram mais nas palavras cruzadas, que é algo corriqueiro utilizado como estratégia durante as aulas de língua portuguesa.

Figura 28. Sudoku e palavras cruzadas



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Um jogo muito nostálgico, na sua versão virtual, mas que foi trazido na versão física foi o tetris, ou blocos de encaixe. A dinâmica do jogo virtual nos expõe a pressão



de tempo para encaixar corretamente as peças, algo que a versão física não oferece, mas é possível exercitar o raciocínio e a noção espacial.

Figura 29. Tetris em madeira



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Por fim, havia também uma estação com o jogo War, também muito conhecido jogo de tabuleiro que trata sobre estratégia. Expliquei aos alunos que é também um jogo muito demorado e que, portanto, certamente não conseguiriam terminar uma partida antes do final da troca de estação. Ainda assim, Noé, Abraão e Jacó, ficaram muito interessados no jogo, pois associaram com Free Fire, jogo virtual de costumam jogar no celular.

Figura 30. Jogo War



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Após algum tempo nas estações realizei a primeira conscientização, de modo que os questionei sobre como a dinâmica dessa aula estava em contraste com a aula anterior, ao que Jezebel declarou: aqui não precisa correr, né, professor?

Respondi afirmativamente, e questionei o porquê do intelectual? Ela disse que é porque temos que pensar para conseguir ganhar.

Depois que todos experimentaram as estações com as quais mais identificaram, fizemos uma conversa final, na qual os questionei se haviam gostado da aula? Se tinham esse tipo de vivência fora da escola? E o que chamou mais sua atenção na aula?

Todos disseram que gostaram e que se surpreenderam, pois achavam que ia ser chato.

Jezebel disse que já havia jogado muitos daqueles jogos. Fizemos a autoavaliação e encerramos.

AULA 5

Título: Interesses Sociais do Lazer

Data: 27/09/2023

Local: Quadra

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

A quinta aula da nossa unidade didática foi sobre os interesses sociais do lazer. Na aula anterior eu havia acordado com os alunos que aqueles que pudessem deveriam trazer alguma comida ou bebida para que realizássemos o nosso piquenique, no entanto, como eu sei das suas realidades, tentei me precaver comprando algumas coisas a mais.

Começamos o nosso diálogo inicial com uma conversa sobre as oportunidades que os momentos de alimentação em grupo nos proporcionam para o aumento do conhecimento mútuo acerca da realidade de cada indivíduo.

Eu os questionei se costumam fazer refeições em família ao que a maioria respondeu que não tem esse costume que geralmente eles se alimentam sozinhos porque na maioria das vezes os seus pais ou responsáveis estão ocupados ou trabalhando.



Figura 31. Piquenique



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Como eu havia previsto a maioria dos alunos não pôde contribuir com nenhum tipo de alimento ou bebida. Alguns trouxeram refrigerantes, mas os alimentos foram trazidos apenas por mim. Eu encomendei com a mãe de um dos alunos da escola um centro de salgados, bem como trouxe um bolo e mais algumas frutas. Havia também alguns biscoitos e bananas cedidas pela escola que seriam servidos no intervalo.

Todos juntos preparamos a toalha, a estendemos na quadra, em seguida arrumamos todos os alimentos em cima dela. Sentamos em volta da toalha e começamos a comer enquanto conversávamos sobre assuntos variados.

Como o interesse previsto para esta aula era o social, ao reuni-los para a conscientização, os questionei sobre seus hábitos sociais, bem como os de seus familiares. Perguntei como se dá a alimentação em suas casas? Quem prepara a comida? Seus familiares costumam se reunir para comer ou fazer algum tipo de confraternização, festas etc.? Costumam sair com os amigos para algum tipo de passeio ou evento social? Possuem algum tipo de hobby?

Maria disse que em sua casa, ela costuma acordar mais tarde, quase perto da hora de vir para a escola. Com isso não toma café da manhã, pois alegou que não sente fome quando acorda. Portanto sua primeira refeição acontece na hora do almoço na escola.

C.O: Um ponto interessante a ser mencionado e que tem estrita relação com a motivação desse estudo se dá com o fato de que houve uma iniciativa da prefeitura,



inspirada em outros municípios que já o fazem, de dispor o horário das refeições mais próximo do horário convencional, ou seja, o almoço acontece quando os alunos estão chegando na escola separados por escalas de turmas, iniciando as 12h e terminando por volta da 13h30. No meio do período, por volta das 15h, inicia-se o horário do café, que corresponde a 10 min., nos quais são servidos frutas, leite, bolachas etc. Foi a partir dessa mudança que os alunos não tiveram mais o intervalo convencional de 20 a 25 min., do qual gozavam anteriormente e que utilizavam para vivenciar atividades do contexto do lazer.

Débora disse que costuma ajudar sua mãe a preparar o jantar e que gosta muito de cozinhar.

José disse que em sua casa estão sempre fazendo churrasco, e que ele gosta de ir à cidade tomar açaí.

C.O.: Quando ouvi pela primeira vez alguns alunos se referindo à irem até a cidade, deduzi que eram alunos provenientes da zona rural, mas eu estava enganado, eles se referem à região mais central como cidade, pois seu bairro é realmente mais afastado e há necessidade de percorrer um pedaço de estrada para atingi-lo.

Ao final, realizamos uma roda de conversa refletindo sobre como podemos promover e valorizar mais vezes momentos como este, de maneira que possamos nos conhecer melhor, entender um pouco da realidade do outro, para saber respeitá-lo, assim também nos conhecemos melhor a nós mesmos, e identificamos a importância dessas situações para nos preparar para a vida em sociedade.

Falamos ainda sobre as características dessa aula, ao que Talita comentou: -- Nem pareceu uma aula! Enquanto eu perguntava: -- O que predominou aqui, hoje?

Jezebel respondeu que foi a conversa, e que mesmo que não fizemos atividade física, como na aula passada também não, as duas foram diferentes, porque nessa a gente só conversou.

E comeu, né, respondeu, Lia. E com isso finalizamos mais um encontro.



Figura 32. Roda de conversa da aula 5



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

AULA 6

Título: Interesses Virtuais do Lazer

Data: 04/10/2023

Local: Sala de Informática/Robótica

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

Essa, certamente, era uma das aulas mais esperadas pelos alunos, de toda a UD. Eles estavam muito entusiasmados e ao longo dos dias que antecederam a aula, me perguntavam reiteradamente se poderiam realmente trazer seus aparelhos celulares para a escola. Perguntaram até para a diretora, que confirmou, mas advertiu que seriam usados os aparelhos, apenas no momento da aula. A professora de sala também já estava ciente e não houve problemas quanto a isso.

Quando cheguei na sala para buscá-los, estavam eufóricos. Pegaram seus celulares e foram mostrando uns para os outros.

C.O.: Este aparelho telefônico, que já não se resume a apenas fazer ligações, mas que com o advento da internet, especialmente com as redes móveis, tornou-se um artigo extremamente fetichizado por grande parte da população que se rende aos movimentos de massa, é também para os alunos um artigo de luxo, que eles ostentam, mas sempre sonhando com o próximo modelo e com o Iphone.



Esta aula também foi organizada em estações, a exemplo da aula dos interesses intelectuais.

C.O.: Durante a qualificação deste trabalho, no qual estou tendo a honra de ter em minha banca o professor doutor Fábio Ricardo Mizuno Lemos, o qual possui uma profunda relação acadêmica e docente com os estudos do lazer, na medida em que também atua como professor no Instituto Federal de São Carlos, bem como a professora doutora Gisele Maria Schwartz, que tem uma destacada carreira dedicada aos estudos do campo do lazer, e que foi quem inicialmente propôs as primeiras reflexões acerca do lazer virtual, me foi sugerido trabalhar, nesse interesse, com os Webgames adaptados, atual fonte de estudos e publicações da profa. Gisele. Eu fiquei muito inclinado a optar por essa abordagem que achei realmente muito interessante, na medida em que a proposta auxilia os alunos a fazerem esta transposição do mundo virtual para a concretude do real, além de ser uma forma de inserir movimento e dinamismo em suas rotinas, tendo como apelo os jogos virtuais que tanto estimam.

Nesse sentido, como nosso planejamento já estava delineado, decidi trazer o jogo PAC-MAN adaptado como uma atividade surpresa no final da aula, como estratégia para que conseguissem estabelecer essa relação entre a realidade virtual e a realidade material.

Iniciamos nossa aula com o diálogo inicial, no qual perguntei quanto tempo, em média, eles passam utilizando aparelhos eletrônicos, por dia.

Rebeca, em tom sarcástico, bradou: -- 24 horas! Ao que todos riram, inclusive o professor.

Insisti na pergunta, mas exigi resposta mais coerente. Moisés afirmou que, se dependesse de sua mãe ele não jogaria Roblox – seu jogo preferido – no celular, mas seu pai estabeleceu que ele pode jogar 2 horas por dia, 4 vezes na semana, de modo que os dias e horários distribuídos ficaram, segunda, quarta, sexta e sábado, das 18h às 20h. Explicou que é o horário que o pai está em casa e que, dessa maneira pode controlar melhor o acesso.

Ficamos todos espantados com essa dinâmica, eu e os alunos, pois o que geralmente se observa é uma relação menos organizada com os meios tecnológicos.



C.O.: Faz-se necessário que se viabilizem espaços adequados no ambiente escolar para que sejam levadas a cabo, ações que visem auxiliar os alunos ao bom uso das ferramentas tecnológicas, seja para os momentos do âmbito do lazer, ou para objetivos acadêmicos, para o trabalho ou qualquer outra finalidade que possam conceber, o que ficou escancarado quando da pandemia.

Lia e Rute afirmaram algo semelhante sobre essa relação. Costumam assistir séries com seus pais a noite, em casa.

C.O.: Essa fala me fez lembrar da febre em que se converteu a série Round 6, da Netflix, aplicativo on demand de reprodução de séries, filmes e documentários. Quando do seu ápice de audiência, os alunos não mais me pediam futebol, mas todos clamavam por batatinha frita 1, 2, 3, pois a série coreana, narra a história de um grupo de pessoas que precisando de dinheiro aceitam participar de jogos infantis, dentre os quais, batatinha frita, com a promessa de que o vencedor receberia muito dinheiro, contudo, não foram avisados de que os perdedores perderiam também a vida.

Nessa época, o jogo tradicional, se convertia, na cabeça das crianças na vivência lúdica da série. O problema é que ela é contraindicada para menores de 18 anos, pois contém muitas cenas violentas, o que mais despertava a atenção das crianças.

A primeira organização das estações era composta de um momento participando de um grupo de WhatsApp, criado naquele momento pelos alunos, no qual poderiam conversar sobre assuntos variados. Sugerir que eles tentassem adivinhar o jogo que eu faria com eles ao final da aula. Eu enviava alguma pista no grupo para ajudá-los nesta tarefa.

As outras estações estavam compostas por notebooks nos quais eles poderiam jogar diferentes jogos, como os Esports, futebol, tênis, automobilismo, golfe, skate etc.

C.O.: Essa é uma estratégia interessante para trabalhar alguns esportes que são menos acessíveis no contexto escolar, especialmente para a segunda etapa do ensino fundamental e para o ensino médio, nas quais os esportes são mais enfatizados.



Figura 33. Jogos de automobilismo e Skate



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Após os alunos passarem pelas estações, os reuni para fazermos o primeiro momento de conscientização. Foi então que os questioneei sobre as possibilidades que o meio virtual nos oferece de vivenciarmos situações que materialmente estariam muito distantes da nossa realidade.



Figura 34. Conscientização



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Jezebel, costuma ser sempre a primeira a se pronunciar, e dessa vez não foi diferente. Ela disse que ficou com muita vontade de andar de skate depois que viu a Rayssa Leal ser campeão das olimpíadas, mas nunca teve a oportunidade, e que gostou de poder jogar com uma personagem feminina no skate. A corrigi dizendo que ela foi medalhista de prata e que podemos vivenciar atividades com skate em uma aula futura.

Jacó, em tom jocoso, disse que poderíamos fazer essa aula mais vezes, porque, pelo menos aqui podemos jogar futebol. Os meninos concordaram com ele.

Em seguida, apresentei as seguintes estações, que foram preparadas para esse segundo momento de vivências da aula. Pedi para que eles ficassem mais atentos às possibilidades que o meio virtual nos oferece, e como isso tem impactado a nossa vida nos últimos tempos.

Havia um notebook com o google Earth aberto para que pudessem viajar pelo mundo e conhecerem qualquer localidade desejada.



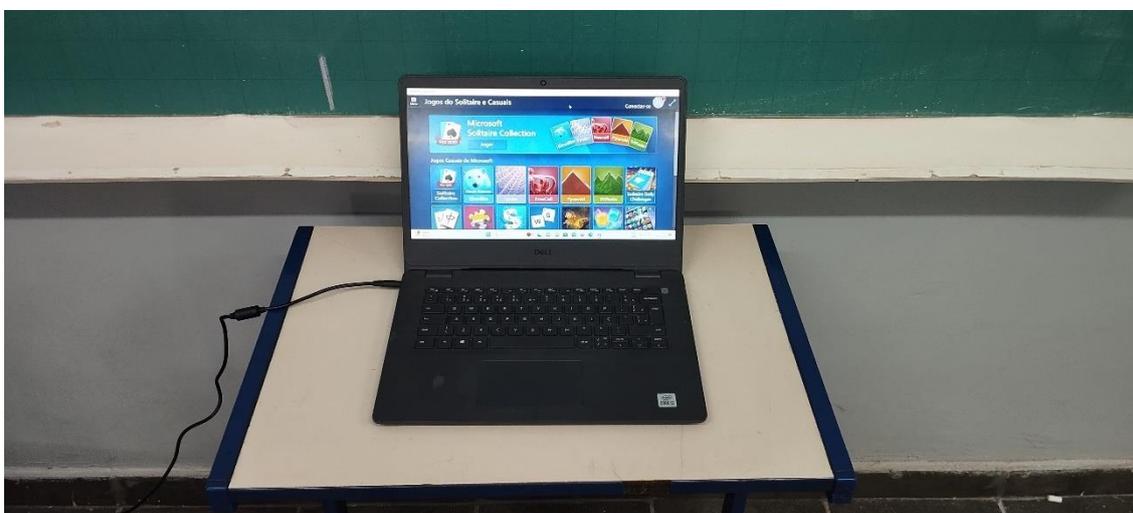
Figura 35. Google Earth



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Outra estação continha jogos intelectuais em formato digital, tais como de tabuleiro, cartas, estratégia etc.

Figura 36. Jogos eletrônicos de mesa

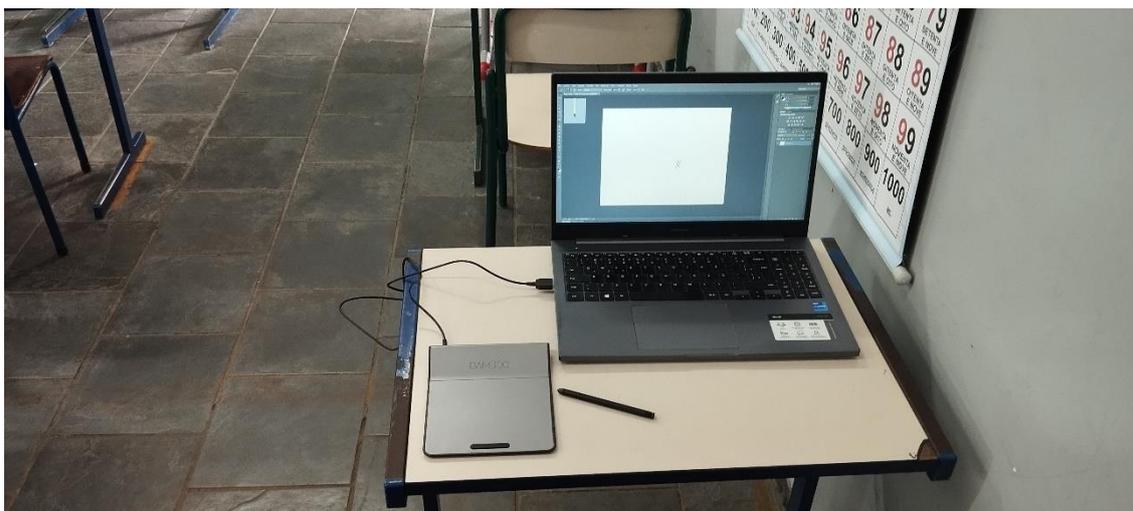


Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Preparei uma mesa digitalizadora para que pudessem, na interface com a os interesses artísticos, desenhar, pintar, ou até mesmo realizarem modelagem 3D, por meio dos programas Photoshop e Tinkercad.



Figura 37. Mesa digitalizadora



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Instalei ainda um controle em um celular para que pudessem jogar dois jogos que muito me pediram, quais sejam: Fortnite e Roblox.

Figura 38. Joystick conectado ao celular via Wi-Fi



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

E por fim, havia uma estação extremamente nostálgica, para mim, e que os conscientizou sobre as origens remotas dos jogos eletrônicos que hoje podem ser jogados na palma de suas mãos, pelos celulares. Nessa estação estava contido um Super Nintendo, console lançado no Brasil em 1993, com os jogos do Super Mario Bros, o jogo de videogame que sintetiza todos os elementos do mundo dos games.



Figura 39. Jogo Super Mario no console Super Nintendo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Depois de vivenciarmos essa etapa da aula, perguntei se alguém havia descoberto qual o jogo nós faríamos na quadra, e eles se espantaram que nós iríamos para quadra, pois eu apenas falei que faríamos um jogo surpresa no final da aula, mas não informei onde seria.

Foi então que revelei qual seria nossa atividade, e eles logo reconheceram como o pega-pega na linha, com o qual já estão habituados. Demonstraram entusiasmo por poderem ainda vivenciar uma atividade na quadra.

Figura 40. Pac-Man adaptado com o corpo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Ao final, nos reunimos para finalizar a aula, que já estava perto do fim, e foi quando perguntei se perceberam a predominância de algum interesse cultural do lazer nessa aula; se estavam conscientes sobre como devemos modular o uso dos aparelhos eletrônicos para promover o encontro presencial, como na aula anterior, ao passo que o virtual nos oferece possibilidades, de outro modo, inviáveis etc.

Talita respondeu que é impossível viver sem celular, hoje em dia. Eu perguntei como ela faz durante o período de aula. Ela replicou dizendo que fica contando os minutos para chegar em casa e poder acessar o YouTube para assistir seus vídeos de maquiagem e do Enaldinho.

Moisés disse que gosta muito de jogar online, e que para ele essa também é uma oportunidade de se encontrar com os amigos fora da escola, pois presencialmente isso seria muito difícil, já que os pais não o deixam sair.

Eu confirmei seu posicionamento, mas alertei sobre como os encontros presenciais são importantes para nossa vida em comunidade. Ele concordou.

Maria completou que ficou muito claro que a aula de hoje era sobre interesse virtual. Perguntei, por quê? Ela respondeu que pelo uso dos aparelhos e da internet. Desse modo, encerramos mais um encontro.

AULA 7

Título: Interesses Turísticos do Lazer

Data: 06/10/2023

Local: Bairro

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

A próxima aula tratou dos interesses turísticos do lazer. Esse interesse também não foi originalmente sugerido por Joffre Dumazedier, quem o fez foi, Luis Octávio de Lima Camargo, ao que foi bem aceito pela comunidade acadêmica dos estudos do lazer.

Havia algumas possibilidades vislumbradas por nós quando do planejamento participativo em relação ao interesse turístico do lazer, mas a que acabou se confirmando foi a que talvez menos os empolgaria. Entretanto, eu estava errado. A ideia



de sair da escola, em horário de aula, para caminhar pelas ruas do bairro no qual eles vivem, fez brilhar seus olhos, e com isso os meus também.

Iniciamos na sala, de modo que estabelecemos o primeiro diálogo, no qual pudemos traçar uma rota, com a ajuda dos alunos que mais conheciam a localidade. Em seguida fomos para frente da secretaria nos preparando para partir, quando Jezebel brada:

--“Professor, da próxima vez, a gente pode fazer uma excursão pra praia, né? Será que dá pra fazer na formatura... “Mas ir pra lá é muito caro”.

Eu nem tive tempo de responder e a própria aluna foi constatando a impossibilidade, puramente material, de sair do lugar em que está e chegar a outro, mesmo que gratuito.

C.O.: Essa realidade que se impõe sobre seus ombros restringe de tal modo as possibilidades humanas, que seria mesmo importante, que essas vivências compusessem seu desenvolvimento humano, em alguma etapa de suas vidas, e que bela imagem seria conceber a escola como promotora dessas experiências.

Depois de pensar em todas essas coisas, respondi que, muito daquilo com o qual sonhamos, precisamos buscar, pleitear e quando necessário lutar, para que se concretize, de modo que devemos estar conscientes para cobrar os nossos direitos enquanto agimos para mudar a realidade posta.

Figura 41. Turma reunida para o passeio



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Antes de sairmos, revisei os avisos e alertas sobre o comportamento durante o nosso tour, e lembrei que teríamos que nos restringir aos 50min de aula, portanto não poderíamos tardar muito.

Israel, exclamou: -- “Ixxi! Não vai dar tempo”. A gente tem que andar o bairro todo.

C.O.: este pode ser um dos entraves, apontados por alguns autores, no desenvolvimento de atividades do âmbito do lazer, na escola. A estrutura e organização da unidade não foi pensada para que fossem realizados conteúdos do lazer. Não obstante, é possível rearranjar determinadas situações mediante planejamento prévio e parceria com a gestão da escola.

Antes de sairmos registramos o momento em frente à escola.

Figura 42. Reunidos em frente à escola



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Descemos a rua principal que dá acesso ao bairro, no qual a escola está localizada. Os alunos estavam mais eufóricos do que eu imaginava. Esboçaram corridas e saltitavam no meio da rua.

Eu, tentando manter o grupo unido, chamava a atenção pedindo que mantivessem certa proximidade e evitassem permanecer muito tempo no meio da rua. Não adiantava muito, eles pareciam estar muito à vontade andando pelas ruas do bairro e a cada



esquina contavam-me passagens, acontecimentos enquanto apontavam na direção das casas falando quem morava em cada uma delas.

Figura 43. Caminhando pelo bairro



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Os alunos queriam que tomássemos o rumo de suas casas. – Vamos por aqui, professor. – Não, vamos por aqui! Exclamavam, exaltados.

Eu respondia que não podíamos nos demorar muito, porque a professora tinha uma atividade importante para aplicar nesse dia, e precisaria da presença dos alunos sem grandes atrasos.

Avistamos um imponente casarão, aparentemente abandonado, porquanto combalido pela ação do tempo, mas que ainda preservava um certo charme arquitetônico, com ares de casa assombrada de filmes de terror.

Avisaram-me que há gente morando ali. Pessoas que perderam suas moradias e que passaram a ocupar o espaço. Registramos a ocasião.



Figura 44. Casarão antigo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Logo abaixo havia uma outra casa, um sobrado, menos belo, apesar de mais recente. Parecia ainda estar em construção. Os alunos me disseram que este também estava habitado, mas não pelo dono legítimo, e sim por outros que fizeram moradia do lugar deixado.

Figura 45. Sobrado por terminar



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Adentramos na profundidade do bairro. O lugar onde outrora se instalara um assentamento, que por agora, estava passando pelo processo de legalização, que prometera prover alguma dignidade aos pais, avós e bisavós dessas crianças. O lugar que, ainda há pouco, legalmente, não existia. O verdadeiro não-lugar.

Esta região era, para mim, desconhecida até o momento. Eu já havia percorrido outros lugares do bairro que permeia a escola, o que oficialmente existe, mas até ali, jamais estivera.

Figura 46. Entrada da “ruinha”



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Ao longe, alguns avistavam suas casas, e em meio às conversas soltas, alguém lançou:

-- “Aí, professor tá vendo aonde a gente mora? Aqui perto de casa não tem nenhum lugar pra fazer lazer”. Ao que respondi: Como não, depois de tudo que a gente viu sobre lazer, o que você me diz sobre isso? Silenciou. Continuei. Caso isso fosse verdade, vocês teriam ao menos um lugar especial, um porto seguro no qual vocês podem se sentir confiantes e confortáveis, e que certamente haverá vivências do contexto do lazer preparadas especialmente para vocês. Ao que me interrompem: -- A escola!

C.O.: Mesmo na sétima aula da unidade didática, ainda se manifesta, em alguns alunos, uma visão estereotipada acerca do fenômeno do lazer, o que me faz refletir



sobre a necessidade urgente de uma educação para o lazer, e que ela se efetive ao longo de todo o percurso formativo dos alunos na educação básica, para que ao final do trajeto atinjam essa proficiência em relação ao fenômeno.

Um pouco mais adiante a vista nos apresenta um campinho, daqueles que um dia, talvez tenha sido de areia, mas que agora jaz no ferro que confere à vermelhidão da terra, cercada por alguns tufo de uma grama rala, pastada, e por arbustos desformes por entre árvores de diferentes qualidades, algumas frutíferas, as quais, correram apanhar goiaba.

Figura 47. Campinho



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Nesse momento, apontei-lhes o espaço do qual dispunham para vivências do contexto do lazer. – Pessoal, isso é lazer na sua essência mais pura.

C.O.: Não se trata aqui de romantizar a precariedade ou de fechar os olhos para os problemas sociais que assolam a população mais pobre. Ao contrário, o pressuposto desse estudo, e o sentido para o qual caminha, tende a reafirmar e sustentar uma defesa da necessidade, tanto de uma educação para reconhecer os espaços adequados, para se apropriar das leis, reivindicar direitos, destinar bem o tempo disponível, quanto despertar a consciência de que, na medida em que essas ações se concretizam se fortalece a luta pela viabilização de equipamentos propícios para as vivências do contexto do lazer, seja na escola, ou no seu entorno.



Continuamos adentrando ao interior do bairro; nos aproximamos da última rua, aquela mais à extremidade da região, onde a vegetação da mata ciliar com seus pequenos córregos, que mais adiante vertem no imponente Mogi-Guaçu, entrecruzam as ruas se confundindo com a paisagem periférica das casas, quase todas por terminar.

Ganhamos o pontilhão, que até outro dia, conforme relatos dos alunos, não contava com a nova grade de proteção, instalada para evitar aumentar o número de acidentes com crianças que despencavam pela ribanceira, terminando na água barrenta.

Figura 48. Ponte



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Atingimos o fim da última rua, do último recinto, do bairro que não existia; iniciamos nosso retorno de volta para a escola.

C.O.: Confesso que para mim, mesmo após alguns anos trabalhando por aqui, convivendo com essas crianças, dando e recebendo afeto, estreitando os laços humanos com eles, esse lugar também não existia. Foram poucas as vezes que me peguei ponderando sobre as dificuldades que eles precisam vencer cotidianamente antes de chegarem na escola em um dia qualquer. Tudo isso me impactou profundamente, e levo a convicção de que o meu olhar para os alunos, provenientes dessa comunidade, jamais será o mesmo.



Quando do retorno, Maria avistou a casa de sua avó, ponto de apoio no qual paramos para reabastecer e seguir destino nessa viagem que nos revela todo dia uma nova faceta da sua trama indecifrável.

C.O.: A pergunta que ecoava, e que talvez continue *ad aeternum* a ecoar em minh'alma, inquiria: por quê? Por quê? Silenciei.

Figura 49. Bebendo água na casa da vó



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Subíamos agora, percorrendo todo o caminho que nos conduziu até ali. Como na descida todo santo ajuda, a subida nos parecia amarga e calorosamente interminável. Nada que fizesse baixar o ânimo deles, que contentes, quais anfitriões ao apresentarem moradas de seu castelo interior, eles ainda carregavam uns aos outros de cavalinho, como se tudo fosse diversão.



Figura 50. Retornando à escola



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

C.O.: O contexto do qual provenho é, em certa medida, similar ao que avistei hoje por aqui. Essa experiência desenterrou memórias, muitas das quais jaziam estrategicamente ocultas, no mais profundo do meu ser.

Já, perto da escola, procuramos a sombra de uma frondosa árvore que nos serviu de abrigo dos sóis que pareciam acompanhar individualmente cada um de nós, naquela tarde de primavera tropical.

Figura 51. À sombra da árvore



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Enfim, de volta estávamos à escola. Acho que meu olhar sobre eles realmente se modificou permanentemente. Eu via aqueles olhos, aqueles sorrisos, aquela força de vida pulsando, a pergunta martelando minha cabeça: por quê?

Acho que não consegui dar um desfecho digno àquele momento. As palavras me faltavam, a boca seca não articulava, no fundo, sinto que aquela aula nunca terminou.

AULA 8

Título: Interesses Artísticos do Lazer

Data: 18/10/2023

Local: Quadra/Espaço escolar

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 50 min.

A oitava aula foi sobre os interesses artísticos do lazer. Um conteúdo de extrema relevância que é, certamente, capaz de adubar aquelas almas, para que plantadas as sementes corretas, frutifiquem naqueles homens e mulheres que ansiamos encontrar no futuro, ocupando seus espaços na sociedade.

C.O.: A arte é beleza, é a expressão, por meio do belo, daquilo que apreendemos das verdades eternas.

Gostaria muito de que eles pudessem ter vivido a experiência do teatro, mas não foi possível. Não obstante, há um projeto tocado na escola por uma professora pedagoga, que ensina canto coral aos alunos interessados. Tentei proporcionar-lhes uma aula com ela, mas no nosso horário era inviável para ela, e no horário dela, era inviável para nós.

Alguns alunos dessa turma fazem parte do coral, e puderam ter a incrível experiência de visitar a Sala São Paulo por intermédio da iniciativa “Conhecendo a Orquestra”, na qual a professora Daniela Pindobeira, responsável pelas aulas, inscreve seu projeto para realizar anualmente a visita.

Também pude ir em duas oportunidades com os alunos. Experiência indescritível.



Iniciamos com o diálogo inicial que se desenvolveu provocando-os para o quão atentos estamos às expressões artísticas que estão à nossa volta e como podemos, nós, expressarmos interioridades por meio das artes?

C.O.: Mencionei que os alunos não possuem aulas de educação artística, pois a demanda do currículo é tamanha, ainda enxertada com orientações de estudos, robóticas, empreendedorismos, projetos de convivência, que não sobra tempo para a “inutilidade” a qual encerra o campo das artes, uma prima exótica da Educação Física.

É provável que ocupemos não-lugares existenciais próximos na mente mórbida dos gestores educacionais. Divago.

Respostas equivalentes ao quanto são estimulados a desenvolverem sua sensibilidade:

-- Não sei, sor!.

-- Ih, sor! A gente nem tem aula de artes.

-- Minha, vó fala que só faço arte, risos generalizados.

Explanei um pouco sobre aspectos relevantes da arte, como o despertar para as coisas belas da vida, como observar aquilo que há de belo na natureza e em nosso entorno.

Partimos para a primeira vivência que consistia em expressar em cartolinas aquilo que estivesse latente em seu eu interior. Disse para eles que colocassem no papel, seus sentimentos, emoções, medos, frustrações, alegrias, aquilo que mais estivessem percebendo de si mesmos, naquele momento.

Antes de iniciarmos, pedi para que se deitassem no chão, fechassem os olhos e deixassem brotar tudo aquilo que eu havia falado.

Começaram os desenhos; surgiam paisagens, corações, nuvens, flores...

Figura 52. Produção artística





Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Figura 53. Pintura à guache em cartolinas



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Enquanto pintavam eu passava observando e registrando em fotografias a expressão daquilo que traziam e compartilhavam comigo.

Reuni a todos para o momento da conscientização... insisti no exercício da nossa capacidade de encontrar beleza ao nosso redor. Para tanto propus a segunda experiência. Enquanto terminavam de pintar seus desenhos, uma dupla de cada vez, saíria pela escola, com meu celular, buscando algo que lhes chamasse atenção para registrar com fotos. Retornaram as seguintes imagens:

Figura 54. Fotos artísticas: Lírio-da-paz e estojo do Flamengo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 55. Fotos artísticas: Refeitório



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 56. Antúrio



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



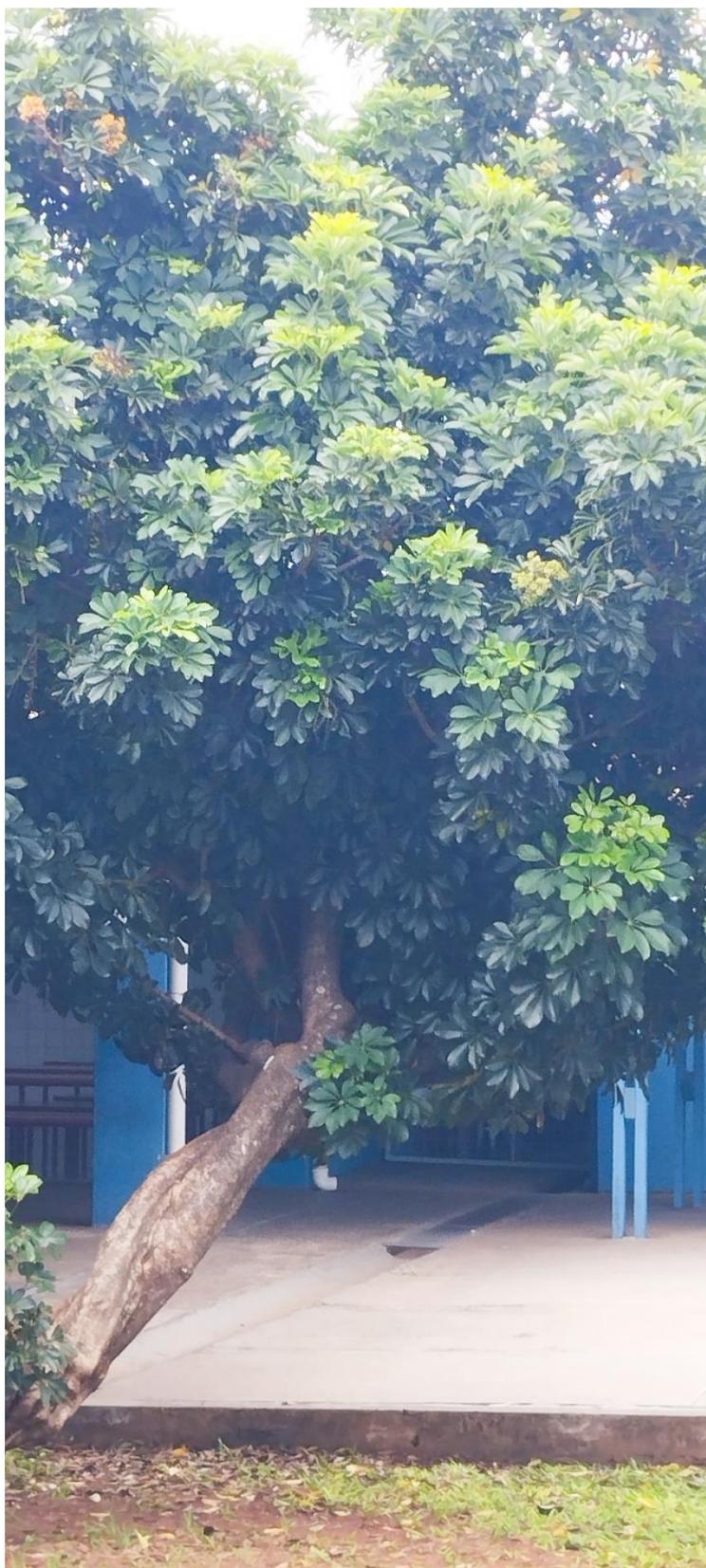
Figura 57. Cróton



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 58. Árvore torta



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 59. Araucária, pinheiro



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 60. Árvore reta



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 61. Hall de entrada da escola



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

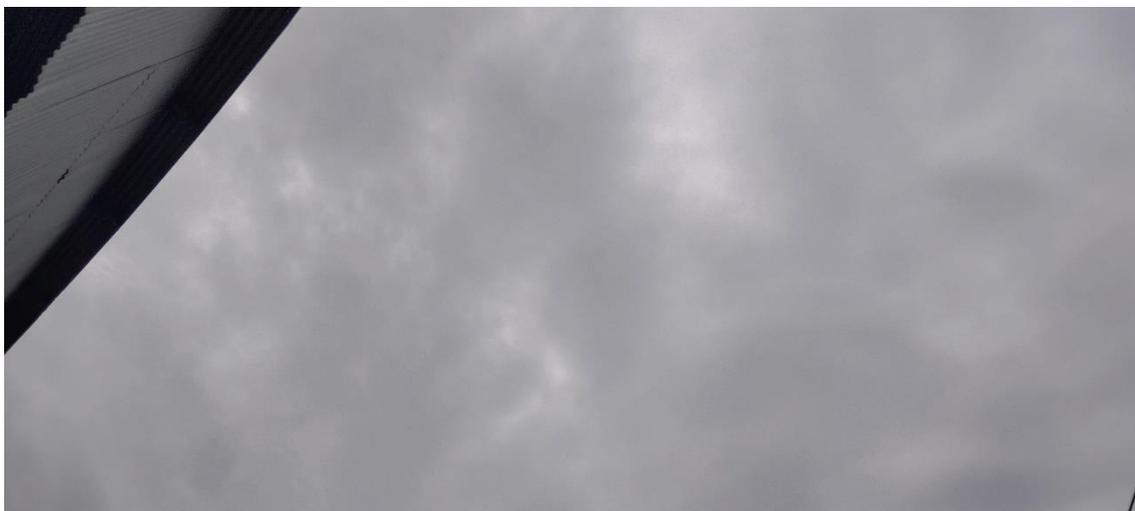
Figura 62. Mangueira



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 63. Céu acinzentado



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

É possível que o aspecto da natureza ao nosso redor, aventado em minha fala tenha causado alguma influência na direção que tomaram os registros fotográficos.

Tentei investigar esse fato, questionando-os o que os motivou a tais escolhas. As respostas convergiram.

- É a parte mais bonita da escola.
- O verde dá um ar de coisa boa.
- As flores são cheias de vida.

Encerramos com a roda de conversa, na qual chamei sua atenção para a natureza do interesse que acabavam de vivenciar.

Jezebel disse que percebeu que o interesse artístico foi predominante porque a sua motivação maior, na aula era fazer algo bonito, e o professor falou que arte é beleza.



AULA 9

Título: Interesses Manuais do Lazer

Data: 20/10/2023

Local: Sala de Aula

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 2h30 min.

Para a aula dos interesses manuais do lazer, já estava previsto que confeccionaríamos as pipas visando a realização da aula final, na qual as empinaríamos na praça.

Nesse sentido, iniciamos um diálogo no qual alertei sobre os pontos de atenção do interesse que estávamos vivendo.

Melquisedeque, exclamou: -- É manual porque a gente faz com as mão! Todos riram. Mas a essência da ideia não estava completamente equivocada.

Comecei passando as instruções básicas para a confecção da armação, que é o esqueleto, a estrutura da pipa. Distribuí para cada um dos alunos, um conjunto com três varetas de bambu, uma de cada tamanho, um pedaço de linha nº 10 com o qual firmariam as varetas, e lhes apresentei o molde para finalizar a armação, depois que as duas varetas horizontais estivessem unidas à vareta central vertical.

Mostrei as posições em que cada vareta deveria ficar e como a prendemos com a linha... Primeiro a superior, em seguida a inferior.

Figura 64. Confeccionando armações de pipa



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Figura 65. Interesses manuais do lazer



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Depois dessa fase, com as duas varetas bem firmadas, as encaixamos no molde para passar as linhas externas que determinam as posições das varetas, o formato e modelo da pipa.

O molde auxilia a manter as varetas laterais posicionadas no lugar exato em que precisam ficar para a armação não ficar pensa. Quando esta tarefa é realizada sem o auxílio do molde, é comum que ocorram diferenças nas distâncias entre uma e outra vareta nos dois lados da armação.

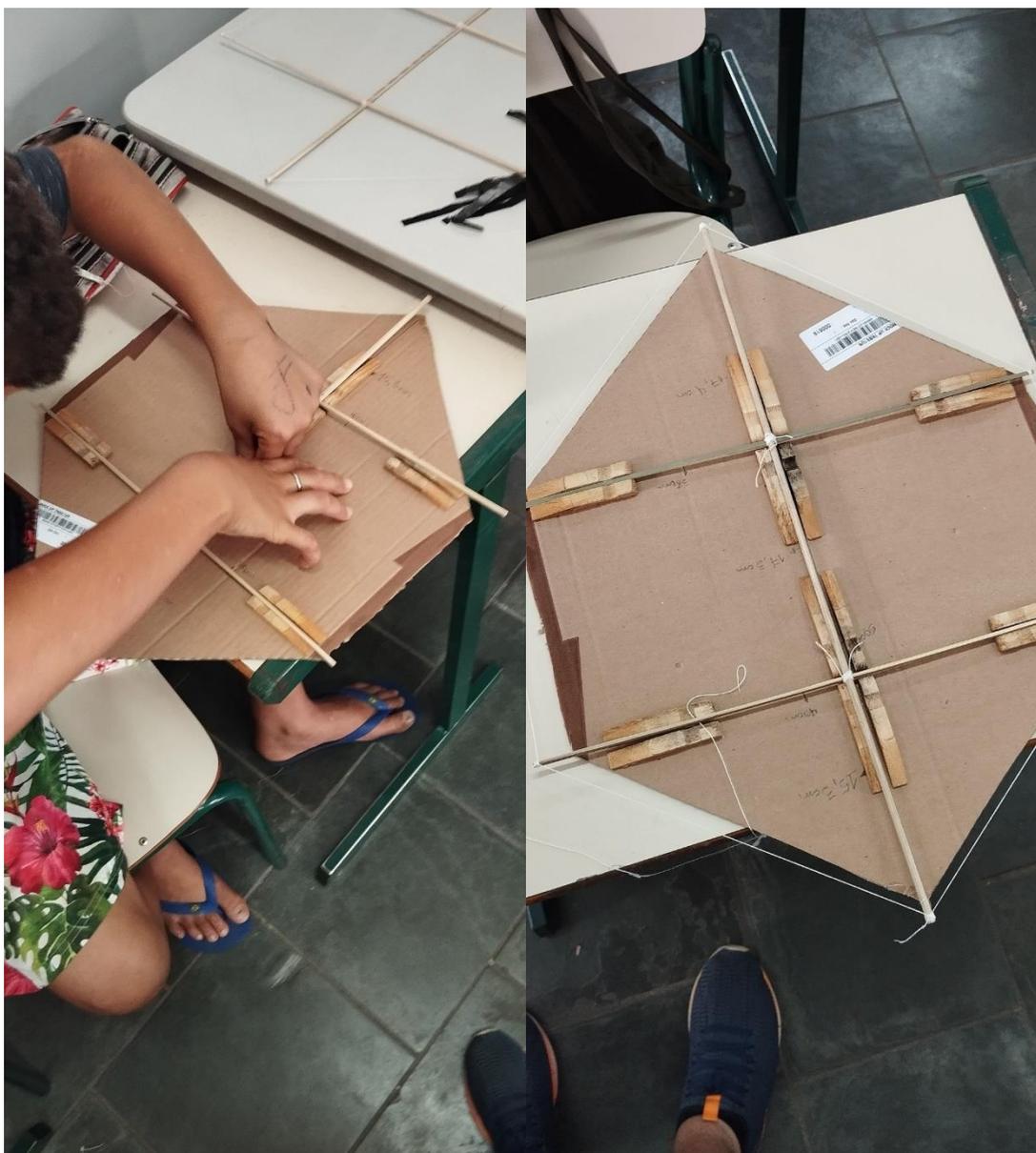
C.O.: É perceptível como a ausência de estímulos artísticos e manuais com os alunos faz com que sua destreza para realização de tarefas relativamente simples esteja muito comprometida.



Eles tiveram muita dificuldade nesta etapa, de modo que o tempo da aula já estava se encerrando antes que eles pudessem terminar a armação.

A professora não estava presente neste dia, então conversei com a substituta e com a coordenadora, se poderia continuar realizando as atividades manuais de confecção das pipas durante a próxima aula, ao que concordaram e a aula prosseguiu.

Figura 66. Molde para fazer armação



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Nesse intervalo, realizei a conscientização, na qual destaquei a capacidade humano que temos de transformar a natureza, agindo no mundo material, a partir de



uma matéria prima, a qual modificamos e damos uma finalidade, como já ensinava Aristóteles na teoria das 4 causas: a causa material, aquela da qual o ente é constituído, a causa formal, aquela que distingue o ente do todo, a causa eficiente, aquela que imprime a forma no ente, e por fim, a causa final, aquela que determina a razão de ser ou finalidade do ente.

Nesse caso, a causa material da pipa era o conjunto, bambu, linha, folha de seda. A causa formal era o modelo de pipa que decidimos fazer. A causa eficiente fomos nós, e a causa final é ser empinada gerando divertimento e demonstrando como somos capazes de dobrar os elementos da natureza.

Neste momento, Sara, exclamou: -- “É legal que dá pra gente fazer nosso material próprio, né?”.

Exatamente, a ideia aqui é que vocês percebam como não precisamos ficar presos ao que temos ou não temos aqui. Outra coisa importante que eu gostaria muito que vocês levassem desse aprendizado é que lazer não precisa ser caro. A gente não pode cair nessa lógica de consumo e ficar paralisado por achar que só é possível viver o lazer se a gente tiver muito dinheiro. Isso é falso e a escolha está aqui para demonstrar isso para vocês. Aqui, cultivamos justamente os valores contrários a esses em oposição ao lazer de consumo, vimos como é possível construir nosso próprio material.

Mais uma aula estava se encerrando, e ainda não havíamos terminado de encapar as pipas, quando fui novamente falar com a professora, que concordou sem nenhuma resistência em ceder sua aula para que terminássemos a confecção das pipas, já que a próxima aula seria o festival e nosso calendário estava muito apertado. No total essa aula foi constituída de três horas/aula.

Figura 67. Encapando as pipas





Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Figura 68. Encapando as pipas, cores diversas





Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Após terminarmos de encapar todas as pipas, partimos para as rabiolas. Entreguei novamente para cada um, um kit com fitinhas feitas de sacola de lixo, e a quantidade exata de linha para o tamanho desejado de rabiola que fosse adequado para o modelo de pipa que escolhemos.

Eles confeccionaram, com minha, ajuda e em duplas suas rabiolas e terminamos quase estourando o horário da terceira aula.

Figura 69. Pipas prontas



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

AULA 10

Título: Festival de Pipas

Data: 25/10/2023

Local: Praça do bairro

Tema: Lazer – Interesses Culturais do Lazer

Tempo: 2h



É chegado o grande dia... a culminância de tudo aquilo que previamente idealizamos e que foi saindo do papel assumindo suas formas e sentidos no chão da escola, na concretude do real. É a ciência aplicada na sua forma mais direta possível, sem intermediários e nem filtros.

C.O.: Um dos pontos altos do ProEF, é, sem dúvidas, essa realidade radical a qual os professores-pesquisadores estão submetidos no seu cotidiano, e de onde são instigados, suscitados a emitirem sua percepção daquilo que experimentam rotineiramente.

Recordo-me da professora doutora Dijnane Iza, ainda quando da graduação, me advertindo, que tempo é diferente de experiência, porque você pode passar a vida inteira fazendo algo de modo equivocado, e no fim sua experiência acumulada vai refletir isso. Não obstante o ProEF, como uma boa formação contínua deve ser, nos ajuda a refletir sobre nossa própria prática, evitando que caiamos no lugar comum do comodismo, do abandono do trabalho docente, do desinvestimento pedagógico ou de qualquer outro tipo de fuga das problemáticas que nos assolam na carreira docente que desejemos conceber ou cultivar. Ao contrário, esse é o melhor investimento que se pode fazer. Nesse banco de aperfeiçoamento, discussões, reflexões e conhecimentos pedagógicos, a garantia de retorno é certa.

Esse é o momento em que os alunos farão a vivência aberta, livre, não coagidos, preocupados apenas em demonstrar a autonomia adquirida ao longo do percurso que os habilita a vivenciar essa experiência determinante.

Antes de sairmos, conversei com eles sobre a segurança durante o tempo em que estivermos na praça, levantei suas expectativas para o grande dia, e sobre como os interesses culturais do lazer se interrelacionam e interconectam.

O aluno Melquisedeque faltou em muitas oportunidades e estava um tanto perdido em relação a nossa UD, ao que exclamou: -- “Aqui não dá pra fazer. Como que a gente vai soltar pipa na quadra?”.

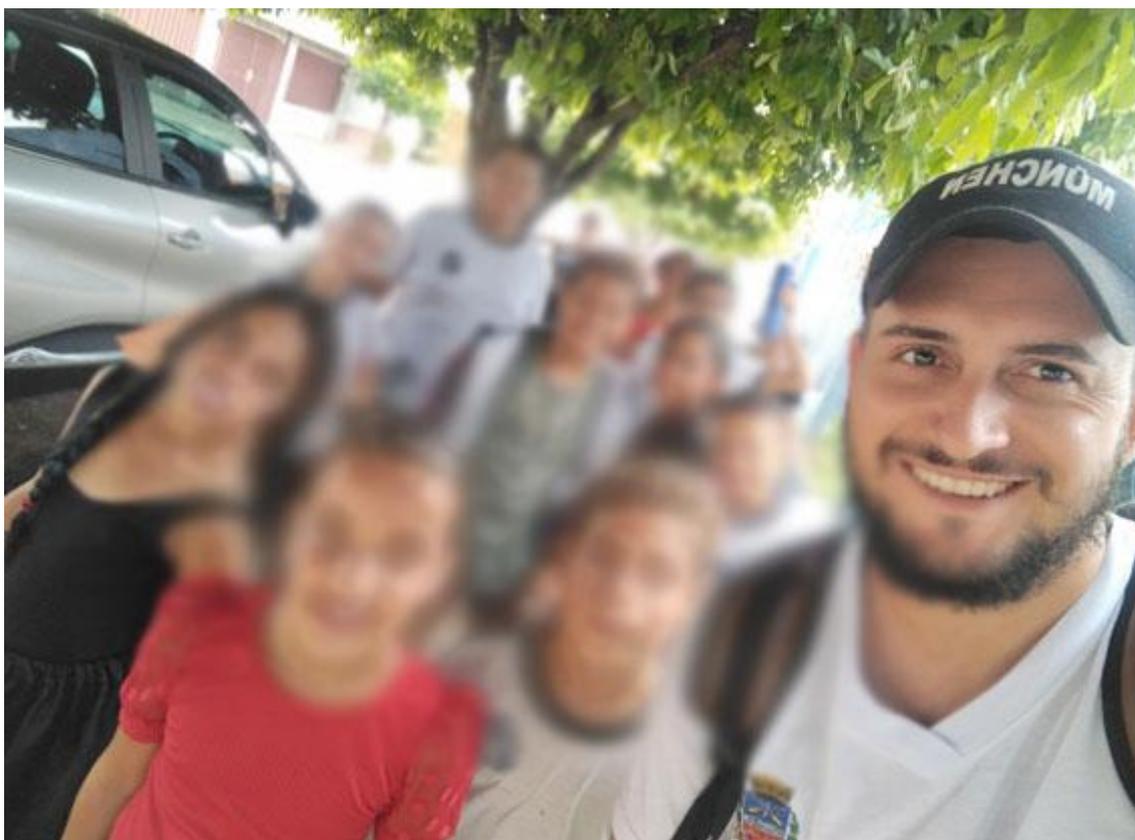
C.O.: Essa manifestação do aluno Melquisedeque fez emergir a necessidade da transposição dos muros da escola, mas sem abandoná-la como núcleo a partir do qual a iniciativa emergiu, bem como no qual ela pode ser fomentada, de maneira que tamanha



seja sua mobilização que ela extrapole ao seu entorno, envolvendo toda a comunidade sempre em uma perspectiva formativa educadora. (N10/I18)

Partimos para a praça, caminhando com nossas pipas em direção à concretização de um projeto do qual todos fomos parte integrante e ativa, de modo que conduzíssemos a formação pela seara da educação pelo lazer, culminando com a educação para o lazer.

Figura 70. Seguindo em direção à praça



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

C.O.: Uma peculiaridade a ser notada é que foi, também nesse dia, a festa de halloween, de modo que alguns alunos estavam fantasiados, o que conferiu um toque ainda mais divertido ao evento.

Este é o momento de encerramento da unidade didática, quando os alunos têm a oportunidade de experimentar e demonstrar a autonomia desenvolvida ao longo do processo, de modo que possam vivenciar as atividades, a partir dos materiais que eles



mesmos confeccionaram, de maneira emancipada da coação da lógica de consumo e dos obstáculos diversos que os impedem de acessar esses espaços e tempos.

O aluno Abraão, quando estávamos reunidos para a foto na praça, ao se deparar com todo aquele material disparou: “Vixe, sor! Cê gastou muito comprando tudo essas coisa, hein? É muito caro”.

Eu disse que o valor de termos feito com nossas próprias mãos as pipas que agora empinaríamos era muito superior a qualquer coisa que o dinheiro pode comprar, pois esse potencial emancipatório, esse sentimento de liberdade, de potência de ação, possibilidade de realização, isso tudo não tem preço.

Figura 71. Reunidos para o festival de pipas



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Foi assim que se iniciou o nosso festival... alguns meninos mostraram destreza para empinar as pipas, assim como algumas meninas. Aqueles que estavam com mais dificuldade, procurei auxiliá-los.

A praça não é arborizada, não conta com muitos bancos, não está ainda estruturada como uma praça pode ser, mas este foi o lugar do nosso encontro, era ali para onde, tudo aquilo que foi feito, confluía, em meio a outras crianças que não eram da turma, cachorros, alguns obstáculos, mas esse era o nosso festival, o festival do lazer da escola, o festival do lazer da nossa escola.



Figura 72. Empinando as primeiras pipas no festival



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Tínhamos permissão para ficarmos por 2 horas... tempo esse que parecia voar junto com as pipas em meio ao desfrute da concretização de um trabalho que se iniciou no ingresso do mestrado e se foi realizando ao longo de quase dois anos... dois anos em 2 horas.

Figura 73. Pipa no ar, céu azul ao fundo



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Foi maravilhoso poder observar a alegria estampada naqueles olhares semicerrados pelo sol, o astro rei, que mais uma vez era nosso fiel companheiro. Aqueles mesmos olhares que passaram comigo pelas ruas de suas casas compartilhando a intimidade de suas vidas.

Figura 74. Pipa azul no céu



Fonte: Professor-pesquisador, 2023



Eles empinavam as pipas feitas pelas suas próprias mãos, isso é educação pelo/ para o lazer, isso é lazer da escola.

Figura 75. Pipas no gramado



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Eu poderia ficar assistindo a este espetáculo por horas a fio. Era como assistir a um filho aprendendo a brincar, ensaiando seus primeiros passos, falando suas primeiras palavrinhas...

Figura 76. Pipa amarela



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Eu sei que isso não pertence apenas a mim... eu sei que isso é patrimônio da educação, essa tão sofrida e renegada educação, que abre espaços a cotoveladas, que respira enquanto tentam sufocá-la, que dá frutos enquanto podam seus bons galhos...



Eu não sei o que seria de mim se não fosse a educação. Eu sou filho da educação, eu tiro o sustento da minha família da educação, eu vivo a educação...

Figura 77. Pipeira com sua pipa



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Eu preciso dela, eu dependo dela, e acho que, pelos menos um pouquinho, ela precisa de mim; ela conta comigo; como aquela andorinha, aquela gotinha...

Figura 78. Pipas entre nuvens



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Após quase duas horas desfrutando o esforço do nosso trabalho, dando vazão aos sentimentos reprimidos, retornamos para o nosso ponto de encontro. A escola, parceira



da educação, mãe, filha, amiga, aquela que incentiva, aquela que mantém motivada, aquela que sustenta a chama acesa, aquela que não deixa a peteca cair, aquela brasileira, que não desiste nunca. Essa é a simbiose entre escola e educação, e por que não acrescentar mais um tempero a esse caldo? Há espaço para o lazer nessa mistura, sem dúvidas, ele vai dar o seu toque peculiar, o impulso que falta para alçarem voos mais elevados, tais como esses que hoje experimentamos.

Figura 79. Despedida do projeto



Fonte: Professor-pesquisador, 2023

Fizemos uma reflexão final, sobre as vivências realizadas ao longo da unidade, em relação aos aspectos mais relevantes para cada um, sobre como a unidade impactou em suas vidas, sobre a atual percepção acerca do que seja o lazer e de como posso acessá-lo, sobre a possibilidade de as atividades do contexto do lazer fazerem parte da rotina escolar, inclusive aparecendo em outras disciplinas, a autoavaliação, a avaliação da unidade e a avaliação do professor.

Para variar, Jezebel iniciou agradecendo pela oportunidade de poder vivenciar todas essas atividades, por eu ter escolhido a turma dela, entre tantas turmas que eu poderia ter escolhido, e afirmando que o lazer, para ela, agora, é algo que a deixa feliz e que ela quer experimentar mais vezes em sua vida.

Moisés disse que gostou muito de todas as atividades, principalmente de hoje e dos conteúdos virtuais. Disse ainda que adoraria que essas atividades fizessem parte das aulas na escola para sempre.



Maria disse que tudo merece nota 10,0 e que gostaria de poder dançar, como fez nas primeiras aulas, mais vezes na Educação Física.

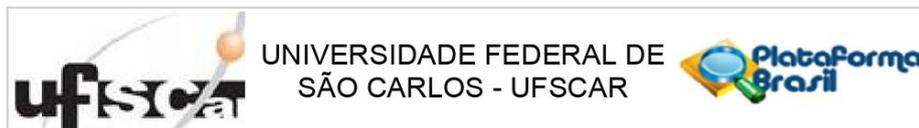
Melquisedeque encerrou agradecendo pela UD ter sido realizada com a turma deles, e mencionando que agora sabe que muitas atividades que já fazia são consideradas do contexto do lazer.

E assim, finalizamos as atividades da Unidade Didática sobre os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física com os alunos do 5º ano de primeiro ciclo do ensino fundamental.



10 ANEXOS

10.1 Item A – Parecer Consubstanciado – CEP/UFSCar



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lazer e Educação Física Escolar: uma Proposta de Unidade Temática para o Ensino Fundamental

Pesquisador: João Batista Coutinho Netto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71088023.8.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.280.480

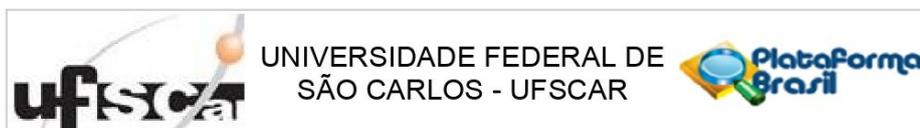
Apresentação do Projeto:

A apresentação do Projeto foi extraída dos seguintes documentos anexados na PB em 07/08/2023
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2137274; PROJETO_LAZER_JBCN; TCLE_TALE

Resumo:

A perspectiva adotada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação ao lazer, transita, por um lado, entre a compreensão do fenômeno enquanto um espaço-tempo no qual seja possível o desenvolvimento de diversas práticas, e por outro, enquanto uma condição ou carácter de fruição que uma determinada experiência pode assumir, não obstante, passível de variação de modo a admitir, por exemplo, contornos laborais, educacionais entre outros. Nenhuma das nuances sustentadas na base sugere o lazer como tema, a partir do qual, conteúdos, habilidades e competências podem ser desenvolvidos e consolidados no cotidiano escolar, sejam nas aulas de Educação Física ou em quaisquer outros componentes curriculares em que o termo apareça. Propor o lazer enquanto tema gerador de conteúdos para as aulas de Educação Física a partir dos interesses culturais, pode se mostrar uma ação importante na garantia de direitos constitucionais de acesso aos alunos, na efetivação de suas aprendizagens, bem como na apropriação de elementos constituintes da cultura. Nesse sentido, o presente estudo emerge da problemática relacionada à ocorrência de certa demanda reprimida no ambiente escolar, acerca dos espaços e tempos destinados às práticas de lazer. A partir de estudos sobre os interesses culturais do lazer e

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.280.480

Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2137274.pdf	07/08/2023 14:50:14		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versaol.pdf	07/08/2023 14:48:23	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6218367.pdf	07/08/2023 14:48:08	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_LAZER_JBCN_ATUALIZADO.pdf	07/08/2023 14:47:50	João Batista Coutinho Netto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TALE_ATUALIZADO.pdf	07/08/2023 14:47:08	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ATUALIZADO.pdf	07/08/2023 14:46:13	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	04/07/2023 21:51:31	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_DE_AUTORIZACAO.pdf	04/07/2023 21:51:20	João Batista Coutinho Netto	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_CEP.pdf	04/07/2023 21:15:26	João Batista Coutinho Netto	Aceito

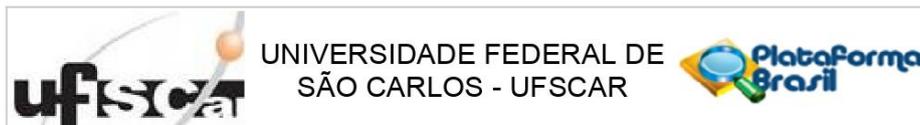
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.280.480

SAO CARLOS, 04 de Setembro de 2023

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br